Número avulso $20

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ADMINISTRADOR
António da Costa

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, João P. Antas
Redactor principal
Domingos L. Agostinho
Secretário

DIRECTOR
Mário dos Santos

N.º 56 — 8.º ano | Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército | Janeiro de 1923

Aniversário de "O Profissional"

O Profissional, modesto órgão dos Pupilos do Exército, ao entrar no seu oitavo ano de existência, apresenta aos seus dignos leitores, colegas e amigos, a expressão sincera da sua profunda gratidão.

Para os que não conhecem a maneira simples mas arrojada como êste pequeno mensário, conseguiu vir à luz do dia, para êsses é evidentemente de medíocre importância, o facto de os alunos do Instituto o manterem há oito anos em constante publicação.

Para aqueles porém, que, como nós, sabem quantas más vontades é necessário vencer no desempênho desta missão, e muito principalmente ainda, para os que se encontram ou se encontraram já em idênticas situações á nossa, julgo bem, que já isso é bastante mais significativo, e o trabalho que êle tem merecido, apreciado mais perfeitamente.

É evidente que, tudo quanto acima fica expresso, se não deve tornar como lamúria ou desalento, nem muito menos como elogio ao nosso trabalho, pois infelizmente nem sequer disso nos podemos orgulhar, não! O que com estas palavras desejamos frizar bem é que, só uma decidida vontade pode fazer triunfar tal desejo, e que, tudo quanto de elogioso se disser daqueles que até hoje têm engrandecido *O Profissional*, é pouco, muito pouco mesmo, relativamente à energia que dispenderam nessa obra comum.

É nesta singela e despretenciosa homenagem que registramos com desvanecido prazer, envolvemos — sem indicar nomes — não só aqueles que têm exercido qualquer missão especial adentro do mensário, mas também os que, com a sua desinteressada e valiosa colaboração, o ajudaram a caminhar e progredir.

Seja-nos permitida no entanto, uma pequena excepção, pois ela é como vereis, em tudo justificável. Trata-se de alguém que a nenhum de nós é lícito esquecer e que tão bastas vezes gravou o seu nome nas colunas de *O Profissional* com um brilho não igualado ainda: é Isidoro José de Brito, o encantador poeta e saüdoso amigo que a morte tão cêdo afastou da Terra, mas que viverá eternamente em todos os nossos corações.

*

Escritas estas singelas palavras resta-nos apenas saüdar novamente em nome de *O Profissional*, os seus presados assinantes, alunos e digníssimo corpo docente do Instituto, assegurando que, cada vez mais nos empenhamos em cumprir o mandato com que nos honraram, de maneira a que nos possam julgar merecedores da confiança que em nós depositaram — *A Direcção.*

...Da Solidão

(Memórias dum eremita)

Subiu a encosta escabrosa do monte; trepou às alcantiladas rudezas naturais; transpôs os obstáculos sinuosos da braveza estéril, e achou-se por fim na parte mais alevantada do precipício.

Abrange num olhar, o mundo rodando a seus pés, numa convulsão endemoninhada, aterradora, cruel.

Respira fundo; o ar é mais puro, mais leve, mais suave. Respira mais e a alma envelhecida, dilata-se, enche-se de vida, torna-se jovem novamente.

Olha as íngremes faldas, cheias de urzes bravias, grosseiras; de cardos agrestes que já pisou na insana luta de vencer. Cerca-o a esterilidade da montanha e a solidão das gentes. Não chegam até êle as blasfémias dos homens, os impropérios das massas, as desarmonias dos povos. São-lhe desconhecidas as vaidades, as traições, as infâmias, as malquerenças.

Onde está, é tudo santo; desde o tojo que vegeta nos áridos terrenos batidos das agrestes nortadas, às avezinhas que não temendo a presença dum extranho fizeram o ninho junto da sua rude caverna. Sim! Êle tem uma caverna onde repousa, e onde completa a sua abstracção por êste complexo incompreensível a que chamamos vida.

E à noitinha, o luar antes de iluminar as vielas viciosas, vem bafejar a irregular abertura da sua habitação, e entrando por uma fresta a que chama janela, dá às paredes musgosas um aspecto singular que o deleita, que o encanta.

A calmaria é grande. Só de vez em quando se ouve o rugir de algum animal bravio, cuja ferocidade, algumas vezes o homem sobrepuja. Circundam-lhe a vizinhança catervas de brutos, mas passam, deixando-o em paz na mansidão do seu retiro. E êle deixa-os seguir sem provocar os seus instintos ferozes. A' noite, quando a luz do luar se debrua por entre as sinuosidades da gruta, sente a sua presença e não desgosta em todo dirigir-lhes palavras de carinho e sorrisos de complacência. E êles farejam e atastam-se, compreendendo perfeitamente o seu dever de irracionais.

Muitas vezes adormece embalado pelo seu rugir feroz sob os enormes blocos de granito que constituem a sua vivenda insulada.

E' doce, muito doce, a vida na solidão!...

* * *

Chamam-no à vida de meditação e observação, os raios difusos na madrugada alvinitente da montanha.

Ergue-se da macia enxêrga que substitui vantajosamente a cama da cidade, e inicia cotidianamente a vida que se propôs trilhar.

Abre a porta da caverna defendida de qualquer intromissão extranha por pesadas alavancas graníticas, e executa ao ar livre a mais sã e mais profícua ginástica necessária à desenvoltura do corpo e lucidez do espírito.

Parte depois para as suas visitas predilectas através das escarpadas colinas cobertas de urze e tojo, e em tôda a parte onde se encontra, um silêncio profundo envolve a natureza.

Que magnitude! que imponência! E' o deserto!, é a paz!, é o sossêgo!...

Pela sua estada que já dura há algum tempo, conseguiu contrair conhecimentos com os indígenas dêstes sítios. Os corvos rebeldes vêm muitas vezes merendar junto do seu palacete...

* * *

Os horizontes são largos, abertos, límpidos.

Dum ponto de observação domina o mar, mas os bramidos indómitos não conseguem fazer-se ecoar para àquém dos píncaros de granito, onde a fúria dos ventos e as inclemências das chuvas conseguiram gravar profundamente os mais incoerentes caracteres, dando por vezes a impressão dum alfabeto arcáico, ou dum desenho primitivo.

E' freqüente passarem lá ao longe com lentidão, os grandes paquetes transoceânicos, deixando atrás de si uma esteira láctea de espuma sôbre as águas esverdeadas do mar imenso.

Quantas tristezas e quantas alegrias, quantos sofrimentos, quantas desventuras, êle não adivinha naqueles que o acaso, a necessidade ou lôgro, obrigam a viajar nesses enormes domadores das fúrias marinhas.

Lá dentro, êle sabe muito bem, vai a viúvinha lacrimosa, vendo no espelhar brilhante das águas revôltas, a triste senda da sua vida dilacerada pelo desgôsto; o emigrante escorraçado pela fome e desalentado por um viver penoso e dorido, esperando voltar em breve com um pecùliozinho que lhe permita garantir e aos seus, uns dias de felicidade e consolação; o capitalista ambicioso cujo pensamento se limita em procurar encher a

burra de dobrões de oiro, sem todavia se lembrar dos infelizes: uma enorme legião composta das mais desencontradas hierarquias, que, ou procura o bem estar, ou exerce o seu mister.

Não faltam lá certamente os degredados, êsses infelizes que o infortúnio lançou na conduta nefasta do mau caminho e que vão cumprir crimes de que nem sempre têm culpa...

E se indagássemos bem, no fundo do convez, por onde passeiam os ratos, nos cantos mais escusos, encontraríamos sem dúvida os miseráveis vadios, refugiados, ou sob um monte de cordame, ou entre um molho de velas...

E o navio segue invariàvelmente a sua rota, enquanto êle cogita nas incógnitas manifestsções que se dão a bordo neste momento...

*
* *

Como é delicioso escutar o ruído monótono duma cascata desdobrando-se em borbotões cristalinos reluzentes à luz doirada e mirificante dos raios aurifulgentes do sol!

Por vezes chega a ter a impressão de que as diversas diferenças rápidas de declive, espelhantes, cobertas de reflexos, são as pregas de túnicas prateadas de anjos que porventura trilharam em holocausto, êstes paradeiros desconhecidos das sociedades.

As águas caindo estrepitosamente de fraguedo em fraguedo executam uma incompreensivel melodia dissonante cheia de graça e cheia de beleza, que atrái, sublima, estonteia, os espíritos ávidos de solidão e sossêgo.

As níveas espumas momentâneas, são a imagem da vida, que se forma, dura, e se esvai num ápice, mais rápida que um sôpro indeciso da viração, mais obscura do que o rugir leonino da selva imensa.

Nos murmúrios da água há almas a chorar, soluços de vozes perdidas no ocaso, gemidos dolentes da brisa subtil e diáfana...

Afastou-se um pouco da sua residência, internou-se numa copada floresta verdejante, e depois de muito caminhar, absorto em divagações excêntricas, começou distinguindo um rumor extranho que havia muito o não sensibilizava e que em breve reconheceu ser o de uma cascata imensa, precipitando-se na hediondez do abismo.

Êste facto fêz renascer em si um pouco de lirismo que a convivência rude da natureza tinha apagado no seu modo de ser.

Sentou-se. E contemplando as transparentes águas, sobrepondo-se, deslizando continuamente, evocou uma página real do seu passado tormentoso e injusto. Reavivaram-se-lhe como por encanto factos que julgava esquecidos para todo o sempre e que tanto lhe fazem marejar os olhos de lágrimas, como lhe originam gestos de repulsa quando os retrata na mente atraiçoada pela dor...

Castelos imaginários de ideias em desalinho povoam-lhe o cérebro, enquanto escuta o marulhar monótono das águas. Reúnem-se novamente fantasias incoerentes da mocidade que um dia avassalaram o seu espírito e que neste instante não são mais do que pó virulento do infortúnio lutando contra os dogmas do mais forte e poderoso, mas nem sempre o mais racional e justo.

Ergue ao céu os punhos cerrados de indignação e demência mas consegue dominar a convulsão impulsiva que lhe faz vibrar os nervos de raiva contra os elementos.

Abranda a cólera ante a maviosidade da da viração entoando ladainhas por entre a frêsca ramagem das árvores gigantescas, e retira-se dêste sítio que lhe reaviva pensamentos cruéis de desespêro.

E' preferível para êle não se deixar vencer pela mesquinhez e baixeza do passado e por isso deve procurar os sítios que lhe falem simplesmente da vegetação bravia, dos montes escarpados, das colinas rochosas e denegridas. Acha mais salutar ouvir uivar a hiena do que fazer renascer no espírito uma aventura amorosa dos tempos de rapaz... Encanta-o mais nesta ocasião o gemer do vento pelas frestas da sua caverna, do que escutar as notas harmoniosas dum piano que lhe viriam relembrar os prazeres da sua mocidade irrequieta...

Como está mudado! Como êle se sente outro desde que tem por vizinhos as rudes manifestações da natureza, por lenitivo as fases mais puras da atmosfera e por compensação o escárneo com que aprecia o vegetar dos seus concidadãos de outrora.

Dantes, o seu coração fazia eco a tôdas as impetuosidades do progresso e da civilização que preocupam as gentes; agora não é mais do que um regulador material das suas compassadas respirações. Dantes, sensibilizava-se com qualquer facto por mais insignificante que fôsse, desde que êle tivesse por base a razão e por argumento o sentimento; agora vai-se empedernindo, vai-se tornando agreste: já não sente, já não ama, já não sofre...

*

Do alto da colina, relanceando o olhar pela vastidão sidéria do espaço, assiste impassível ao caminhar incessante da civilização.

Atravessando velozmente a planície larga, passa o combóio deixando atrás de si léguas e léguas de terrenos cobertos de vegetação rasteira ou dum arvoredo improdutivo e infecundo. Agitam-se lenços brancos acenando numa despedida o adeus de quem embarca, que deixa uma saüdade a mais no coração de quem parte e uma melancolia intensa no coração de quem fica...

*

Há pouco, à sombra dum roble secular, absorvia lentamente as páginas dum grande mestre. Folheou, folheou, encantado pela alevantada sucessão dos factos, perfeita definição dos personagens, sublimidade da frase e alta concepção filosófica. Mas ao chegar quási ao têrmo da sua leitura aprazível, arrependeu-se de ter trazido até a solidão o livro com que pouco antes se deleitava.

A' margem descobriu anotações feitas em tempos que passaram e pelas quais hoje sentiria repulsa se alguém o aconselhasse a escrevê-las outra vez. Meditou profundamente àcêrca dessas poucas frases feitas a lápis, e sôbre as quais já decorreu um bom par de primaveras.

E embora contra sua vontade, sentiu-se transportado à vida incauta de quando o impressionava o labirinto desencontrado da vida. Essas frases soltas, antigos lampejos de vida, falando no seu mutismo, quási o convenceram a voltar à realidade da existência e despedir-se das aves, das feras, dos granitos.

Mas a tenebrosa lembrança dos ecos passados da sua vida, tormentos e dissabores, obrigam-no a pôr de parte essa ideia e abdicar duma vez para sempre do convívio da sociedade inexorável.

E para não tornar a reavivar as coisas que já lá vão e que por vezes o repugnam, arremessa por cima dos penhascos, o livro que o fêz vacilar na conduta do seu futuro, resolvendo não abandonar a convivência estéril da solidão!...

Conservar-se há assim, acima de tudo quanto é mau e torpe, tendo por consoladora a braveza selvagem da montanha e por imagem da sua vingança as fôlhas rasgadas do livro, donde pessoa alguma poderá jamais ir retirá-lo...

Abilio Quadros

2°. ano médio de comércio

O Leque

a um leque encontrado na mata da Trafaria em 1 de Setembro de 1922

Nas varas dêsse leque tremulante
que eu encontrei no chão abandonado,
julguei ver ó minha casta amante!
visões sublimes dum sonho encantado;

De gase fina como o teu vestido
inchando á brisa matinal, que ufana
por beijar o teu corpo apetecido,
vem e volteja e foje sempre insana;

Nas águas prateadas do luar,
de vela altiva desfraldada ao vento,
um galeão airoso a deslizar
recorda a fantasia, o vão portento...

E nas areias, que ainda mulher,
olhando o mar numa expressão tão vaga!...
Tão misteriosa como o mal-me-quer
ou como a brisa que o cipreste afaga...

Há quem diga que há fadas, eu não sei;
mas se for certo, sublime Deus meu!
O pequenino leque que encontrei
foi duma fada linda, que o perdeu;

Cujos olhos são como a noite escura,
misteriosos, ardentes, com fulgor...
uma folha do livro «sem ventura»
em que o poeta lê chorando: amor...

Não seria talvez o companheiro
da tua fantasia tão revolta?
Não beijaria o teu amor primeiro
numa hora que foi e já não volta?

Eu dou-te o leque, fada vaporosa,
mas vem depressa, vem junto de mim;
quero beijar-te as pétalas ó rosa!
quero afagar-te as asas, querubim!

João Pires Antas

1.° ano geral

O LEITE

A indústria dos laticínios, cujo desenvolvimento se tem acentuado nos últimos tempos, muito principalmente nos países do centro e norte da Europa, devido à humidade do seu clima, é sem dúvida alguma de capital importância para a vida económica dos povos, pois da sua maior ou menor perfeição, advirão também melhores ou peores condições físicas na sociedade.

Em Portugal, cujo clima é totalmente diverso do de aqueles outros países, há porém uma considerável produção de laticínios chegando algumas localidades, provincias mesmo, a ter neste ramo agrícola uma grande fonte de receita.

Sob a designação de laticínios, compreendem-se todos os produtos resultantes do leite, motivo porque, para seu absoluto conhecimento, é necessária uma perfeita maneira de upreciar as qualidades dêste último.

O leite, liquido branco ligeiramente azulado ou branco amarelento, com sabor dôce e cheiro particular, diverge muito nas suas propriedades, conforme a espécie do animal do que provem, idade, raça, pastos, região

em que habita etc., pelo que é conveniente, efectuar em cada localidade, um exame prévio com leites já conhecidos, cujo gráu de pureza não possa ser pôsto em dúvida, e para que os seus dados sirvam de base ao fim proposto.

Tem duas espécies de glóbulos; uns grandes, translúcidos, redondos e deslizando com facililidade sôbre si mesmos — *os de manteiga*; outros, — e êstes em maior número — menos brilhantes e mais opacos contêm a *matéria albuminóide*.

O leite quando se deixa repousar durante algum tempo, separa ao de cima — a nata ou crème — substância amarela e untuosa, e torna-se mais denso e menos grosso como é evidente: — é o leite desnatado.

Êste, em tempo quente, ordinàriamente no espaço de 36 horas, experimenta um princípio de fermentação e diz-se que o *leite talhou* — pois deposita farrapos brancos de queijo.

A acção dos ácidos e de outros conhecidos reagentes, fá-lo separar em duas partes bem distintas: uma sólida, branca e muito opaca — o coágulo, — a outra, transparente e líquida — o soro. Êste deve ser amarelado. Se tem côr branco — acinzentada, deve suspeitar-se de ter sido falsificado com fécula, o que é facilmente verificado tratando-o com tintura de iodo, com a qual dá o iodeto de amido (cor azul).

Quìmicamente, o leite compõe-se de matérias: proteicas, sacarinas, ácidas, salinas e gordas, dissolvidas tôdas elas na água.

Entre as matérias proteicas, temos a caseína, a albumina e o lacto-proteína. A matéria sacarina, ou lactose, também chamada *açúcar do leite* é fàcilmente separada por concentração, seguida de longo repouso. O ácido mais importante que existe no leite — é o lactico, e os fosfatos, cloretos, sulfatos etc., constituem as matérias salinas.

Para analisar um determinado leite, devemos começar por verificar o seu sabor, cheiro, tacto etc., e só depois destas verificações se deverá passar á determinação da densidade, cuja média é de 1033 gramas por litro à temperatura de 15º.

Esta determinação, faz-se usualmente pelo *lacto-densimetro de Quevenne*, o qual encerra duas escalas; uma, amarela, refere-se ao leite desnatado — *créme* —; outra, azulada, diz respeito ao leite *non écrémé*. Diante destes números há outros sob a forma fraccionária que indicam a quantidade de água que lhe foi adicionada. Resta por fim, fazer a leitura do *lacto-densimetro* sem que nos preocupemos com as indicações relativas à água, as quais nos serão dadas com mais exactidão pela análise química.

Se porém, o ensaio tiver sido feito a uma temperatura que não seja a de 15º, é necessário fazer a correcção, o que é muito fácil, se atendermos a que, por cada 5º acima ou abaixo, o leite diminui ou aumenta de 1 gráu, ou um grama de pêso.

No entanto, o *lacto-densimetro* não é de grande utilidade prática, pois se o leite tiver sido desnatado e se lhe juntar água salobra, pode ficar igualmente denso, ao leite natural; assim também, se a vaca de que o leite provém tiver sido mal alimentada, ou alimentada de maneira a que lhe provoquem muita água, o lacto-densimetro, acusar-nos há um fraude que na realidade não existe.

*

* *

A determinação da nata pode fazer-se por vários processos, mas o mais rápido e usual é o da Banck, em que se aplica o *Cremómetro de Chevalier*, espécie proveta graduada na qual se deita o leite até à divisão *O*. Deixa-se repousar depois, durante 24 horas a uma temperatura média de 15.º, findas as quais tôda a nata se acha depositada ao de cima, Em seguida, faz-se a leitura do vulume ocupado pela coluna de nata, de forma a que o raio visual seja tangente ao seu plano inferior; 9 a 10 % é a marcação para os leites considerados bons.

A vantagem do *Cremómetro* sôbre o *lacto-densimetro*, é que aquele diz-nos se o leite foi ou não desnatado, o que êste último não faz.

Pode porém dar-se o caso do leite ter sido desnatado, em virtude duma provável riqueza de nata e depois lhe ser junta uma porção de água, dando o *cremómetro*, uma camada de nata de 10 %. Nestas condições, deve doziar-se a água e a manteiga; se se encontrar 90 % de água e 3 % de manteiga, o leite é puro. Em caso de desvio dêstes números, o leite é falsificado.

A determinação da manteiga pode fazer-se pelo processo *Marchand* que é o seguinte: Deitam-se num tubo fechado numa das extremidades — lacto-butirómetro — 10 cm3 de leite e duas ou três gotas dum soluto de soda cáustica. Por cima, uma quantidade de éter igual à de leite. Agita-se o liquido para dissolver a manteiga e deitam-se lhe por fim, mais 10cm3 de de alcool de 86 a 90.º. Agita-se novamente, e colocando o tubo em banho-maria, o éter evapora-se e a manteiga sendo insolúvel no alcool, aglomera-se ao de cima, formando uma coluna de espessura variável que se mede por um cursor.

*

* *

As substâncias que mais importa determinar na análise química do leite, são: *a caseína, manteiga, albumina, lato-proteina, açúcar, água, e sais*. Há vários processos analíticos mas o mais usual é o chamado — *processo de Millon* —.

Assim, medindo 0,m3025 de leite, dividindo-os em 4 volumes iguais de água destilada e adicionando-lhe 5 a 6 gotas de ácido acético, dar-se há a coagulação completa; filtra-se em seguida o leite coalhado.

Para determinarmos a *caseína*, o líquido proveniente da operação precedente é retirado um momento, fazendo-se a operação sòmente, com a parte coagulada, à qual são adicionados sucessivamente alcool e éter até que uma gota do líquido não deixe nódoa de gordura ao ser recebida numa espátula. Depois deixa-se secar o filtro que tem a caseína e pesa-se. Este pêso, diminuido do pêso do filtro, indica qual o pêso de caseína existente em 25 centim.3 de leite.

*

A *manteiga* encontra-se com os líquidos alcoólicos com que foi lavada a caseina, os quais são recolhidos numa cápsula que tenha sido prèviamente tarada, para, pela sua evaporação a banho-maria, ficar apenas a manteiga. Pesando tudo e descontantando ao pêso obtido, o da càpsula, tem-se evidentemente a manteiga.

*

A *albumina*, é determinada com o soro que nós primitivamente retirámos, quando da determinação da caseina, o qual é dividida em 3 partes iguais

Uma delas, faz-se ferver até depositar a albumina, que se nos apresenta como que em farrapos. Filtra-se em seguida e pesa-se a albumina que ficou no filtro, depois de sêca num vidro de relógio.

Êste pêso, descontado do vidro, é evidentemente o pêso de albumina existente em uma terça parte de 25 centim.3 de leite e que multiplicado por 12, dá a percentagem por litro.

*

A *lacto-proteina* determina-se pelo líquido que abandonou a albumina quando da filtração, o qual é adicionando de algumas gotas de acetato de bióxido de mercúrio, que o precipita. Filtra-se depois, e lava-se o

precipitado, no filtro, com água acidulada com ácido azótico e depois com álcool; seca-se e pesa-se.

O pêso obtido, diminuindo de 20% que é o pêso de óxido de mercúrio que ficou na lacto-proteína, é a existência dêste elemento em uma terça parte de 25 centim³. de leite. Fazendo como para a albumina, isto é, multiplicando o valor achado por 12, tem-se a percentagem por litro.

*

Já vimos que uma das partes em que se dividiu o soro, é empregado na determinação da albumina. Restam-nos portanto, ainda, duas partes.

Uma delas, aproveita se para determinar a *lactose ou açúcar do leite*, que é tratada por umas gotas de acetato de chumbo e filtrada em seguida. O líquido obtido pela filtração trata-se pelo ácido sulfídrico em corrente, o qual faz precipitar o chumbo; filtra-se novamente medindo o líquido desta última filtração.

A reacção principal é depois feita com o licor de *Fetling* misturado com água destilada na proporção de 1 para 4, mistura esta que se aquece até ferver. Logo que ferva, deita-se-lhe gota a gota, o líquido medido, até que a mistura primitivamente azul, se torne perfeitamente clara.

Mede-se depois o líquido gasto, o qual encerra 0,gr. 132 de lactose. Sabendo que, num deteminado volume existe tal quantidade de açúcar de leite, sabe-se evidentemente quanto existe no líquido total, para o que basta uma simples proporcão.

*

A' *água* determina-se evaporando a banho-maria até à secura 100gr. de leite. Pesando o resíduo sêco e subtraindo-o do pêso de leite, tem-se o pêso de água.

*

Os *sais*, determinam-se utilizando a outra parte do soro que ainda resta, a qual é levada à secura e calcinado o resíduo.

Pesadas as cinzas tem-se a sua existência em uma décima parte de um litro.

*

Determinação do extracto sêco a 100°:

Deitam-se 10 cm³ de leite numa cápsula de platina que tenha sido préviamente tarada. Evapora-se depois a banho-maria durante 7 a 8 horas findas as quais se deixa esfriar sôbre um secador de ácido sulfúrico.

Pesa-se. O aumento de pêso da cápsula, multiplicado por 100, corresponde ao extracto sêco que existe num litro dêsse leite.

Mário dos Santos
2.º ano médio de comércio

A felicidade de uma vida, depende em grande parte, da nossa aptidão em escolher os amigos.

Tirai do mundo a mulher, e a ambição desaparecerá nos corações puros e generosos.

Alexandre Herculano

Transmissão de imagens pelo telegrafo

Ninguém ignora a febre de invenção que devora actualmente o mundo scientífico. Dia a dia ,aparecem novos inventos, novos aparelhos, novos processos, uns que simplificam o trabalho do homem, outros que desenvolvem extraordinàriamente as suas relações com os outros homens. Todos procuram fazer as coisas melhor e mais ràpidamente hoje, que ontem, e estudam a maneira de as fazer amanhã melhor que hoje. A *vertigem da novidade* é geral, tanto nas sciências, como em todos os outros ramos da actividade humana.

Um dos inventos mais modernos e mais curiosos, que irá dar grande impulso principalmente à imprensa e às investigações policiais, é a tele-fotografia (transmissão de imagens pelo telégrafo).

Foi em 1920 e 1921, que M. Edouard Belin começou a experimentar um aparelho para a transmissão, pelo telégrafo, com ou sem fios, de plantas, desenhos, fotografias, impressões digitais, etc,tendo colhido bons resultados. As primeiras reportagens tele-fotográficas foram efectuadas para o Matin e Daily Mail. Depois disso, já os seus operadores conseguiram efectuar transmiscões e recepções de imagens entre várias cidades da França, e até em circuitos internacionais. É pois uma invenção que entrou no domínio da prática.

Conquanto o aparelho seja complicado pelo número de peças que contém, o seu princípio é bem simples; é o seguinte:

Na estação transmissora, a imagem a transmitir, é por qualquer processo que nos não interessa, transformada noutra cujos traços formam uma ligeira saliência. Esta imagem é enrolada num cilindro do aparelho transmissor, que gira com uma certa velocidade num sentido determinado, e sôbre a superficie do qual se apoia um estilete extremamente sensivel, que pelos seus movimentos estabelece ou interrompe a corrente. Pondo o cilindro a girar, o estilete levanta-se ou abaixa-se conforme encontra saliências ou sulcos, e assim lança no espaço ondas hertezianas mais ou menos extensas.

Na estação receptora, as ondas recebidas vão accionar um galvanómetro, que tem por efeito deslocar um delgado fio de *quartzo* que tapa ou descobre uma fenda pela qual passa um raio de luz, que vai incidir num cilindro,

Sôbre êsse cilindro, das mesmas dimensões do aparelho transmissor, e guiando no mesmo sentido e com a mesma velocidade, está enrolado um papel sensível (papel brometo) que é impressionado ou fica em branco conforme a fenda é descoberta ou tapada. É assim que a imagem transmitida é reproduzida fielmente.

Assim se podem conseguir resultados inacreditáveis, como a publicação nos jornais da Europa de fotografias tiradas na véspera ou nesse mesmo dia na América, ou a descoberta de um criminoso pelo envio para diferentes lugares, das suas impressões digitais ou da sua fotografia.

António Marcelino
2.º ano geral do comércio

A mulher perante o "Sport"

O *Sport* serve maravilhosamente a graça feminina. E então no estrangeiro, a mulher colhe dêle todos os seus frutos.

Dedica-se em extremo, apaixona-se verdadeiramente pelos assuntos desportivos, a ponto de haver grupos de foot-ball femininos

Desenvolvendo-se a si própria, ela tenta alcançar desta forma a superioridade física sôbre o homem.

Observamos já hoje que algumas jovens possuem brilhantes títulos que o sexo masculino poderia ter alcançado.

É bom notar, que eu não digo como muita gente que ela deve praticar o *box*, a luta ou *foot-ball*.

Mulher portuguesa que te mantens insensível a todos êstes desportos. Pois quem te não renderia homenagem à elegância, ao encanto, à beleza, com que se dedica ao tenis, à esgrima, à equitação, à natação, ao golpe etc., etc., a mulher estrangeira!

Mulher portuguesa que copias os figurinos e enveredas peles modas de Paris! que fazes perante o *Sport* em Portugal?

Limitas-te a cultivar apenas na sua infância um pouco de tenis, natação e equitação quando muito.

Isto, é pois insuficiente.

E é tão insuficiente, que ela infelizmente pela sua falta de educação física e espiritual recorre à modificação do seu vestuário para se compensar, isto é, para encobrir a falta de dons que a Natureza lhe não deu.

Porém a evolução dêsse vestuário segue numa marcha errada.

Mulher portuguesa, enquanto tu assim prossegues, a mulher estrangeira conquista o espaço no seu formoso avião, e semelhante a uma águia, volvendo as azas ao céu, ela demanda mundos ideais.

António B. da Costa
2.º ano médio de comércio

Ecos

Do «livro de visitantes», recortamos hoje as impressões deixadas pela ilustre comissão de Guerra do Senado, quando da sua visita ao Instituto, em Julho do ano lectivo próximo passado:

Nas horas, por tantos motivos, emocionantes de beleza moral e de enternecido carinho que tivemos a ventura de gozar na minuciosa visita que acabamos de fazer a êste modelar Instituto, ficou-nos a alma prêza da maravilha de trabalho, de dedicação, de disciplina e de confôrto que nesta casa bendita, professores e alunos devotadamente revelam

Obra de verdadeira reconstrução nacional, a atestar, sem um desfalecimento, as grandes virtudes da nossa raça, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, representa na vida da República uma das suas mais belas criações; é, já hoje, um dos seus mais legítimos padrões de glória e de orgulho.

Para temperar as almas para a luta e preparar os cidadãos para a vida, para educar vontades, acordar vocações e orientar espíritos, não podia a República encontrar mais eficaz processo, nem confiar a mestres mais competentes e mais prestimosos a direcção espiritual, profissional e mental dêste viveiro fecundo.

Que cada um de nós, em agradecimento do muito que admirámos, se faça lá fora, na vida pública e na vida particular, um pregoeiro iluminado desta reconfortante e magnífica obra que só deixava de comover aqueles que, despidos de esperança e adormecidos no caminho, se não apercebam da hora que Portugal está vivendo.

Romeiros dum grande ideal, os que dirigem êste Instituto souberam compreender que para formar consciências, lapidar e fortalecer caracteres, é mister, acima de tudo, possuir uma fé indeclinável nos melhores destinos da Pátria e um amor sem limites às crianças da nossa terra. Bem hajam, pois, os que passam a vida fazendo a sementeira do Futuro.

Ao sairmos daqui, retemperados por uma nobre lição de amor e de civismo, uma indomável ânsia nos absorve — a de proclamar, bem alto, para que todo o país nos ouça, que só com Institutos de educação e ensino, como êste, inspirados nos mesmos métodos e aqueles pelo mesmo espírito, Portugal há-de ser grande progressivo e forte, e a República, esplendente, gloriosa e imortal. a) ***Artur Rego Chagas, José Augusto Ribeiro de Melo, A. M. da Silva Barros, César de Lima Alves, Francisco Vicente Ramos, José Mendes dos Reis, Joaquim Ferreira da Silva, João Alpoim Borges de Castro, Francisco António de Paula, Aníbal A. Ramos de Miranda, António de Medeiros Franco.***»

A Direcção

Amigo

Vi hoje o louco que nas ruas da cidade provoca o riso da estúpida multidão, dizendo sempre: Aninhas... Aninhas...

Estava no jardim, alegre e descuidado, mas, ei-lo que passa, muito direito, as faces encovadas parece um fantasma... Lábios entreabertos; o olhar já morto fixa o infinito com desespero, por não poder rasgar com êsse olhar, tôda a massa insondável de sóis, firmamentos e planetas, que pezam sôbre o seu cérebro imobilisado.

Lá vai. Lá vai cantando, triste canção que só êle entende, mas que também nós sentimos. Louco, dize, quem te ensinou a cantar? Quem te ensinou essa canção entrecortada por gargalhadas que nos paraliza o coração e faz cessar o doce gorgeio da passarada?

Gargalhadas, disse eu... sim, gargalhadas nuas, gargalhadas convulsivas como o crispar do dedo, na arma do suicída; as únicas que desdenham verdadeiramente do mundo, porque se o mundo respeita, é porque teme; mas se o louco chorando, clama no seu iterno fadário:

Aninhas! Aninhas...!

O perversa multidão, rís dêle sem compreenderes o drama terrível que a razão, outrora poderosa, daquêle homem, travou com a dôr imensa do mistério, até que arquejante tombou na lama a que tu pertences. Vê como o teu coração é negro, e tem horror a ti mesma.

Lembra-te, que se ainda não elouqueces-te, foi porque insensibilidade do teu espírito, te não deixou compreender a tragédia que tôdos os dias se reproduz perante teus olhos.

*
* *

Aninhas, Aninhas, diz chorando o louco. Ouve, amigo; quem será a mulher, que apezar duma rajada arrazar a memoria daquele homem, conseguio que o seu nome lá se mantivesse cheio de sublimidade? ó pobre louco, que nada tens no mundo e que passas indiferente por entre os temporais. Para ti, não há sol, não há chuva, não há frio. Para ti, desgraçado, só existe a noite fria e regelada, onde, graças meu Deus, aparece às vezes, num relâmpago fugaz, a tua Aninhas...

João Pires Antas

1.º ano geral

Permutas

Recebemos êste mês *O Sport de Lisboa*, *A Ilustração Portuguesa*, *Os Sports*, recebemos também a *Gazeta Desportiva* que se publicava em revista e com o nome *O Foot-ball;* apresenta uma interessantíssima colaboração o que aliaz, é natural, pois já no seu tempo de revista, era um dos nossos órgãos desportivos mais abalizados.

Recebemos *A Gente Nova* que sem desânimo continúa direita ao fim que se propoz atingir; também nos visitou os *Ecos do Instituto* das nossas gentís colegas do Instituto Femenino.

A tôdos *O Profissional* agradece.

Quando no nosso último número fizemos uma rápida descrição da nossa festa em 1 de Dezembro, esquecemos-nos de citar o nosso colega José Coelho da Fonseca, que fez uma bonita alocução, exaltando os feitos da nossa raça, sendo muito aplaudido.

Aqui lhes ficam as nossas desculpas, juntas com os nossos parabens.

Promoções

Foram promovidos a capitães os srs.: Eurico Eduardo Rodrigues Nogueira, José Eugénio dos Santos Lemos, José Ribeiro Mendonça, António Correia Duarte, Alberto Correia Duarte, fazendo tôdos serviço no Instituto.

O Profissional, em nome dos alunos, felecita-os a tôdos.

Excursões

Organizada pelo curso médio progéa-se levar a efeito uma excursão ao Algarve, com o fim de alí tornar conhecido o nome do Instituto.

Compõe-se a excursão dum grupo em que entram onze dos nossos melhores jogadores de *foot-ball*, a Orquestra, que representa o que melhor temos, e um grupo dramático.

Prometemos aos nossos leitores descrever esta excurção, para a qual desejamos tôdas as facilidades.

A Direcção

Número avulso $60

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ADMINISTRADOR
António da Costa

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, João P. Antas
Redactor principal
Domingos L. Agostinho
Secretário

DIRECTOR
Mário dos Santos

N.os 57 a 60 — 8.º ano | Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército | Fevereiro a Maio 1923

Explicações

Se *O Profissional* é desconhecido lá fora, no meio social, o que aliaz é naturalissimo, não acontece o mesmo no Instituto e também no meio dos nossos assinantes, que se encontram espalhados na luta pela vida, mas que mesmo assim, não se esqueceram de nós.

A vida no Instituto, é a vida do internato mas sobrecarregada com a disciplina militar. Ora o internato, sem as côres vivas da liberdade, ou mais pròpriamente, da libertinagem, que nos arrasta a todos enquanto novos, com as horas certas e obrigatórias do estudo, com a regularidade das refeições e com a freqüência das aulas, tem vantagens grandes que tudo compensam, mas também alguns inconvenientes.

Uma das vantagens, é aquela sugestão que nos assalta, fazendo-nos crer que o tempo se passa mais velozmente trabalhando, e se bem que, o nosso horário nos bastasse, nós, ou por outra, aquêles que hoje já se encontram lá fora, edificaram o nosso periódico. As redações sucessivas teem encargos de responsabilidade moral de que nunca se esqueceram.

É uma obrigação dar o impulso cada vez maior e sucessivo a esta herança que nos foi legada em bom estado e que nós desejaríamos tornar ótima. Foi por isso que viemos explicar a todos que nos leem, que a irregularidade que forçosamente nos ladiou, não foi por nós motivada, não; sabem decerto que o nosso mensário é composto e impresso dentro da nossa oficina de tipografia. Esta oficina, muito desenvolvida como está, tem numerosos trabalhos a executar, tanto para o Instituto como para o exterior. Com êste aumento de trabalho, surge a deficiência de braços e de tipo e foi uma destas lacunas que de repente nos cercou impedo-nos de trabalhar. Depois a morosidade da revisão das provas de alguns trabalhos, fizeram atrazar-nos imenso. Enfim, com a melhor boa vontade nos revestimos e com ela tentámos amortecer o choque, — permitam-nos o termo que sofremos; publicamos agora quatro números juntos, pois só assim a nossa regularidade voltará, confiantes que todos nos perdoarão as faltas que de facto não cometemos.

Pupilos, 25 de Maio de 1923 — Benfica.

A Direcção

PALAVRAS que o nosso camarada QUADROS pouco mais ou menos proferiu, na recente excursão pelo Algarve

Minhas senhoras; meus senhores

São para vós, excelentíssimas senhoras, as minhas primeiras saüdações. Mocidade irrequieta, eu te saúdo. Povo generoso e bom, trabalhador e audaz, filho do mar imenso e das campinas filho, navegador, guerreiro, heróico e destemido, recebe a sentida demonstração de respeito dum novo, a quem a vida ainda sorri plena de ventura, de felicidade e de amor. Desce por um pouco da tua pujante imponência e escuta a alma da nova geração a expandir-se em rios de alegria, límpida como a luz das madrugadas, sonora qual alaúde de poeta, casta como as castas pombas ternas e meigas.

Minhas senhoras; meus senhores

O Curso Médio do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, — um grupo de rapazes cheios de vida e de contento, no frescor da juventude, tão cheia de imaginações e fantasias —, lembrou-se um dia de vir junto de vós, realizando numa excursão de estudo e de recreio, um nobre e simpático gesto de filantropia. Foi um pensamento invulgar, arriscado, mas praticável; e, ao contrário de quási tôdas as criações infantis, que resultam infrutíferas por não terem mais que uma simples utopia a alimentar a sua razão de ser, êste projecto, embora um pouco difícil, arreigou-se de tal maneira em nossos corações, que não descansámos um momento enquanto o não pusemos em prática, enquanto o não transformámos numa realidade. Foi um sonho que vivificou dentro de nossos peitos juvenis, alheios às decepções e que deixou de ser uma fantasia poeril, para se tornar um facto palpável.

E que terra nos ocorreu para realização do nosso intento: o Algarve..., a mais risonha província de Portugal, tão cheia de atractivos e de beleza, e de magia...

A maioria de nós sem conhecer de facto esta fecunda província, — o extremo sul do nosso torrão querido —, criou-a, retratou-a no espírito, coordenando as suas honrosas tradições que correm por êsse país fora...

E o Algarve deparou-se-nos na realidade tal qual o tínhamos imaginado: as campinas estendendo-se, alongando-se muito, cobertas duma vegetação luxuriante, cheias de encanto e de poesia; os ribeiros sussurrantes murmurando baixinho preces orátiças de amor, amor santo e puro, amor das coisas rudes; as colinas, um mimo de cálida frescura a enternecer a alma; e o mar, o indomável titan, rojando-se nas praias lânguidamente, enquanto entoa cânticos apoteóticos de heroicidade e bravura...

Os novos devem sentir-se bem a dentro do Algarve. Estas paragens trazem até nós recordações de outrora, dos tempos de grandeza e de esplendor, de bravura e altivez. A brisa do oceano bafeja-nos a existência e repercute-nos o eco das façanhas audaciosas do glorioso Infante.

Bem nos podemos orgulhar da preferência que demos a esta terra bendita...

*

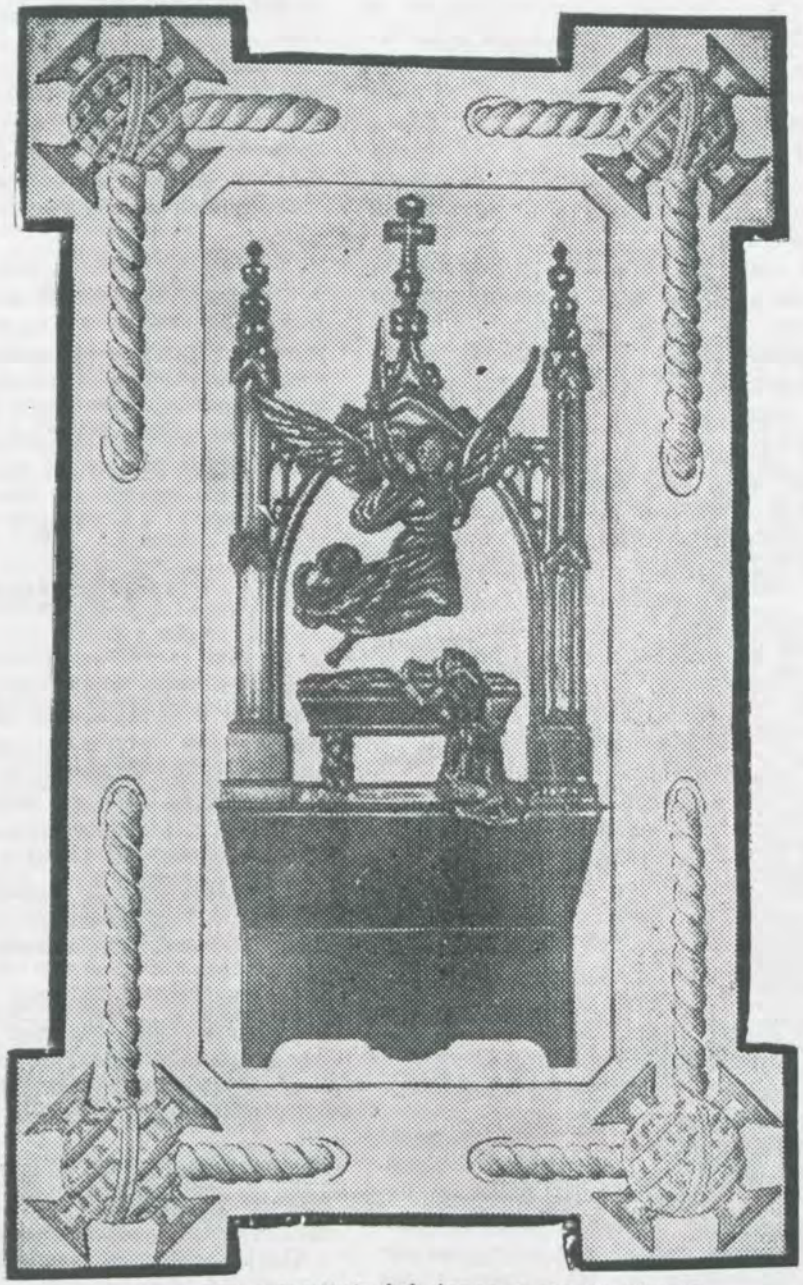
Pouca gente conhece ainda o estabelecimento de ensino onde actualmente nos educamos.

O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, é uma obra naturalmente republicana. Os seus primeiros alicerces erigidos entre a fumarada espessa e lancinante da revolução vencedora, solidificaram-se velozmente em poucos anos decorridos, e hoje, devido a um trabalho activo, a um esfôrço verdadeiramente assombroso, podem considerar-se inabaláveis. Resistirão às mais procelosas intempéries, aos mais temíveis obstáculos.

Filho da República, sustentado pela República, o nosso Instituto não podia deixar de ser uma escola pobre. E só uma sábia orientação dada à sua maneira de ser estrutural, tem conseguido o seu progresso simplesmente espantoso, que de há pouco para cá se vem operando. Actualmente é uma das raras escolas médias do país, com os cursos organizados de molde a fornecerem guardas livros contabilistas, e engenheiros auxiliares.

O ensino é essencialmente profissional e prático. Os alunos freqüentam simultâneamente um curso e um ofício.

A disciplina é rígida e inquebrantável, a disciplina militar. E a norma dos educadores é castigar as pequeninas faltas para



A placa que o Instituto irá depor, junto do túmulo dos herois desconhecidos

que se evitem as grandes. Tôda e qualquer distinção desaparece; não há no Instituto mais do que alunos, quer provenham dum meio modesto, quer dum meio opulento.

O Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, tem vincado acentuadamente a sua existência. A boa vontade dos seus dirigentes e a conduta correcta dos seus alunos, podemos afirmá-lo bem alto, têm-no conseguido impor à consideração de tôda a gente. As más vontades contra êle desfazem-se pouco a pouco, rendendo-se ante a clarividência dos factos que o elevam dia a dia mais e mais.

Os seus métodos de ensino indicam-se já como modelares; as sua oficinas causam a admiração de quem as visita, e as deficiências existentes são nas instalações que a verba orçamental não permite serem melhoradas tão depressa como é indispensável.

No Instituto desenvolvem-se as energias físicas, aproveitam-se as tendências artísticas e cria-se o gôsto pelo belo.

Ao lado da vida escolar primordial, existem as aulas acessórias, complemento duma educação racional e moderna. E em todos os ramos, os alunos têm recebido os maiores elogios e conseguido alguns prémios — a melhor compensação do seu trabalho.

E assim, cultiva-se entre nós a música e o canto coral, aos quais se têm imprimido constantes progressos; o desporto e especialmente o futebol, onde temos marcado o nosso lugar de destaque; um pouco de jornalismo sendo até publicada mensalmente uma pequena revista, dirigida, redigida, composta e impressa pelos alunos; e todos êstes ramos debaixo dos ensinamentos dos nossos hábeis professores que tão paciente e sàbiamente procuram iniciar no espírito dos seus educandos os sentimentos do belo, do aprazível e do útil.

*

Mostraremos a Vossas Excelências, nesta récita, uma pequena parte do nosso trabalho e do nosso reduzido valor artístico.

Antecipadamente contamos com a benevolência da vossa parte, para as muitas deficiências existentes no desempenho das nossas missões, porque elas são fruto da idade despreocupada e incauta que possuímos.

De-certo não esperais de nós uma orquestra com a correcção de profissionais, que não somos. Modestos amadores principiantes, só a persistência do nosso ilustre professor conseguiu que nos pudéssemos apresentar em público, interpretando pàlidamente as suas produções musicais.

Embora alunos ainda, reconhecemos, no entanto, que se não fôra o seu amor a arte divina de Mozart, a nossa boa vontade não chegaria para alcançarmos o nosso desiderato.

Não esperais também, com certeza, um irrepreensível desempenho teatral pois que disso não temos presunção, mas procuraremos satisfazer o melhor possível às exigências do programa, crentes de que Vossas Excelências não exigirão mais da nossa parte.

E amanhã quando deixarmos o Algarve, a maior satisfação que nos fica, consiste na boa impressão que a nosso respeito se formule se acaso conseguirmos grangear as vossas simpatias. Em cada um de nós existirá uma saüdade desta terra, que deixará gravadas em nossas almas as mais gratas recordações para todo o sempre...

A alguém

.....

Minha alma, atràiçoada pela ilusão fascinadora e ingrata, em vão procura corresponder aos sorrisos virginais de alguém, que a distância não deixa revelar!

Oh, minha adorada mãe! O meu pranto, jàmais por ti é ouvido, bem sei, mas talvez seja previsto. Foi em ti, e só no teu âmago, que eu impelido pelo mais sublime pensamento da mocidade, coloquei o segrêdo de minha vida futura, aureolada, cheia de fantasias!

Oh, sagrado ídolo que eu adoro! Minha vida nada vale, sim, mas será para ti, e só por ti eu a sacrificarei.

Comparei-te a uma Deusa, a mais bela, e és portanto o altar da minha pobre imaginação.

Ah! Pobre de mim! A inspiração encaminha-me para a vereda da realidade, mas a minha própria consciência atràiçoa-me.

Os tépidos e formosíssimos luares transactos, são para mim o precioso reflexo dos meus pensamentos.

Vespasiano

O extremo orgulho, como a extrema humildade, provém de uma absoluta ignorância de nós mesmos.

Serenata

O sol baixou-se ao longe e creio que a beijar
As ondas que de leve alevantou o mar;
O espaço era de sangue, as nuvens de cristal,
Os risos de prazer, os lábios de coral;
Ao longe a branquejar, a vela dum moinho,
As ervas da campina, as urzes do caminho,
Tinham côr, tinham luz; e rente das estradas
Passava a filomela em curvas apressadas;
Ao fundo, na floresta, as aves em chilreio,
Pararam de cantar, talvez tendo receio
Da noite que surgio altiva e perfumada,
Envolta numa capa, azul, tôda bordada;
As 'strêlas pelo céu começam a luzir,
Como depois da chuva os mal-me-queres a abrir...
E despontando ao longe a rir-se delicada,
Alevantou-se a Lua. Escuta, minha amada;

Escuta esta canção que tenho aqui no peito;
Acorda, ergue o teu rosto, apoia-te no leito
E chega de mansinho às rendas da janela
Que teceste a sorrir nas tuas mãos de bela
Em tardes de calor, em tardes de poesia,
A' luz do sol poente, exangue, na agonia;
As rendas têm sentir, são lágrimas, são prantos
São beijos que se dão à luz de mil encantos,
Alvura que parece a neve da campina.
E tudo alvoreceu na tua mão franzina!...
Afasta lentamente os ramos do craveiro,
O teu ardente amor, o teu amor primeiro
Tão rubro que parece... e digo, não é mal,
Que te furtou num beijo os lábios de coral
E cheio de prazer clamou ao sol nascente:
Fui eu quem lhe roubou, primícias d'inocente!...

Abre a janela, vá; ouviste a minha voz?
Então olha p'ra rua, estamos os dois sós
E eu gosto de falar-te assim, sem mais ninguém;
A Lua já vai alta e ouve-nos também,
Mas deixa, que é leal e nada irá contar;
O vento não repara e tem de caminhar,
Os astros pelo céu, 'stão longe, são de prata,
Não poderão ouvir a minha serenata;
Se o mar ouvir, que importa? E' santa a minha prece
Como os algares que tem as pérolas que tece;
Só poderão ouvir o que eu te vou dizer
As cordas da guitarra, as veias do meu ser!
Mas ela não conversa e vive soluçando,
É minha amante, crê, só Deus sabe até quando...
E' como o cenobita orando numa gruta;
Não temas pois, mulher, que eu vou falar-te; escuta:

Como és bela e gentil, ó cândida açucena,
Aceita o meu amor e não te cause pena:
És livre e podes ir p'ra onde te aprouver...
O meu amor é puro, é como o mal-me-quer,
Modesto, mas leal, pequeno mas ardente,
Um pobre sonhador, que ri que chora e sente...
E' como se uma gota alegre e cristalina,
Amasse loucamente a pálida bonina
E vivessem os dois em santa comunhão...
Amor que nunca finda e vive na ambição,
A lagrima de luz, a planta de perfume,
E o vento a soluçar não passa dum queixume;
E' pouco, pois não é? Responde minha amada;
Não falas? Mas que tens? A brisa é perfumada
E dou-te, minha flor, à luz dos meus desejos,
Um colar muito grande em lágrimas e beijos!...

A noite está calmosa, ó vém, sê minha amiga
Que beijos ao luar a febre nos mitiga;
Bem junta ao peito meu, irás de romaria
No espaço tão azul à estrêla que nos guia;
Eu quero ajoelhar sòsinho ao pé de ti,
Beijar-te de mansinho os lábios de rubi
E depois na guitarra, a minha companheira,
Já calmo e como estando ao canto da lareira,
Soltar uma canção tão cheia de gemidos
Que te orvalhasse em pranto os olhos ressentídos!
E ao vêr-te assim, meu bem, julgando-te divina,
Levar-te hei ao céu, ó fada pequenina,
P'ra junto de São Pedro, o santo, o nosso avô...
.....
Adeus, ó minha amada, o Sol já despontou!

João Pires Antas
1.º Ano Geral

NA SERRA

Era num dêsses dias de estuante sol em que as vindimas estavam no seu auge.

Tinha partido para uma longa caminhada de algumas léguas, indo apenas com um único companheiro que se dispunha a transpor tôdas as escabrosidades da serra, custasse o que custasse.

Jornadeávamos pela estrada por vezes completamente despida de árvores sob um sol que crestava. A sêde principiava a mostrar-nos a sua inclemência. Dir-se hia que marchávamos por um tórrido deserto.

No entanto, mourejava-se vindimando. Nos campos sobranceiros, ás constantes melodias das aves, aliava-se o canto alegre de graciosas raparigas, o que em parte compensava o aborrecimento que levávamos.

Finalmente depois de transpormos a quási interminável estrada, fomos pressurosos procurar um recanto onde pudéssemos dispersar as fadigas da jornada. Debaixo dum velho Roble onde estacionámos, era um local muito ameno e de previlegiada frescura, razão evidente porque dali não saimos tão cêdo. Em frente passava um fiosinho de água mui cristalina, que mais abaixo deveria receber o nome de rio. Era ali a sua origem.

Conquanto não abrangesse o seu verdadeiro leito, demonstrava que no inverno êle estaria completamente cheio, tanto mais que sôbre as pedras denegridas se viam indícios seguros da passagem de água, isto é, musgos, avencas e outras plantas de humidade.

Dentre as pedras via-se borbulhar fortemente a água, saindo dum fundo arenoso muito límpido. A' volta sentia-se o sussurro incessante de débeis árvores, tocadas mansamente pela brisa, conjugado pelo lúgubre e longínquo piar dum mocho: era enfim uma

païsagem que embora fôsse amena, era também algo monótona. Passado o tempo que nós julgámos ser suficiente para o repouso, resolvemos abandonar êsse sítio, e subimos um abrupto cêrro que ficava fronteiriço; e depois de muito andármos ao acaso errando por entre medronheiros, pinheiros e outras árvores, sôbre a crista do mesmo cêrro, conseguimos descobrir lá em baixo por entre o arvorêdo, uma espécie de clareira: era o atalho que conduzia ao vale.

Breve o alcançámos, procurando nós imediatamente o seu *terminus*; uma vez ali chegados, divergimo-nos logo. dando eu início à ascenção da serra.

* * *

Em frente, erguia-se uma alvíssima ermidinha com seu pitoresco campanário e adro: era a Senhora do Monte! Nessas alturas, num tão aprazível e gracioso retiro em que a sêde chegaria a inspirar os espíritos mais ávidos de poesia, aí sim, se me prendeu a alma contemplando um modesto, mas valoroso padrão que no alto da serra e para que as futuras gerações dali possam tirar nobres exemplos, conservará escritos a traços perenes e indeléveis, os nomes daqueles que num frémito de altivês e patriotismo, tentaram ver a Pátria impor-se às ignominias das ambiciosas garras da águia teutónica, que no acêrvo do egoïsmo pretendia massacrar a humanidade inteira!

* * *

A' medida que ia subindo, ia-se-me a païsagem deparando graciosa e verdejante; longínquas campinas e várzeas mostravam os Dons; campos fertilíssimos e enormes, e imensas colinas sombreadas pela triste côr verde dos pinheiros e plantas de tôda a espécie.

E a subir, perdia-me com a vista por tão longo horizonte, e a contemplá-lo quedei-me uns instantes junto à orla de pedra sôlta dum bosque, que ostentava a sua magnitude no doce pendor da serra; e era aqui que terminava a vegetação superior; mas contudo, a vegetação em geral ia rareando cada vez mais. Alegres e juvenís, se viam então dois pastorinhos que apascentavam os seus rebanhos.

Um pouco mais acima sòmente se viam aqui e ali, a característica urze, o tojo e outras plantas bravias expontâneas, até que desapareceram quási por completo todas as plantas, vendo-se então o solo juncado de grandes pedras, às vezes arredondadas pela acção das intempéries.

Mais subi esforçando-me por alcançar o cimo, o que não se fez esperar muito, pois que instantes depois chegava à altitude máxima de tôda a serra. A ascenção tinha sido devéras fastidiosa, mas em breve tudo se compensaria, pois que todo o tédio e fadiga desapareceriam como por encanto, em face de tão grandioso espectáculo.

Olhei à volta. Por momentos fiquei extasiado! A grandiosidade do panorama era sublime!

Tinha a impressão de que estava em frente dum fictício e imponente quadro, (qual quadro de Silva Pôrto ou Rubens) aguarelado por gigantes; quadro, no qual a acção deletéria do tempo nada consome, em nada tem poderio!

Então minha alma subjugada por uma suposta influência sobrenatural, passou da realidade ao mundo da imaginação e da fantasia.

Julguei-me por momentos durante êste letargo, rodeado de Napeias e músicas celestes, respirando o aroma exalado pelo incenso dos turíbulos divinais. Mas oh!...

Depressa voltei à desilusão cruel mas verdadeira, seguindo-se-me uma melancolia indescritível; comecei a experimentar a sensação dum pertinaz frio que regelava, o que é próprio das regiões elevadas.

* * *

Lá em baixo, viam-se dezenas de povoações de quási todas as grandesas que se espalhavam por todo aquele imenso scenário; dir-se hia que seriam sementes da humanidade, germinando mais ou menos, conforme a sua riquesa de fécula, e deitadas à terra fecunda por mão divinal, Redentora, formando também o matiz de todos aqueles campos; casas espalhando na límpida atmosfera um fumo azul, que mais tarde e como a vida, se desvanecia; e enfim, as típicas ermidas, todo êste conjunto tinha um cunho caracteristicamente belo e muito português.

O rio serpenteando através de formosíssimas veigas e campinas, formando luxuriantes meandros, etc., parecia uma longa fita de prata, a riquesa, estirada sôbre a côr verde dos campos, símbolo da esperança!

A linha de demarcação do extremo horizonte, era o oceano quási imperceptível. Ao longe erguia-se como se fôra uma silhueta, o vetusto e histórico castelo de Leiria; em

frente o magestoso monumento da Batalha, que aos céus erguia as cúspides dos seus coruchéus; mais além, o arruïnado castelo árabe de Pôrto de Mós; mais ao longe ainda: os úberes campos da região de Alcobaça e Nazaré; e a Mata Nacional como um dique, ostentava a sua magestade e glória de alguns séculos, numa grande extensão de litoral, ante o marulhar discordante das vagas oceânicas!

*
* *

Naquela solidão, em que o homem olvidando o seu modo de ser, julga-se por alguns instantes transportado na barquinha do pensamento e do enlêvo, às regiões etéreas, ao paraïso, e aos destinos dos devaneios!...

Vêde como é sublime, a magestade da solidão e da paz!...

Naquele recanto tão cheio de luz e graça, não se encontram como nalguns congéneres sicários, ou irracionais ferozes de natureza, que induzidos pelo seu instinto nos surpreendam nos nossos pensamentos ou planos, que o capricho da nossa imaginação ali nos fez improvisar.

A necessidade obrigando-me então a abandonar aquele paradisíaco local, não sem algum desconsôlo, eu descia a encosta e via pouco a pouco, o scenário desaparecer como se não merecesse a vista daqueles caprichos da natureza. Mas alguém oculto, uma divindade, se condoeu da minha alma entristecida embalsamando-me com a abstracção e esquecimento do passado; comecei então distinguindo por entre o estrépito suave da viração, um conjunto de maviosos acordes de diversas canoras, como se fôssem violinos furtando-se à minha vista.

Singular contraste!

Neste momento em que a natureza começava a adormecer, ouvem-se ao longe as compassadas Avé-Marias. Os camponeses semi-extenuados de mais um dia de labuta sob os dardejantes raios do sol, voltam aos seus lares entoando bucólicas canções.

António da Silva Carvalho
3.º ano oficinal

Por absoluta falta de espaço somos forçados a publicar apenas, uma parte do artigo do nosso camarada Mário dos Santos, sôbre a excursão que ultimamente realizámos ao Algarve. Esforçar-nos hemos por o completar no próximo número.

Prantos

Ao meu amigo Jaime de Mascarenhas

A minha lira ri, a minha lira canta
Em noites de luar;
É como as águas duma fonte santa,
Onde a andorinha mal que se alevanta
O corpo vai banhar:

Sabe lindas canções de amor, de essa ilusão
Que tanto faz sofrer!
Mas eu bem sinto arder seu coração,
Como quem tem no peito uma paixão
E dela vai morrer!

A lua arrasta agora o manto sepulcral;
Às 'strêlas não têm luz;
Só a canção eterna dêste mal
Soluça e geme arrasta vale em vale
A dolorosa cruz!

Ó vem dizer, mulher, e dize ao mundo inteiro,
Pois já não tens pudor,
Que foi teu coração o negro aventureiro,
Que veio transformar o meu amor primeiro
Numa infindavel dor!

Eu era o navegante em busca duma aurora
E cheio de alegria!...
Já vês, mulher, que essa maldita hora
Me transformou; e vê, que sou agora?
A imagem da Agonia!

Ó vem, abre uma vez ainda essa janela...
A lua vai morrer!
'stás a dormir; mas a minha alma vela,
Como quem sente o vento da procela
E segue sem temer...

Quem dera que eu podesse estar um só momente
Sósinho ao pé de ti...
Findavas num sorriso o meu tormento!
É mais feliz, por te beijar o vento
Os lábios de rubi!

Eu morro! .. Não te vejo! É negra a minha sina!
Vê como é triste amar!
Tem mais ventura as aves da campina!
Eu morro! A luz do sol rompeu tão cristalina...
Enfim, vou descançar...

João Pires Antas
1.º ano geral

Ecos do Mar

Quando a luz difusa da madrugada se encontra ainda tènuemente envolvida na penumbra caliginosa duma noite sem lua, o mar, pouco antes ligeiramente arrebatado, torna-se dentro de alguns momentos colèricamente medonho, assustador, feérico.

Pela praia estendem-se as rêdes, as cordas, e todos os petrechos marítimos, que os pescadores, velhos lôbos marinhos, deixaram durante a noite, confiantes no indomável titan, o seu melhor e mais traiçoeiro amigo.

Dorme tranqüilamente a povoação balnear embalada pelo rugido monótono das ondas, que se quebram estrepitosamente na fina areia da costa. E os pescadores dormem também na santa paz dos justos, um sono reparador das suas fôrças, cotidianamente empregados em tirar do oceano, o alimento de muitas famílias.

E enquanto Morfeu prende as almas dos entes que dormitam o último sono, o mar, bramindo furioso, duma maneira desusada, louca, penetra na rude habitação duma infeliz, que, alarmada por tão inesperado acidente, acorda, em altos gritos aflitivos, de desespêro e temor, a população completa da pequena povoação.

E apressadamente vestidos, eis se aproximam todos da praia, que apresenta um aspecto verdadeiramente pavoroso.

O mar, no apogeu da sua furiosa maré, todo branco, espumante, quebrando ruïdosamente em cachões sucessivos, gigantescos, quais bocas imensas parecendo querer sorver dum trago a natureza inteira, avança de arremetida contra as habitações, onde reina um pânico indescritível, ante o colosso que ameaça destruí-las.

A multidão acorre em alvorôço. Os barcos arrastados já pela fôrça da água revôlta do oceano, agitam-se desordenadamente, chocando-se com estrondo, desmantelando-se num convulsionamento destruídor, e avançam com impetousidade, em direcção às barracas parecendo querer derruí-las num ápice. Há gritos aflitivos, choros pungentes, pragas surdas, gestos de revolta e furor, enquanto os último preparativos de fugida se realizam.

E o mar, em tôda a inponência do seu valor, ruge arrogante, cada vez mais convulsionado em ondas colossais, que rebentam em grandes flocos de espuma, cristalina como a neve, subindo a muitos metros de altura e dando a impressão dos *geisers* no estado de activa laboração. E enquanto os pescadores tenham salvar o seu ganha-pão de todos os dias, num arranco de desespêro e de raiva contra as suas iras indómitas, Neptuno revolve com mais fúria as águas esverdeadas do oceano. Os habitantes ajudam também os pobres obreiros na sua faina redentora. E com dificuldade, os barcos e as rêdes avançam pouco a pouco para pôrto de salvamento.

Mas nisto, o rei marinho, colérico mais que nunca, arremessa sôbre a extensa praia, um vagalhão imenso que sai do limite normal das aguas e a lambe num momento de espanto e de angústia, estabelecendo o pânico, a desolação. A água na sua marcha violenta derruba tudo e todos. Rolam pelo chão pessoas e remos, cordas e rêdes. Ouvem-se gemidos estertorosos de gente ferida, e clamores doloridos de entes que se seguram com ânsia para resistirem à ressaca vertiginosa da onda.

E enquanto reina a confusão, pavorosa, horrenda, duas crianças são arrastadas na corrente e desaparecem no turbilhão voraz das ondas, para jamais serem vistas!...

E o mar brame sempre, aterrador, chispando espuma, assistindo à sua obra destruïdora...

Goteja sangue das feridas produzidas na refrega, e há soluços entrecortadas de crentes orações ..

Começam a distinguir-se os primeiros alvôres da madrugada. E o rei da luz vem bafejar a praia, imersa num pesado luto de tristeza e dor...

Abilio Quadros
2.º ano médio de comércio

Tardes de Outono

Á menina Dagmar de Campos Vidal

Tardes de Outono, tardes de amargura,
Vós sois tristonhas como a solidão;
Há gemidos nos troncos sem verdura,
No murmurar das fôlhas pelo chão...

Vai-se tomando pálido o clarão
Do sol que baixa à paz da sepultura
Com lágrimas de fogo e de ilusão;
E pelos campos, surge a noite escura;

Na minha terra, a terra portuguesa,
O sol findou, morreu a Naturesa
E só perdura a paz a soledade..

Os troncos nus amostram-nos a dor,
Tardes de Outono, pálidas, sem côr
Sois a canção eterna da saüdade.

Ilusões

A Ilusão é sonho, o sonho é passageiro
E foge sem parar...
Fôlha pizada pelo caminheiro,
Ave sem ninho, pobre sem brazeiro
Errante pelas moitas da Poesia!
A Ilusão, teu nome que sorria
Ás minhas ambições...
Gota corrente de águas cristalinas,
Que passas a correr pelas campinas
Para morrer! Porém, Deus de Bondade!
As minhas Ilusões,
São filhas da Saüdade!. .

João Pires Antas
1.º Ano Geral

De volta da nossa jornada à bela província algarvia, novamente aqui nos encontramos na labuta diária e constante dos nossos afazeres escolares.

O que foi ela, melhor do que eu o podiam dizer os meus colegas, e mais ainda, o dirão os nossos estimáveis professores nos seus relatórios, nos quais, como homens inteligentes e sabedores evidenciarão não só os alegres momentos que por lá passámos, como também as vantagens que para o Instituto podem advir da excursão que acabámos de realizar.

No entanto, dir-vos hei, sumàriamente, como ao meu pensamento me sugerem — muito principalmente — as belezas naturais do Algarve onde há tôdas as modalidades da païsagem e da expressão. Começa num vasto descampado, triste sem vida, para se ir perder ao longe, lindamente, graciosamente, no mar imenso, que lhe junta também o afago saudoso do marulhar das suas ondas.

O seu povo, como todo o português, é bom, excessivamente bom, muito trabalhador, mas de pouca iniciativa. Diz-se até com certa razão que o Algarve seria a nossa melhor e mais rica província se de lá tirassem os algarvios.

*
* *

Todos sabem como o Instituto ainda hoje é desconhecido em Lisboa, capital do país e centro de actividade portuguêsa.

Idênticamente — mas com maior soma de razões — no Algarve, o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, era escola que se não conhecia.

Necessário se tornava, pois, levar até êsse extremo de Portugal, uma parte da nossa instituïção, para mostrar à gente algarvia que há na nossa terra, mais alguma cousa do que desordem e grosseria, para lembrar aos algarvios que já se trabalha afoitamente para engrandecer o país e salvar a sociedade duma calamidade que seria vergonhosa. E foi assim, que o curso médio do Instituto se deslocou até tão longe, levando consigo também, tudo e todos de que necessitava para melhor exibição e completa propaganda.

E fomos, e vencemos!

Voltámos já; e hoje lembramos com saüdade não só as nossas horas de divertimento, mas também aquelas em que alguma cousa útil comseguimos, para perfeita identificação da nossa escola.

Apraz-nos registar, contudo, que, se não fôra o auxílio cavalheiresco e desinteressado de algumas das mais altas individualidades algarvias, que dedicadamente nos serviram, os nossos intentos resultariam nulos e da excursão, que visava uma intensa propaganda, restaria apenas um insucesso.

Aqui fica, portanto, expresso, o nosso agradecimento, e, se não citamos os seus nomes é porque tememos despeitos injustificáveis, pois todos se nos tornariam igualmente simpáticos e prestimosos.

Feitas estas ligeiras considerações, demos pròpriamente começo ao assunto do nosso trabalho.

*
* *

Depois que a ideia sugeriu, muito poucas, ou nenhumas, foram as dificuldades a vencer; apenas se poude contar uma leve oposição da parte de alguns alunos, dos quais fazia parte *êste seu criado*, e que se referia só à oportunidade de realização. Apesar disso, a excursão realizou-se e hoje regosijo-me com o resultado, pois confesso, nunca admiti que tôssemos tão felizes.

Démos por conseqüência seguimento aos nossos projectos e tivemos a feliz lembrança de aliar à comissão de alunos, os nossos presados capitães, Perestrelo da Silva e Eurico Nogueira para nossos orientadores.

Entretanto, o Sr. Cap. Nogueira, que se encarregara da direcção scénica, encetava também os primeiros ensaios de *A Cómica*, notável criação de Rui Chianca, é um mimo literário, que por fim a todos mereceu os mais rasgados e justos elogios, já pela sua irrepreensível enscenação, já pela segurança na declaração, por parte dos seus intérpretes.

A orquestra activou também os seus ensaios e dentro em pouco — pela superior competência do seu maestro — adquiria uma firmeza completa na execução do seu repertório; dêsse árduo trabalho resultam os enormes aplausos que nas diferentes récitas alcançou, sendo particularmente notável a

Pelo sul de Portugal

ovação que lhe tributou o numeroso público que enchia a vasta sala do Cine-Teatro em Olhão.

O seu digno regente deve estar satisfeito com os seus discípulos e consigo mesmo. Se—como diz o Sr. Costa Brás—é mais

Domingos, cap. do grupo escolar, à direita, Maleitas, defesa esquerdo e à esquerda, Máximo, defesa direito.

difícil preparar uma orquestra como a nossa, (se assim se lhe pode chamar) do que apresentar em público um grupo de artistas que são geralmente outros tantos mestres, deve S. Ex.ª enfileirar na sua brilhante carreira artística, mais êstes louros que só o seu trabalho conquistou, e nós ajuizamos perfeitamente o que seria uma *tournée* dirigida pelo nosso digno professor, no caso de ter sob a sua hábil direcção, não um grupo de rapazes que não medem responsabilidades, mas antes, uma selecção de verdadeiros profissionais.

A propósito, e para elucidação dos nossos leitores, direi que alguém, comentando os preços numa das nossas récitas, afirmava francamente que *só a música merecia o seu dinheiro.*

E foram assim, *A Cómica, a Orquestra,* os dois números do programa que maiores e mais fartos aplausos conquistaram. *O Noivado do Dáfundo* de *Almeida Garret,* algumas poesias e monólogos, esgrima de florete e de baioneta e o terceto cómico *Os tres maestros,* que serviram para completar o programa, se bem que não tivessem o acolhimento daqueles outros, foram por vezes, fartamente aplaudidos.

Tal foi em resumo o que se preparou no curto espaço de tempo de que podémos dispor e que apresentámos a um publico exigente como é o algarvio, o qual soube compreender—por felicidade—como da nossa situação de creanças se não podia esperar o que se exige dos artistas.

E foi assim, como tudo devidamente orientado, com cartas de apresentação para as mais altas individualidades algarvias e portanto com uma enorme probabilidade de êxito contra uma reduzida parcela de temeridade que a todos julgo dever assistir também; e foi assim, repito, que, depois de levada a efeito uma récita no Instituto no qual todos foram concordes em nos julgar aptos a um tão grande empreendimento, que se resolveu a

Partida

para o dia 31 de Março às 18,50 da tarde.

Antes da hora indicada já todos, alunos e oficiais, se encontravam no Terreiro de Paço. Pouco depois era o embarque. A despedida faz-se friamente, tristemente; e se não fôra a alegria expontânea de reduzido número, de mistura com a palavra chistosa e agradavel do Sr. Cap. Freitas dir-se hia que iamos para um destêrro e não para um passeio. Isto é um incontestável que todos poderão comprovar.

No entanto a travessia do rio fez-se em fanca alegria até que no Barreiro tomámos o comboio correio do Algarve que nos conduziu até à capital desta província.

Então foi interessante comparar a tristeza e mau humor de alguns, talvez por deixarem em Lisboa as suas formosas loirinhas, com o espírito irrequieto e brincalhão duma grande maioria; mas o que mais prendia a atenção era que nem só os alegres comiam os apaixonados devoravam, também os preciosos *lunchs* quando apenas haviam atravessado o formoso Tejo.

Nas diferentes estações (seja-me lícito confessar) enchiam-se também umas garrafitas para amenizar... o cortante frio da noute. E assim, cantando e rindo, comendo e bebendo, se se chega à linda cidade de Faro, onde guardamos as mais saüdosas recordações pelos alegres bocadinhos que se nos proporcionaram no *Restaurant Internacional n.º 33* (designação que por nós foi dada ao R. I. n.º 33, quartel onde pernoitávamos), e ainda no já célebre mercado da cidade onde todos nós conhecemos o.... Café Marítimo.

Na estação esperava-nos o ilustre comandante de Inf.ª 4, Coronel Sr. Pires Viegas e a comissão de alunos, que com o Capitão Eurico Nogueira haviam partido oito dias antes. Passado algum tempo, durante o qual apenas tivemos ocasião de trocar os naturais cumprimentos, lá fomos cheios de sono e massados por uma ingrata viagem, para o já citado *Restaurant Internacional*, onde só podemos descançar durante uma reduzida meia hora, pois era chegado o almôço.

Este decorreu naturalmente, sem a nota alegre que em tão bastas vezes sucedeu posteriormente, apesar dos esforços que os mais risonhos fizeram, para lhe dar alegria e vida.

Acabada que foi a refeição, dirigimo-nos para o campo de jogos do *Sporting Club Farense*, onde às 16 horas teria lugar o desafio de futebol entre esta colectividade desportiva e o «onze» do Instituto que fôra prèviamente escolhido e reforçado com os melhores elementos de que dispúnhamos.

Porém, uma chuva miudinha, impertinente, nos começou a contrariar; alguns de nós — os mais pessimistas — previámos a sua continuação e refôrço, donde resultaria, por certo, uma diminuição nas receitas com que havíamos contado; outros — e êstes em menor número — agouravam ajüizadamente a sua extinção que só e muito tardiamente foi uma realidade, o que levou a suprimir-se a demonstração de esgrima de baioneta com que se pretendia iniciar a nossa festa.

Logo que o tempo permitiu, a primeira categoria do *S. C. F.* entrou em campo, sendo recebida pela assistência que ainda era diminuta, com uma prolongada ovação.

Muito tempo depois, aparece o nosso grupo que foi igualmente saüdado pelos presentes e por uma banda de música militar da guarnição.

Escolhidos os campos, o Sr. Coronel, Pires Viegas, que fôra convidado para dar o pontapé inicial, fá-lo por entre os maiores aplausos dos circunstantes. O desafio começa então com uma notável energia por parte de qualquer dos grupos, energia, que aliás se manteve até final, sendo freqüentes, as fases de puro «association».

A assistência, constituida, pelos fanáticos dêste género de sport — e que, digamos de

Campeão escolar (2.º agrupamento)

passagem, conta aqui novos e velhos, senhoras e crianças — aplaude ardentemente a forma brilhante como o jôgo vai sendo conduzido, e mostra-se por vezes admirado, como o nosso agrupamento, constituido por débeis crianças ainda, opõe uma tão heroica resistência ao mais forte «onze» desta capital.

Assim, animadamente, se vai chegando ao fim do primeiro tempo, quando os nossos adversários conseguem o seu primeiro *goal*, duma grande penalidade. E com êste resultado (1-0) terminam os primeiros 45 minutos de jôgo.

Depois de um breve descanço, e entre comentários da já numerosa assistência que chegava a prever uma derrota para o seu ídolo, deu-se início ao segundo tempo.

Os nossos, animados pelo feliz resultado que até ali tinham obtido e incitados pelo seu treinador — Sr. Cap. Viegas — lutam ardentemente pelo empate, mas fazem-no duma maneira colossal, e sem inquietação. Na verdade, algum tempo decorrido um dos nossos avançados consegue a nossa primeira bola, que, embora com defesa, foi bastante aplaudida.

Cabe agora a vez aos Farenses, que já se mostravam desanimados, a inquietar o nosso guarda-rede. Estão porém, enervados; modificam amiudadas vezes a sua linha deanteira, que aliaz pouco melhora quanto ao remate pois as suas avançadas fazem-se com brilho igual ao da nossa.

Enfim, ao cabo de muito esfôrço e pelo incitamento da assistência, marcam a sua segunda bola que o nosso guarda-rede, não poude evitar.

Nova resistência do nosso lado, mas desta vez ainda com mais vigor, se registra então.

Madeira, o guarda-rede farense, salva muitas ocasiões críticas. A assistência aplaude as defesas de maior brilho e volta a incitar os seus ao ataque. Êstes, atrapalhadamente lá conseguem de vez em quando uma fugida, até que num momento fatal... para nós, marcam novo *goal*.

O grupo do Instituto não desanima. As suas avançadas repetem-se constantemente até chegar a um domínio quási completo. O nosso avançado centro é o que mais se distingue pelas suas conscenciosas jogadas, lindamente coadjuvado pelo seu meia-ponta esquerda. Luta-se, trabalha-se mas com lealdade. Vê-se um pouco de educação em todos os jogadores em campo. Aquele que é atacado não foge; reage e procura melhor resultado que o adversário.

E' assim que se devia fazer sempre em tôdas as manifestações desportivas, pensávamos nós então, lembrando aquelas outras, em que por vezes se aproveita a ocasião para liquidar questões pessoais ou rixas puramente particulares.

E foi assim, nobremente, cavalheirescamente, impondo apenas as suas aptidões em desabono da verdade ou grosseria, que os nossos jogadores conseguiram novo *goal*.

E com êste resultado (3-2 contra nós) terminou o melhor e mais correcto desafio da longa série que disputámos no Algarve.

O Sporting Club Farense, mostrou ser autêntica organisação, disciplinada e forte, que cumpre o seu dever duma forma perfeitamente desportiva. E êste elogio é tanto mais significativo, quanto é certo que, no Algarve, muito pouco mais haverá a juntar no que respeita à educação.

Sem que êste labéu pertenda atingir aqueles que pela sua correcção, se mostram sempre, dignos da máxima consideração e respeito, o Algarve, está actualmente atrasado, muito atrasado mesmo, quanto à educação, que, desportivamente, se deve — pelo menos — aparentar.

Faro — é quanto a nós — a única terra, onde se vê grandemente o resultado de enorme trabalho nêste sentido. Os jogadores do Sporting Club Farense, fôram duma correcção em extremo para connosco e a assistência, apesar do seu grande fanatismo por aquele agrupamento, mostrou um alto espírito de independência, e correcção, aplaudindo igualmente os dois grupos, quando por qualquer motivo os achava merecedores das suas ovações. Quanto ao incitamento que por veres faziam aos jogadores farenses... *mal vai aquele que não zela pelo que é seu!*.

Quanto ao desafio, apesar de alguma cousa ter dito já, muito mais haveria a dizer. Significarei, sòmente, que as bolas que o nosso grupo marcou, se eram perfeitamente defensáveis não resultaram porém, de qualquer favor do guarda-rede do então Campeão do Algarve, como se disse já, numa revista desportiva da capital do país, o que é deveras lamentável dada a importância que a mesma tem. Porém quanto à parte que a nós se refere, não causou a surpresa que esperariam porque já não é a primeira vez que tal facto se sá.

(Continua)

Mário M. dos Santos
2.º ano médio de comércio

Soneto

Quando te vi, ficou-me um sentimento
Guardado com saüdade na lembrança,
Êsse teu rosto lindo, minha esp'rança,
Que deu começo ao meu cruel tormento..

Só tu me podes dar algum alento
A êste meu amor que jamais cansa,
Pois só em ti eu tenho a confiança
Que vai acalentando o sofrimento!

O' infeliz de mim se o não curares!
Minha alma sentirá então bem forte,
Tão grande abalo, tão profunda dor...

Como a andorinha que tombou nos ares,
Fujo da vida, vou buscando a Morte
Que leva aos céus o meu fatal amor!

Joaquim Tuna
3.º ano de instrução primária superior

FUTEBOL

Pela primeira vez, êste ano se fêz o Instituto representar no 2.º agrupamento do campeonato escolar de futebol.

O grupo era assim constituïdo:

Azevedo

Ló Fernandes

Santos Alves Correia

Simões Alegria Silva Pontana Anjos

Todos novos, muito novos ainda, êsse agrupamento soube desenvolver verdadeira técnica de jôgo, graças à preparação inteligente do Ex.mo Sr. Capitão Viegas.

Interpretando todos muito bem a sua missão, não podia certamente a resultante de todos êsses esforços ser coroada de mau êxito.

E assim é com satisfação que vemos chegar o final do campeonato com o «onze» do Instituto à frente, alcançando a taça respectiva.

Por isso, *O Profissional* congratula-se publicando hoje numa das colunas esta modesta fotografia, fazendo votos pelos seus triunfos futuros.

António Baptista da Costa
2.º ano médio de comércio

O fantasma

(Scena da aldeia)

Vinha já de antigas gerações a lenda dos fantasmas que a horas mortas apareciam num determinado ponto do pinhal.

Era já noite, e na quitanda do Zé Tomé bebericavam-se ainda os últimos copinhos de vinho tinto, o maior gôso daquêles que o bebem por prazer.

Conversava-se animadamente; era o alcool que começava a aquecer os cérebros dos que se encontravam junto da pipa chegada nêsse dia. Mas de entre todos, um que ainda não fizera mais do que provar um copito de dois decilitros, despediu-se dos amigos e saíu da locanda em direcção à Praia.

A noite estava escura; a cerração completa. Gemia o vento assustadoramente, por entre a ramaria dos pinheiros esguios, sibilando, assobiando uma canção sinistra. O firmamento era um completo véu translúcido sem que uma única estrêla iluminasse o espaço. A atmosfera muito densa, ameaçava borrasca.

O nosso personagem, era um rapazola dos seus dezassete anos, quando muito, pertencente a uma família rica e a quem uma vida mais ou menos fradesca tinha embutido o terror dos lobisomens.

Lá adiante divisava-se, embora frouxamente, uma pálida brancura que parecia separar os pinheiros. Era a chamada Ladeira Grande, que o vulgo dizia ser fértil em aparições tenebrosas.

Quantas pessoas a altas horas da noite as tinham lá visto já, de formas variadas e apresentando-se com diversos aspectos, quantas!?...

Aproximava se dêsse sítio e à medida que avançava, o susto aumentava-lhe progressivamente...

Ei-lo já perto, as pernas a vergarem-se-lhe como varas verdes agitadas pelo sôpro forte da ventania...

Na Ladeira Grande, dum e doutro lado da estrada, existem duas grandes inclinações de terreno, povoadas de pinheiros; é daí que surgem as aparições.

Estava já quási a transpor o perigo que julgava existir ali, quando um enorme tremor se lhe apossou dos nervos. Lá ao longe apareceu-lhe amortalhada numa cógula branca a figura de uma pessoa que devia certamente andar penando neste mundo. Dos olhos encovados, cadavéricos, parecia despedir clarões fugazes, súbitos, que me-

tiam mêdo, e o rapaz tremeu, e ergueu as mãos ao céu, implorando a compaixão divina. O fantasma parecia avançar para êle, medonho, assustador, chispando reflexos luminosos, inconstantes, profundos...

E o rapaz, tomado de um terror fatal, vacilou, cambaleou, e caiu por terra desmaiado...

O vento continuou gemendo por entre a ramaria, as aves continuaram piando sempre, até que finalmente a manhã raiou cheia de luz, desprendendo airosa os seus reflexos cristalinos sôbre as fôlhas verdes das campinas...

E o fantasma — criação dos espíritos leves e incultos — nunca mais tornou a aparecer. O que se nos nota, se visitarmos o lugar, de noite, é pura e simplesmente uma pequena abertura entre os pinheiros, onde o terreno é de areia branca, e através da qual se vêem os reflexos luminosos do Farol de S. Pedro de Muel...

Abílio Quadros
2.º ano médio comércio

O nosso preito ao soldado desconhecido

A Pátria, reconhecida, recebera carinhosamente aquele seu filho humilde e ignorado, dirigindo assim a mais grata homenagem a todos os que de longe d'Ela e por Ela sacrificaram a sua existência.

Estava ali o velho Portugal, cônscio de todo o seu valor, o gigante das empresas temerárias de Ibn Errik, das arrojadas aventuras do Gama, dos feitos audaciosos e coroados pela Sciência, de Coutinho e Cabral.

A multidão confusa, as almas vibrando, os corações palpitando num mixto de Dor e de Glória, dir-se hia entoarem, baixinho, muito baixinho, o mais sagrado dos hinos, aos nossos irmãos, a todos os Portugueses que à voz da Pátria correram solícitos, trocando o viver singelo, entre o carinho dos entes estremecidos, na pequenina aldeia alvejando no meio do verde dos campos floridos, beijada pelos raios acariciadores do sol bendito e sob o azul puríssimo do céu, pelo tumultuar incerto dos campos de batalha, a morte a cada passo, rodeado pela natureza indiferente, animado apenas pela suprema consolação do dever cumprido.

Santa resignação!...

Sagrado culto!...

E, quando todos, levados pelo sentimento patriótico, procuravam exaltar o valor da Raça mais uma vez assinalado, nós, os filhos da grande família militar, os Pupilos do Exército, sentimos nascer e impor-se a a necessidade de prestar o nosso sentido preito, sob uma forma que traduzisse a admiração de que somos possuidos.

È que, temos ainda o sangue dos Namorados de Aljubarrota, que, desfraldando o pavilhão côr da Esperança, marcharam envoltos numa nuvem de galhardas promessas.

E, assim, Sua Ex.ª o Director e actual ministro da Guerra, Coronel sr. Fernando Augusto Freiria, interpretando o nosso sentir, conseguiu do capitão de Engenharia lente da Escola Militar e distinto professor do nosso Instituto, o Ex.mo sr. Leal de Faria, um desenho que o hábil professor de modelação, Ex.mo Sr. D. Agostinho de Noronha se propoz levantar em gêsso, fazendo-o com uma perícia e uma inteligência invulgares.

Êste gêsso, não é contudo a cópia fiel do original do nosso professor de desenho: algumas modificações se lhe imprimiram, tendentes porém a caracterisarem mais precisamente o eco a que a nossa alma de Lusitanos procurava dar vulto.

A gravura junta representa o: a figura da Vitória, a santa de nossa devoção, que escreveu a ouro as páginas da nossa História passa sôbre a tumba, que, humedecida por lágrimas de mãe, — lágrimas de saüdade, todavia, de Alegria também — assenta num altar onde inscrevemos a nossa dedicatória. Erguem-se lateralmente e inspirados no estilo gótico, dois pilares lembrando dois Tintans que velam o Sono de Paz do Heroi. Entre estas e das suas bases nasce um arco de ogiva, qual auréola de glória coroando o ataúde, e, encimado pela cruz gótica, eis a nossa oferta que será deposta no Mosteiro da Batalha.

Ela é sem dúvida modesta, todavia bem significativa, por ventura a homenagem mais sincera.

O modêlo deu entrada nas oficinas do Instituto. Começa aqui o nosso trabalho. Sem entrar nos mais minudenciosos detalhes, porquanto isso seria dizer — aos alheios a êste assunto, porém despretenciosamente — uma lição que aqui tem pouco cabimento eu vos relatarei fielmente o seu decorrer, apontando-vos as diversas operações, sem-

pre sob a atenção escrupulosa sob a sábia direcção do Ex.mo Capitão-tenente Sr. José da Silva Migueis.

É na Fundição que o trabalho se torna mais delicado, exigindo uma paciência extenuante, devido às anfratuosidades da obra, que apresenta, por vezes reintrâncias de dificílima reprodução.

E digna de nota, a boa vontade e persistência com que, os alunos Abílio Maleitas de Jesus, Mário F. dos Santos, Emídio P. Pereira e Alfredo J. Pereira, auxiliados pelo ao tempo mestre da oficina, sr. Francisco de Oliveira, se entregaram ao trabalho, que principiou porse fazer a moldàgem. Na impossibilidade de se obter uma moldação directa, recorreu-se aos tasseis. O tassel, é um pequeno aglomerado de areia a que se dá uma certa consistência, para conservar indeformável o relêvo a que se adaptou.

Depois de totalmente coberto o molde por êstes comprimidos, procedeu-se à sua marcação, com fim de se poderem reunir novamente, de maneira a reproduzirem a forma que se pretende. Compreende-se fàcilmente o cuidado de que carece esta operação, já devido ao grupo de tasseis, que muitas vezes é bastante numeroso, já devido à sua constituição, pois que uma pequena distração, originando a desagregação de um dêles, só muito raramente não obriga a recomeçar o trabalho já completo.

Então desarmou-se a moldação, reconstitui-se a figura, depois do que, para assegurar a inalterabilidade dêste conjunto se cobriu tôda a parte posterior com uma camada de gêsso, solidificou em volta duma armação metálica para garantir a sua consistência; finalmente, uma superfície que se planificou vem sôbre uma segunda coquilha marcando a espessura da obra, fundido o metal, vasado, e e eis o vronhe em condições de receber as correções necessárias e os últimos retoques.

Esta descrição a traços largos é o resumo de muitas canceiras, que, a vós, mestres que as conheceis, tão pouco àqueles que as avaliam apenas, me não atreveria a fazer, se não contasse antecipadamente com a vosso benevolência, que perdoa o meu laconismo.

A obra entrou na Cerralharia, afim de ser rebarbada e aperfeiçoada convenientemente. Merece especial referência pela actividade que desenvolveu e é digno de todo o louvor, o aluno externo sr. José Simões da Silva, que aqui freqüenta o Curso de Máquinas. Nesta oficina foram cinzelados tôdas as suas linhas, sob a orientação experiente do Ex.mo Sr. Migueis, dando-se-lhe por vezes uma forma mais elegante ou mais caprichosa, e depois de se lhe aplicar uma *patine* que lhe fornece a aparência dum bronze florentino, foi esta assente numa almofada de pedra, manufacturada pelo habil industrial sr. Wenceslau N. da Fonseca e não no Instituto como em Abril publicava o *Diario de Noticias*.

Esta placa, tém nos seus quatro cantos salientes, servindo-lhes de esquinais a esfera armilar sôbre a cruz de Cristo, sob a qual nascem dois ramos de corda que seguem o seu contôrno. È o símbolo Manuelino.

É a evocação das grandas tarefas de arrojados navegadores, iniciadas em Belém, duas vezes gloriosa, onde, qual sentinela secular, sublime creação, arrebatadora pedra parece entoar às Tágides os versos inspirados do «Príncipe dos poetas do seu tempo»... E, tôda a Natureza chora, lembrando o Portugal do Rei Venturoso: geme saüdosa, a brisa, que balouçou as naus do Apogeu... Ruge dolorosamente a vaga Oceânica, que as açoitou... Fenecem as flôres, perdendo o viço... e até a Tôrre sua irmã é mais melancólica ao escutar aquela voz...

De súbito porém uma, águia de proporções colossais cruza o espaço. Então, surgem nítidos, dois Portugueses... dois Ídolos... Ligando-os, como elos sagrados, o nome duma nação, irmã pela raça e pela língua.

É o despertar dum Povo!

E, agora, os prados são mais floridos e é mais suave o seu aroma; trinam as aves em doce harmonia e o regato murmura uma canção mais bela; a luz do Sol é mais límpida, tem, mais magia o luar, e aquêle encanto de Ante em mimoso e divinal rendilhado tecido em Belém, parece ostentar-se mais gracioso e mais altivo...

Em apoteose, um brado reboa nos ares repercutindo-o o monte!...

Portugal não pereceu!...

Belém, Maio de 1923

Manuel Augusto da Silva

1.º ano de máquinas

As doçuras da vida do lar, vida que tanto nos embala e eleva a alma, são como que dons divinos dados a quem faz a sua jornada por um vale de lágrimas.

FUTEBOL

Nêste ano lectivo que decorre, mais uma vez o Instituto enviou o seu grupo representativo a disputar o campeonato escolar.

Mais enfraquecido que na época anterior, devido à saída de alguns dos seus melhores elementos, êste, não pôde alcançar os loiros da época anterior, mas brilhou por vezes.

E só com um treino persistente e uma boa vontade de triunfar que a todos incita, é que se deve os bons resultados alcançados, que lhes asseguraram ainda o 2.º lugar entre as escolas inscritas nos internatos.

A linha era assim constituída:

H. Costa

Máximo Maleitas

Rufino Domingos Agostinho

Figueiredo Moreira C. Alberto Américo Alegria

Posto isto, vou fazer duma maneira muito rápida algumas considerações sôbre essa série de desafios.

1.º desafio

MARIA PIA, 1 PUPILOS, 5

Era o 1.º desafio que se realizava e por conseguinte a abertura da época de futebol e a inauguração do campo da Escola Militar gentilmente cedido à A. F. L. para êstes desafios escolares.

Por isso, era numerosa a assistência e a afluência de estudantes sobretudo para ver o estado em que se encontravam os grupos, era grande.

Os grupos entram em campo e são bastante ovacionados.

Na assistência, discute-se as provabilidades da vitória pelo que se lançam prognósticos.

Esta que para nós parecia um pouco difícil surgio-nos bem depressa e um, pouco esmagadora para o adversário...

Todos jogaram bem e em especial a defesa.

O avançado direito, Figueiredo, teve um ótimo remate que bem apontado entroduziu o esférico nas redes.

O avançado centro, C. Alberto, rematou bem uma bola que colou nas redes.

2.º desafio

ACADÉMICA, 0 PUPILOS, 2

Com uma assistência já um pouco inferior realisou-se êste 2.º desafio.

Foi um desafio bem jogado que marcou não só pelo jôgo desenvolvido mas sôbre tudo pela correcção com que os dois grupos se houveram em campo.

O guarda-rede adversário brilhou pelos remates fracos dos nossos dianteiros, e ainda pela falta de remate dêstes.

Nas descidas rápidas e isoladas do adversário, Maleitas interveiu interceptando com conhecimento. Domingos jogou muito bem e Alegria conseguiu bem uma bola.

Contínua

António B. da Costa
2.º ano médio de comércio

Ecos

No dia 11 de abril chegaram do Algarve os alunos que aí andavam em excursão, acompanhados por vários oficiais e professores do Instituto.

A viagem fez-se com tôdas as facilidade havendo contudo um incidente que poderia ter sido fatal, mas que felizmente não teve conseqüência de maior.

Foi o caso que por motivo duma das portinholas da carruagem em que viajavam os alunos, se não encontrar bem fechada, o aluno Guimarães ao tentar fechar a janela, precipitou-se junto à linha.

Chegados a próxima estação, a locomotiva conduzindo alguns professores e alunos, retrocedeu, vindo a encontrar o aluno Guimarães já a caminho, tendo sofrido apenas ligeiras escoriações.

No dia 26 de Abril, o 1.º pelotão foi ao Teatro Politeama fazer exercício de esgrima de baioneta, a pedido dos Bombeiros Voluntários que aí realizaram essa festa em seu favor.

Recebemos e agradecemos *A Ilustração*, *Os Sports*, *A Gazeta Desportiva*, *O Sport de Lisboa*, *o Almada Sport*.

A gravura em que nós mostramos hoje a nossa placa foi-nos gentilmente cedida pelo *Diário de Notícias*.

Aos membros da direcção, *O Profissional* muito agradece e em especial ao major Snr. Pereira Coelho.

A Direcção

Número avulso $50

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ADMINISTRADOR
António da Costa

CORPO DE REDACÇÃO
J. M. Guimarães, João P. Antas
Redactor principal
Domingos L. Agostinho
Secretário

DIRECTOR
Mário dos Santos

N.os 61 e 62 — 8.º ano | Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército | Junho e Julho 1923

A Nossa Festa

Realiza-se hoje a segunda festa que o Instituto Profissional dos Pupilos do Exército promove no Teatro Nacional Almeida Garrett.

Já há um ano nos referimos em *O Profissional*, à festa que então tinha lugar, prognosticando-lhe um feliz êxito, que, em boa verdade, se não desmentiu, antes comprovou.

Hoje, aproveitando o mesmo facto e a mesma esperança, auguramos para a nossa festa, um brilhantismo igual a caracterizá-la, uma idêntica correcção a distinguí-la entre as muitas que anualmente se realizam pelos académicos das diversas escolas.

Diziamos nós há um ano, a propósito do triunfo que necessitávamos obter: *é necessário que tudo decorra com um máximo de correcção e que o Instituto venha desta festa, sendo com mais renome, pelo menos, com o que se lhe deu até hoje com uma considerável soma de trabalho.*

As mesmas palavras dedicamos neste dia à festa que promovemos, embora tenhamos a consoladora convicção, de que todos os nossos camaradas o saberiam compreender igualmente, sem que elas se pronunciassem.

Mas o Instituto — esta é a triste verdade — ainda não conquistou aquela simpatia que lhe é devida pelo que de grande vai produzindo, e conta — pelo contrário — com atmosferas inteiramente adversas, que urge tornemos adeptas.

Ora êsse *desideratum*, só o conseguimos pelo nosso esfôrço e pelo nosso trabalho consciencioso e nobre, nesta e em idênticas manifestações.

Foi por êsse motivo que nos lembrámos de escrever estas curtas palavras, que só significam uma prevenção.

Mário dos Santos
2.º ano médio

BELÉM

Lindo cantinho onde eu vivo alegre, os santificados dias das férias! Como eu te adoro!

Eras para mim, um relicário de inextimável valor, onde eu via as preciosidades do teu Mosteiro, da tua Tôrre, do teu Rio e do teu céu. Hoje, és mais alguma cousa; és a testemunha dos pezares e das minhas alegrias, és a origem das minhas ilusões e a Terra Prometida, que me sorri de longe! Corôa refulgente que adornas a cúpula do precioso quadro onde repousa a imperfeita carta, do caminho lendário para as Terras de Preste-João!

Nas areias do teu rio, eu vejo nomes que são poemas, reflexos, que são o scintilar de centenares de montantes e a deslumbrante alvura, que mostra bem a pureza dos teus filhos! Quando à tardinha, no verão, eu contemplo o cerúleo do teu céu, a candidez das tuas flôres e o sorriso das tuas virgens, fico-te amando tanto, que desejaria tomar-te, Belém, numa pequenina boca, vermelha e perfumada, que eu beijaria loucamente. Materialmente não posso, mas a tua alma, porque a tens, vive com a minha num elo indestructível! Diz a lenda, que nos redutos de Allah, em noites estreladas, aparecem as lindas sarracenas, de olhos negros como a treva, fiando numa roca pequenina, tôda feita de pérolas e ouro. Mas tu, Belém, tens mais! Tens a Lira de Camões, tens os restos do Gama e do Pombal... E Mais; é o teu Passado! Tens o Presente, nos feitos dos heróis, que partiram do teu seio, como outrora, *Por ares nunca dantes navegados*, em busca doutros sóis! E o Futuro... Deixemos, Deus no-lo amostrará.

Se precisares um dia do meu sangue, da minha vida, do meu braço, Belém! Eu correrei para ti. Já vês como te adoro! Mas, se como disse, te não posso beijar, permita Deus que um dia te amostre bem como o faria, numa das tuas filhas tão lindas como tu!

João Pires Antas
1.º ano geral

Dois ódios acordes são como o amor mútuo: compreendem-se, adivinham-se.

A. Herculano

Os nossos agradecimentos

Agora, que chegámos ao fim da nossa missão, os nossos agradecimentos vão para todos aqueles que nos lêm e que nos têm auxiliado; ainda no nosso último número, nos referimos às dificuldades que arrostamos, para que no fim de cada mês, surja mais um número do nosso periódico, que possa dizer: ainda não morri. Não julgueis que o nosso orgulho é vão; êle tem razão de existir, tanto mais que a maioria dos jornais académicos, tem nascido num momento de febril entusiasmo e desce ao terreiro, onde vacila, treme e caie por fim. Se algumas vezes ainda tenta levantar-se, é talvez para pouco depois dar maior queda.

O Profissional órgão dos alunos dos Pupilos do Exército, pobre e desconhecido, tem caminhado sem hesitar; se alguma vez pára, é só para dar maior arranco e destruir a inércia que o tentava cercar; os seus membros trabalham para êle nos recreios pois o resto do tempo é-lhes tomado pelas aulas. E quando há mais que fazer são aproveitados os dez minutos de intervalo que separam as aulas. No entanto, a nossa vontade, só, bastaria?

Claro que não. Somos auxiliados e é aí que existe a razão da vitalidade do nosso mensário. Recordamos agora aqueles que maior impulso deram a *O Profissional* e que foram: Isidoro José de Brito, o saudoso colega e amigo que a morte levou já; Jaime de Mascarenhas, nosso ex-colega, autor das *Horas Distantes* e Abílio Quadros, que deixa êste ano o Instituto e cujos escritos deixam em *O Profissional* o seu talento bem patente. Mas há alguém mais, de quem se não tem falado e que tem sido o nosso principal apoio; são os alunos e mestres da oficina de Tipografia, devendo especial referência os alunos do 4.º ano, que são João Augusto Barreira, Dagoberto de Oliveira Santos e Francisco Aires Martins; os dois primeiros na composição e o terceiro na impressão.

A vós pois, camaradas, *O Profissional* agradece o vosso grande e desinteressado, esfôrço as vossas noites perdidas.

Obrigado.

A Direcção

Guerra Junqueiro

Sumiram-se lentamente os derradeiros vislumbres da maior estrêla poética contemporânea, deixando em tôrno a si uma auréola fulgurante, de santidade e de amor.

A taciturnidade sucedeu a ânsia dos corações portugueses, num fatal desenlace de luto e de tristeza. Uma melancolia profunda calou vivamente em nossas almas quando o último *Vencido da Vida* tombou derrubado pela mão inexorável do Destino.

Emudeceram-se-nos os lábios; regaram-se-nos os olhos; e uma intensa saüdade avolumou-se em nossos peitos, ao conhecermos o passamento do genial cantor da *Pátria*.

Na nossa pequenez, na nossa humildade de diminutos nadas, sentimos o coração confrangido, que batendo apressado um pouco antes dùbiamente, numa espectativa cruel, se quedou selado por tão terrível nova, muito embora se esperasse há tempo já.

As lágrimas a borbulharem nos olhos, inconstantes, espontâneas, e a mente divagando pelas infinitas regiões do misticismo, obrigaram-nos a quedarmo-nos mudos, pensativos, abatidos, traduzindo êsse mutismo insondável a maior e a mais sincera admiração pelo Grande Poeta, o símbolo da raça, o mais dardejante verbo na scintilação do metro, que a pátria lusa produziu ùltimamente.

E ficámo-nos mudos porque a deficiência das nossas palavras não conseguia exprimir a sensação de mágoa que nos cruciava a alma, que nos assoberbava o espírito; mas tão sòmente poderia ludibriar o significado dos nossos pensamentos emotivos.

Ficámo-nos mudos para que a nossa boca tentando exaltar o autor da *Morte de D. João*, não fôsse profanar a santa memória do Poeta que expirava. E' que o silêncio muitas vezes diz mais que os maiores arrazoados cheios de ênfase e difusão.

E nós tão pequeninos, ante o lírico dos *Simples*, o satânico da *Velhice do Padre Eterno* e do épico da *Pátria*, de que maneira conseguiríamos exprimir os nossos pensamentos sem tirar o lustre e o fulgor que êsses pensamentos dentro de nós possuíam?

A Obra Imensa do Mestre assombra, deixa-nos estupefactos, sob qualquer aspecto que a encaremos. E' um monumento de arte tão rendilhada e fina, que o andar dos tempos em vez de derruir há de solidificar mais e mais por entre as futuras gerações de Portugal. Os seus versos repassados de ternura e de suavidade hão de ser decorados em todos os transes angustiosos do nosso torrão querido, porque Guerra Junqueiro se sobrepujou a si próprio sempre que cantou a nossa terra, e os seus mais burilados poemas têm por tema a nossa Pátria.

Morreu produzindo; morreu fazendo versos, que não são dêle, que são de todos nós. E ainda há pouco compunha o seu último livro que deixou incompleto, e que se não concluísse — dizia êle — *morreria desconhecido*. Junqueiro que sempre foi o crítico mais severo de si próprio, profetizou-nos assim que um grande espólio literário se perdeu com a sua morte prematura.

O povo ajoelha e reza: curvemo-nos também humildemente, ante a altar imaculado do venerável Morto.

Abílio Quadros

PELO SUL DE PORTUGAL

Acabado o desafio de futebol e animados pela brilhante demonstração que havíamos feito, esquecemos momentâneamente a fadiga, e a refeição decorreu então na mais divertida animação.

E assim se passou o belo domingo de Páscoa.

Ao outro dia, (2 de Abril) parecia que uma alma nova tinha surgido em todos nós; a boa disposição era geral, eramos já completamente alegres, alunos e professores.

Só nos faltava a récita para completar o programa das nossas festa em Faro.

O espectáculo esteve animadíssimo, sendo altamente grandiosa a ovação que recebemos a quando da demonstração de manêjo de arma e esgrima de baioneta.

A assistência, aplaudiu êstes dois números com um calor e entusiasmo tão particulares, (verdadeiro sucesso, nas terras algarvias) que nos conveceu — permitam-nos a imodéstia — que nunca tinha visto melhor.

*

* *

Cumpre-nos registrar, que nos deram a subida honra de jantar connosco, nêste dia, o Ex.mo Coronel Pires Viegas, que amàvelmente nos dirigiu e acompanhou na cidade, e o Sr. Manuel Garcia Cárabe, director do Sporting Club Farense uma das individualidades que maior consideração nos mereceu, pelo caminho e desinteresse com que sempre nos distinguiu.

Fizeram-se vários brindes, nos quais se afirmou a agradável impressão que havíamos colhido durante a nossa curta passagem por aquela linda cidade, saudando os nossos oficias, os dois ilustres convidados, que mais uma vez nos penhoraram com as palavras de sincero elogio que tributaram ao Instituto.

No dia 3 tomos para Olhão, vila que dista a um quarto de hora de viagem da capital algarvia. E' uma pena, dizemo-lo sinceramente, que uma localidade com um movimento comercial e industrial, verdadeiramente notáveis, não cuide com maior atenção da limpeza das suas ruas, asseio que aliás se manifesta perfeitamente nas casas de habitação.

Mas enfim... deixemos essas considerações para *O Século*, e prosigamos na nossa narrativa.

Cumpria-nos igualmente realizar nesta povoação uma demonstração de futebol e um espectáculo.

Abstemo-nos de os relatar com detalhes como o fizemos para Faro, julgando que desta forma, vos não aborrecerá tanto esta crónica d sataviada.

No entanto, dir-vos-hei quais os resultado em futebol, perdemos por 3-0; quanto ao espe táculo, que esteve concorridíssimo e animad merecem referência especial ovação que recebe a orquestra, e o assalto de florete, pela primeir vez presenciado naquela localidade.

Quanto á correcção que o povo olhanense use durante o desafio de futebol, é melhor n falarmos nisso. Enfim, isto prova quanta má educação se encontra espalhada pelo país fora!... e sigamos emediatamente para Tavira.

*

* *

'A 7 horas e 45 minutos do dia 4 de Abril, partimos para aquela formosa cidade a mais bela e encantadora povoação algarvia.

Aspecto da exposição de trabalhos escolares da f das aulas

E'-nos pouco agradável constatar... que a loirinhas de Tavira nos não quizeram honra com os seus olhares!

Quando alvejávamos uma donzela era sabid que logo os cincoenta colegas apareciam com que misteriosamente, detendo-se a examiná-la.

O resultado porém, era sempre o mesmo, elas lá se retiravam, não sem que longas e im piedosas pragas saíssem dos nossos lábios de sesperados.

Chegada a noite, realizámos a nossa récita num teatro lindamente ornamentado por

sas damas, que então se dignaram honrar-nos
m o seu requintado bom gôsto.
Assistiram ao sarau, as pessoas de maior vulto
cidade, facto que também se havia constatado
s anteriores localidades. Em Tavira, porém,
adeu a tôda a espectativa.
ão outro dia (5 de Abril) fomos a Vila Real
S.to António, onde visitámos o farol de cujo
rme torreão, se avistava a imensidade do
ano, aquele mesmo Oceano, que foi o berço

Oficina de carpintaria

ncerramento

das nossas gloriosas façanhas e de tôda a colossal parcela de celebridade que nos coube na exploração do mundo.

Acabada a visita, jogámos com o Lusitano Foot-Ball Club, actual campeão do Algarve, com o qual perdemos por 3-1, depois de mimoseados com injustas violências.

Jantámos então na formosa vila, cuja construção é exactamente a da Baixa de Lisboa.

oi também mandada edificar no tempo de
quês de Pombal.
oltámos depois a Tavira, onde dormimos
o dia 6, partimos para Portimão, onde che-
os por volta das 13 horas.
lmoçámos, e seriam aproximadamente 15
as, conduzidos pelas célebres *carrinhas*, vi-
mos a Praia da Rocha, um das mais belas
aiores, senão a melhor do mundo, segundo
pinião de grande número de turistas.
s três *ursos* e o *buraco da avó*, foram detida-
te observados por nós como medida do quanto de modificação, pode fazer a água.

E' realmente interessante, observar, como o roçar contínuo das ondas oceânicas, pode operar umas tão profundas escavações em rochas de consistência colossal, escavações que por vezes atingem proporções enormes como sucede nêste último rochedo, a que o algarvio, deu a designação característica de *buraco da avó*.

Realizou-se depois o desafio de futebol com o Portimonense e o nosso grupo escolar, no qual alcançámos a vitória de 3-0

O nosso grupo adversário era na verdade muito mais fraco, mas pela pouca eficácia dos nossos, sofreram esta pequena derrota, como disse, relativamente ao seu reduzido valor.

No dia seguinte pela manhã, visitámos as Caldas de Monchique, a Sintra do Algarve.

Ao vermo-nos lá, sentimo-nos como que no Paraíso, local onde ainda não fomos, mas que tàcilmente adivinhamos o que seja, pela leitura dos romances de fadas encantadas.

Na verdade, desde que para ali somos levados, nas nossas almas desabrocha imediatamente como que uma flor etérea de pureza e de graça, a nossa existência transforma-se, para gosarmos uma tranqüilidade espiritual e uma sensibilidade afinada, que nos torna mais lúcidos e compreendidos!

Sente-se, enfim, o gôzo supremo de viver!

Almoçámos lá; e diga-se de passagem, com grande satisfação, pois só a subida da serra rapara-nos tudo quanto ainda conservávamos no estômago.

A partida, umas gentís meninas, honraram-nos com alegres manifestações de cortezia ao que nós correspondemos, lançando-lhes plantas silvestres, que são as flores das serras e aquelas que no momento podíamos utilizar.

A' noute, realizou-se no pavilhão cinematográfico, a récita que se havia anunciado para aquela vila, a qual decorreu com brilho desusado... pela alegria que à festa se dignaram conceder as mais distintas donzelas de Portimão. Foi, enfim, uma verdadeira noute de festa!

No dia 8, apenas reservado para um novo desafio, que para os Portimonenses pretendia ser a desforra, da nossa aventura do passado dia 6, pudémos então descançar um pouco de tôda esta série de récitas, passeios... e conquistas! Vizitámos Silves, em gazolinas que nos foram gentilmente cedidos pelo Capitão do porto, e a respeito da pretendida vitória do grupo local, custou-lhes a agradável vitória (para nós) de 6 *goals* a zero.

De resto, em Portimão, houve serenatas etc., e em segrêdo para vós, caros colegas (se algum se deu ao trabalho de me aturar) lembrarei também o célebre repôlho!

E assim partimos para Lagos no dia 9 de Abril, precisamente 4 anos depois, dessa terrível batalha que os portugueses sustentaram em França contra as hostes alemãs.

Nesse dia, dia de festa e de dor também, havia parada para a guarnição da cidade, e na qual nos incorporámos devidamente armados.

A' noute, realizou-se o espectáculo, que havia sido anunciado com foros de grande gala e como tal considerado, pelas autoridades locais. Assistiram a êle, grande número de oficiais da guarnição, bem como as famílias mais distintas e consideradas na cidade. No entanto, confessamos que foi esta a récita mais fraca que realizámos durante esta longa excursão, devido sem dúvida ao estado de abatimento em que nos encontrávamos.

Para o dia 10 de Abril estava marcado um passeio a Sagres, que não chegou a realizar-se devido ao... temporal. Fomos por isso ao monte da Piedade (salvo êrro de informação) onde subimos tambem ao farol, e à noute depois dos respectivos *salvés*, embarcámos para Lisboa onde chegámos no dia 11 pelas 10 e meia da manhã.

E aqui está, o que foi a excursão às terras algarvias, embora neste singelo relato não figurem as *justas reclamações*, que por vezes fazíamos à sua organisação. E' claro, que elas só tinham lugar, quando nada mais havia que dizer, e já é sabido que *dizer mal, é manha de Portugal!*

*

* *

Resta agora dizer que nos não referimos ao desastre de que foi protagonista o nosso colega Avelino Guimarães, por sôbre êle se ter já o mensário pronunciado.

E por último, desculpem a massada e obrigado por terem acompanhado até ao fim o pobre relatório do

Mário dos Santos

2.º ano médio

A Direcção de *O Profissiomal* ao terminar o seu mandato, saúda os ilustres assinantes e amigos do mensário, ao qual deseja longa vida.

A Direcção

ELA

Quando ao cerrar da noite, a fresca viração cheirando a rosas, perpassava pela praia, para ir, quem sabe, contar os seus segredos ao oceano, já encontrava sôbre as areias o corpo esbelto e candidamente lindo, da loura de olhos verdes!... Eu amei-a tanto, como se fôra o santo relicário duma religião imponderável feita de amor e bondade!

Quando o azul do mar se recamava de centenares de estrêlas, eu via-a sòsinha na pequenina ponta de areia, onde mais gostava de estar e onde moravam os seus sonhos, as suas ilusões tão castas como o arrulhar dos pombos no adro da igreja aldeã e parecia-me então, que o mar, num sorriso galanteador, lhe oferecia na superfície das vagas, um manto de espuma, branco de neve, para se cobrir.

O' Loura de olhos verdes! O' minha cândida amiga; dize e só a mim; quem te deu o ouro refulgente dessa trança que orna o teu rosto imaculado e santo? Foi o ouro dos salões ou o sorriso diáfano de algum anjo? As medas de trigo, ou as palhetas da areia?

Dize-me, eu gostava tanto de saber...

E o verde lampejo do teu olhar divinamente lindo?

Quem te o deu? Não dizes? Eu sei; foi o teu confidente, o mar.

Inda me lembro: foi naquela tarde que nos zangámos, que sòsinha choraste e o mar chorou contigo, e deu-te de presente para te alegrar, essa côr verde, aos olhos, dum verde muito profundo, como profundo é o mistério que êles encerram.

Dizem que a mulher é falsa, mas que importa? Tu, loura, não és mulher, és uma criança que ora canta alegre como a toutinegra dos campos, ora chora sentida como a débil criancinha.

Tu não amas por interesse nem por cálculo; amas por instinto; foi o teu coração que palpitou mais apressado e foi Deus quem te gravou no peito um nome que guardas carinhosamente. Ou não?

Foi sim. Embora as multidões queiram vazar no meu cálix uma parte do seu fel, descança, eu não me perverterei, na minha mente existirá sempre, não o teu nome, menos o teu corpo, mas sim a Loura de Olhos Verdes!

João Pires Antas

1.º ano geral

Á vida

Tentei saber um dia o que seria a vida,
E em busca dêste ideal, deixei o lar, parti;
Ao deus-dará, sem norte, o orbe percorri,
Tornando ao meu retiro a crença fenecida.

Lutas, ódios, traições, cinismo, eis o que eu vi
Por êsse mundo fora, em senda bem dorida;
Foi nessa estrada vil aonde me perdi,
E onde se me ficou a alma entorpecida.

Eu aprendi na vida a cultivar o crime,
E a vida me ensinou a dor que se redime
Com o mal que tortura e fere um ente honesto;

Por isso, oh vida injusta, e torpe, e asquerosa,
Vida feita ralé, infame, indecorosa,
Do fundo do meu ser, maldita, eu te detesto!...

Abilio Quadros
2.º ano médio do comércio

O meu crisântemo

Tenho em meu peito envolto na saüdade,
Um crisântemo roxo, desmaiado,
Tão pobre, que nem teve a claridade
Das outras flôres que brincam no valado...

É de papel, anémico, tristonho
Como o gemer, dos troncos ao cair...
E como alguém que ao despertar dum sonho
Fica a scismar nas ondas do Porvir...

As fôlhas, raras, pendem sem vigor,
Curvadas pelas cinzas da tristeza;
São verdes, negras, mesmo já sem côr,
E nem lhe deu perfume a Natureza.

Só possui por tesouro, e sem mais nada,
Um nome, como a alegre madrugada
Que vai encher de alvor um coração,
Nunca o disse a ninguém, não dirá nada...
E morrerá co'a luz da madrugada,
Com pétalas e rosas no caixão...

É sonhador... Caminha no Passado...
Talvez poeta, adora a noite escura...
.....
Olhai, que o meu Crisântemo, coitado,
É numa flor, a minha desventura...

João Pires Antas
1.º Ano Geral

FUTEBOL

3.º desafio

C. MILITAR, 2 PUPILOS, 4

A assistência era quási na sua totalidade constituïda por alunos dos Pupilos e Colégio Militar.

Alinhados os grupos e dado o sinal de começar o respectivo encontro, os Pupilos descem e dominam o adversário. Êste domínio não altera a situação, devido à acentuada falta de remate com que vêm lutando os nossos avançados.

Ápio de Almeida, recebendo a bola, desce com ela visto possuir uma ótima corrida e aproveitando bem a indecisão da nossa defesa consegue o 1.º ponto para o Colégio.

Colocada o bola no centro, os Pupilos reagem e obtêm o empate. Pouco tempo decorrido marcam novamente o 2.º ponto, terminando o primeiro tempo com êste resultado.

No 2.º tempo, ambos os grupos vêm com vontade de marcar bolas e assim é que os Pupilos aumentam ao seu efectivo 2 e o Colégio Militar, 1.

Todos jogaram a contento, não se desorientando com a bola sofrida.

4.º desafio

E. AGRÍCOLA, 0 PUPILOS, 5

Êste é um grupo muito fraco que pela primeira vez êste ano se inscreve no campeonato, por êsse motivo a nossa vitória foi muito fácil de adquirir.

Todo o grupo teve pouco que trabalhar.

Américo teve uma cabeça oportuna, introduzindo o esférico nas redes.

5.º desafio

CASA PIA, 6 PUPILOS, 0

Êste encontro era aguardado com grande interesse, pelas vitórias alcançadas pelos dois grupos anteriores; mas ainda pelas nossas vitórias da época finda.

Ambos mantinham pois a mesma classificação, não havendo nem derrotas, nem empates.

A rivalidade desportiva entre uns e outros e ainda pelas considerações anteriormente expostas, fez afluir ao campo da Escola Militar, o público mais numeroso da época escolar.

Há quem fotografe os grupos, até que finalmente êles se alinham.

O encontro começa e os Pupilos saiem alcançando logo de começo um ligeiro domínio sôbre o adversário.

Êste não se mantém por muito tempo e a aza esquerda casapiana desce.

A nossa defesa desarma o adversário dentro da área dos 18 metros, mas o árbitro diz que esta o fez violentamente e manda marcar uma grande penalidade.

E' assim que os casapianos obtêm quási dois pontos seguidos.

Então os Pupilos reagem e o jôgo equilibra-se, fazendo-se tanto num campo, como no outro, com boas fases de associação.

Numa descida do adversário, o avançado direito remata ao gôlo, mas o guarda-rede entra com indecisão, e o adversário com oportunidade faz anichar pela 3.ª vez a bola nas nossas redes.

Com êste resultado termina o 1.º tempo de jôgo.

Após o descanço regulamentar, dá-se início à 2.ª parte.

Os Pupilos aproveitando-se do campo que lhes é favorável descem e chegam a dominar em absoluto.

A defesa trabalha bem, chegando a estar a meio campo, porém os avançados exitam no remate.

A meia defesa coadjuva também eficazmente os avançados, mas êstes parecem estar apáticos, pois teem esplêndidas ocasiões de marcar, o que não fazem.

E quando tôda a gente prevê que ao adversário vão ser infligidas algumas bolas, êles que têm estado desorientados, descem, porque o campo está descoberto e marcam assim mais 3 bolas.

O guarda rede um pouco infeliz e com êste resultado que para todos foi uma ilusão terminou o desafio o qual não correspondeu à maneira como o adversário jogou.

A arbitragem foi muito irregular sendo o nosso grupo fortemente prejudicado por ela.

Todos procuraram trabalhar bem; Américo parece contudo ser o ponto mais fraco.

Sobressairam Máximo e Maleitas.

Maleitas, defesa esquerdo, que se vem evidenciando, desde o comêço da época, brilha, intervindo em todos os momentos que o perigo surge.

E' um jogador de largos recursos, e no seu lugar, parece-me de entre todos os grupos que êle é o mais complecto

Aqui termina pois a 1.ª volta do campeonato.

Antônio B. da Costa

2.º ano médio

Ecos

No dia 1 de Julho, realizou-se no Instituto a festa da exposição dos trabalhos Escolares. Falou o capitão e professor no Instituto Sr. Narckial Franco, que foi muito ovacionado. Presidiu à sessão solene o general Sr. Correia Barreto, tendo à sua direita o Sr. Ministro da Guerra e à esquerda o general, Sr. Bernardo de Faria. Tocou a orquestra sob a regência do maestro Sr. Costa Brás que foi muito aplaudido. Ao jantar, quando todos numa alegria sã e comunicativa riam, conversando nos mais variados assuntos, o nosso presado colega Abílio Quadros, levantando-se num improviso cheio de eleqüência, lembrou que alguém, aluno do Instituto. postrado há muito já, no leito, não assistia à nossa alegre festa; e êsse alguém, disse; é Leonel Faria. Todos sentiram bem a saüdade por êle e à saida, Abílio Quadros foi abraçado por muitos alunos que admiraram e agradeceram a lembrança dum amigo, por nós tão querido.

As gravuras que hoje levamos em *O Profissional*, foram-nos cedidas pelo jornal *O Século*. Agradecemos penhoradíssimos a sua gentileza.

Em Maio último, nas Provas de Educação Física, o Instituto alcançou o 2.º lugar, pertencendo o 1.º, ao Colégio Militar.

Ultimamente no campeonato de Desportos Atléticos, juniors, vários alunos do Instituto concorreram pelo Sport de Lisboa e Bentica, obtendo boas classificações· assim, Manuel Lopes Agostinho, obteve o 1.º lugar no lançamento do pêso; Mário Ferreira dos Santos, o 1.º lugar nos saltos à vara; João Domingos, o 2.º lugar no lançamento da bola do *cricket* tendo-se o jornal *Os Sports* referido elogiosamente ao salto, muito especial, de Abílio Maleitas, o nosso destemido defeza esquerdo.

Pouco depois, no campeonato séniors, Manuel Lopes Agostinho, ficou em 2.º lugar no lançamento do pêso, (7,25 Kg) lançando-o a 8,96 m. e Rufino Lopes Coelho ficou em 2.º lugar no lançamento de granada com uma tragetória de 47 m.

No dia 24 e 25 de Junho, realizou-se na 1.ª Secção a festa de S. João, decorrendo muito animada. Várias meninas venderam rifas e flôres.

A Direcção

Número avulso $20

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ADMINISTRADOR
António Dias

CORPO DE REDACÇÃO
Fernando Caetano; Renato Brito, redactor principal
Carlos Alberto da Silva secretário

DIRECTOR
José C. da Fonseca

N.º 63 — 8.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Novembro 1923

Leonel Faria

Como já é do conhecimento dos nossos presados leitores, faleceu no Sanatório de Carcavelos, no passado dia 17 do corrente ano, o nosso saüdoso ex-camarada Leonel Faria.

Já passou, como aliáz passam tôdas as coisas dêste mundo, do espirito de todos quantos conheceram aquele franco e leal amigo, a maior impressão, aquela que por tôdos foi sentida quando a noticia da sua morte chegou ao nosso seio.

E se por conseguinte estas palavras não exprimem a sensação por nós recebida, nem por isso deixam de encerrar a profunda mágua de que se encheram os nossos corações pela perda de um tão bom e querido amigo.

E' que Leonel Faria, na sua simplicidade e modéstia conquistara a estima de todos os seus camaradas, podendo orgulhar-se que tinha em cada um dos que com êle trabalhávamos um amigo verdadeiro.

Parece-me que ainda o vejo, simples, as faces pálidas e descoradas, quando há dois anos, se despediu de nós para dar entrada no Sanatório de Carcavelos, que o Destino escolhera para têrmo dos seus dias.

E ao vê-lo então, eu não me queria acreditar que o via pela última vez...

Mas infelizmente tinha de suceder. O Mal de Pott que o atacara estava muito adiantado e ia produzindo cada vez mais estragos.

Tinha-o escolhido para vítima, e como acontece a todos quantos se sujeitam à sua terrível acção, Leonel Faria tinha fatalmente de sucumbir. Doença implacável para todos os que têm a infelicidade de serem por ela atacados, foi minando de tal modo aquele corpo débil, que se viu forçado a dar entrada num Sanatório.

Quanto não teria sofrido aquela alma ao ver avizinhar-se a escura e negra Morte?

A Morte! Coisa horrenda e triste.

Palavra medonha de que só o ouvir-te pronunciar me faz causar calafrios! Que necessidade tens de, numa ância arrebatadora, levar de nós indiferentemente os bons e os maus, os felizes e infelizes?

Se há por êsse mundo fora tanto desgraçado que roga ardentemente por ti, e a quem a tua visita ia levar a felicidade acabando de vez com as suas desditas e sofrimentos, porque não te contentas com êsses e vens buscar os outros que por cá descançam em paz? Há na natureza leis muito perfeitas, mas esta não é certamente uma dessas. E assim, quantos felizes a negra morte torna infelizes!!

No entretanto as primeiras noticias que nos foram chegando do estado de saúde do nosso querido amigo, eram sobremodo animadoras. Já a esperança começava a raiar nos nossos corações...

Não me foi possivel ir visitá-lo ao sanatório,

como o fizeram alguns, e foi por êsses que nós tivemos conhecimento do melindroso estado da sua saúde.

Um dia lembro-me como se tivesse acontecido ainda ontem, começou no Instituto a circular a fúnebre notícia do falecimento de Leonel Faria. Não queria crer, mas infelizmente era verdade. o Instituto estava de luto.

Adeus, saüdoso amigo, descança em paz e que Deus seja contigo.

Se é verdade haver Alguém que dirigindo os nossos passos na terra recompense depois nos Ceus os bons e os justos, eu também quero ser um fervoroso crente para acreditar que a tua alma foi directamente acolhida no seio dêsse Deus justo e omnipotente, e está hoje a repousar das tormentas e fadigas que por cá passou.

É só disso que eu te invejo, meu querido amigo. Tu certamente levas hoje um descanço que contrasta singularmente com as agruras da vida que eu cá passo na Terra.

Não merecias deixar-nos tão cedo, não, mas que te deviamos nós fazer? Não estava na nossa mão segurar te. O Destino mandou... Cumpra-se a sua vontade!

Por isso, Adeus saüdoso amigo, mais uma vez, provàvelmente a última. Pede a Deus no Ceu que nos guie os passos nesta vida de incertezas, como eu lhe pedirei que te dê o descanço a que tens jus.

E vós presados leitores, e em especial os alunos dêste Instituto, vós que como eu conhecieis o generoso carácter de Leonel Faria, nosso antigo companheiro de trabalho, acompanhai-me nesta minha despedida àquele de quem certamente nunca recebesteis o mais leve motivo de queixa. E se acaso algum de vós o teve peço-lhes o esqueçais, porque Ele bem digno era disso.

José Coelho da Fonseca

R. N. — A direcção de *O Profissional*, cumprindo um dever de gratidão para com o extinto, autor do frontispício do nosso órgão, desejaria publicar uma fotografia acompanhando as palavras que ficam escritas. Não no-la foi possível obter, e por isso pedimos desculpa aos nossos leitores e penitenciamo-nos da nossa falta involuntária.

Informamos também que se vai executar nas Oficinas do Instituto, à semelhança do que se fez para o nosso ex-camarada Palma Júnior, um berço para ser colocado sôbre a campa dêste nosso desditoso amigo.

A direcção de *O Profissional* de que interpreta o sentir de tôdos os alunos envia à família enlutada as suas condolências.

A Direcção

A nossa apresentação

A direcção de *O Profissional* ao tomar conta da gerência para o ano lectivo corrente, cumpre o agradável dever de apresentar os seus cumprimentos a todos quantos se interessam pela vida do nosso órgão, e agradece a sua eleição para tão espinhoso cargo.

Na realidade, o fazer-se parte da Direcção dum jornal escolar, especialmente num meio como o nosso, é uma missão deveras ingrata. São tantas as contrariedades, tantos os obstáculos e atritos que se nos levantam, que é necessário aliar uma fé inquebrantável a uma perssistência e a uma grande fôrça de vontade para realizarmos por inteiro a tarefa que nos compete.

As dificuldades que constantemente nos surgem são eno mes; com quási oito anos de existência, ainda se nota com tristeza a indiferença com que uma grande maioria dos alunos olha para o nosso mensário. Por outro lado, a colaboração resume-se a meia dúzia de amigos, quando devia suceder precisamente o contrário: devíamos lutar com a abundância em vez de lutarmos com falta de original.

A par de tôdas estas dificuldades surge-nos ainda uma outra que não é menos para desprezar: é o facto de a nossa oficina de Tipografia onde o mensário é composto e impresso, não poder dar despacho a todos os trabalhos lá requesitados, obrigando-nos portanto a longas demoras, que muito prejudiciais nos são.

O desenvolvimento que esta oficina tem tomado é tal que o material lá existente é já hoje insuficiente. É assim se explica a rasão da demora na tiragem do presente número de *O Profissional*, falta de que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Porém, procuraremos conseguir remediar tôdas estas dificuldades.

Não nos pouparemos a esforços para que o mensário daqui por diante saia com a regularidade que lhe é própria, dando-lhe uma apresentação compatível com o grau elevado em que se encontra já hoje o Instituto.

E se conseguirmos captar a vossa confiança e realizar por inteiro a missão que nos impomos, nós ficaremos satisfeitos e a nossa consciência ficará tranqüila.

A Direcção

NOVOS CAMARADAS

Chegais pela primeira vez a êste Instituto, em busca da Luz que vos esclareça o pensamento e vos ilumine a senda por onde encaminhareis os vossos passos incertos. Vindes bater a uma porta amiga, onde encontrareis quem cuide paternalmente da vossa educação e do vosso bem-estar.

Todos nós, os vossos camaradas mais antigos — temos conhecido e apreciado o valor dêste estabelecimento de ensino e de educação, e, ainda com o nosso rudimentar raciocínio e a nossa quási nula experiência da vida, reconhecemos já o alcance da grandiosa obra que a República instituiu nesta casa, vendo que os que terminam os seus cursos e a sua aprendizagem nas aulas e nas oficinas encontram lá fora os meios de vida honrados e compensadores que os tornam cidadãos dignos e úteis à sociedade.

Mas tudo isto obtem-se também em parte com a nossa ajuda, a nossa aplicação ao estudo, amor ao trabalho e correcção de proceder. Sem a nossa boa vontade resultam quási sempre improficuos os esforços dos nossos superiores, dos nossos professores e dos nossos guias no Instituto. E por isso que eu, como comandante da 1.ª Companhia dos alunos desta secção vos exorto, novos camaradas, a empregardes a maior dedicação para conseguirdes o vosso almejado fim, e a cumprirdes sempre os vossos deveres escolares e disciplinares, ao mesmo tempo que vos felicito por ser esta a escola que vos habilitará, e vos saúdo, em nome de todos os alunos mais antigos, garantindo-vos que encontrareis sempre, em todos nós, bons e leais amigos e camaradas, prontos a vos coadjuvar em tudo que necessitardes, com o nosso melhor conselho e os conhecimentos que o tempo nos ensinou.

Aceitai, pois, com as nossas saüdações, o nosso sincero abraço de boas-vindas.

Fernando da Silva Caetano
3.º ano de L. P. Superior

Excursões

Um dos processos que me parece mais perfeito para o complemento dos ensinamentos adquiridos na carteira, é o das excursões.

Pelo facto de o Instituto ser uma escola pobre, as excursões têm sido raras porque exgotam a verba para êste fim, podendo afectar outras, destinadas a benefícios diferentes.

Por isso, o ano passado lançou-se a ideia de uma excursão, de cuja iniciativa se honra o Curso Médio de 1923-24.

Tinha esta como objecto, em primeiro lugar, demonstrar e desenvolver pràticamente os nossos conhecimentos teóricos, pois uma província tão rica pelas suas indústrias, pelo seu comércio e pela exuberância das suas païsagens como é o Algarve, permitir-nos-ia decerto atingir o fim que tínhamos em vista.

Em segundo lugar, a propaganda do nosso Instituto, esforçando-nos por demonstrar o mais claramente possível, o nosso grau de instrução, quer sob o ponto de vista intelectual, quer educativo, do nosso porte militar, e do nosso sentimento artístico.

Finalmente o terceiro objectivo, foi, modéstia àparte, o mais brioso e altruista que os nossos cérebros encontraram; foi o de entregarmos à Mutualidade, ainda no começo da sua existência, o produto líquido dessa excursão, cumprindo nós assim um dever que se nos impunha, para ficarmos cônscios de que alguma coisa de útil trouxemos para aqueles que não tiveram a felicidade de nos acompanhar nessa belíssima viagem.

Não foi todavia êste o primeiro pensamento que nos sugeriu para destino do dinheiro que viríamos a adquirir em emprêsas desta natureza, mas o de o destinar a uma futura Caixa de Excursões. Não tendo até hoje a iniciativa dos alunos reünido as energias que se encontram latentes, para conseguir lançar os alicerces duma Associação Escolar, era mister entregar êsse dinheiro à Mutualidade.

Dada a circunstância de nos acharmos numa época em que os elementos desportivos de ontem se esforçam por fazer da mocidade de hoje, homens de amanhã, valores vitais que se imponham pela fôrça física, demonstrando em tôdas as suas manifestações uma grande resistência e tenacidade muscular conseqüência duma aturada e completa cultura física, se torna uma necessidade absoluta e inadiável, a fundação duma Associação Escolar, a cargo da qual ficaria a missão de desenvolver o gôsto pela cultura física, e de efectuar, promovendo festas, receitas para uma Caixa de Excursões.

Dêste modo concorremos com a nossa cota parte para o ressurgimento do nossa querida Pátria.

Animados da fé e esperança dos nossos 18 anos, o curso médio dêste ano lançou a ideia duma nova excursão cujo fim seria

adquirir proventos para uma futura Caixa de Excursões, lançando-se dêste modo a primeira pedra da conjecturada Associação Escolar; e assim, a comissão de alunos, quando se dirigiu a S. Ex.ª o Director apresentando-lhe a idea dessa excursão, teve a honra de propor que o dinheiro adquirido tivesse o fim especial de se destinar a uma Caixa de Excursões, sem esquecermos, contudo, o fim benemérito de o repartirmos com a Mutualidade.

O que é para nós motivo de regosijo e satistação, é o facto de sendo esta proposta sujeita à apreciação do Conselho Escolar, ser aprovada pelos seus membros, que ficaram dispostos a darem todo o apoio moral e material.

Embora nós tenhamos muitas facilidades, a tarefa a que nos propomos é bastante árdua, mas creio que a vontade inquebrantável, sólida e robusta da nossa índole, aliada aos meios que possuímos, nos garantem a sua realização.

A sua consumação constituïrá na nossa vida escolar mais um triunfo a juntar a tantos outros já alcançados, e que se repercutem e manifestam lá fora como nos acaba de mostrar o gesto da mais nobre solidariedade entre os ex-alunos, fundando a sua Associação.

Numa emprêsa, o mais difícil é encetá-la, e encetá-la é chamar ao seu seio a vontade de todos aqueles cujos ideais são irmãos dos nossos desejos. E é ao Curso Médio como alunos mais velhos e mais instruídos do que os outros colegas, que compete a realização da nossa mais legítima aspiração, lançando-se a êsse trabalho com ardor, para que nunca o desânimo entre em nossos corações. E quando as dificuldades aumentarem, não desistamos do nosso propósito e lembremo-nos que a divisa do Instituto é:

QUERER E' PODER

Renato Brito
2.º ano médio

Galicismos

Já um dia nas colunas de *O Profissional*, Jaime de Mascarenhas ergueu a sua voz, forte, mas infelismente sem os ecos poderosos que deviam repercutir por tôda a nossa terra, a sua justa acusação, contra os cultivadores do galicismo que pulula na sociedade portuguesa.

As classes baixas ou libertinas não o sabendo usar, careceram também de obter uma cota parte para a depravação da nossa língua; e o calão das mesas das tavernas, espalhou-se no ambiente e contaminou uma enorme quantidade de quási adoradores.

Mas o calão por baixo ou reles que seja, nasceu português, é nosso. Surgiu da taverna? Também o fado, a canção Nacional, de lá saíu e descança finalmente em nossos corações. Agora o galicismo! Mas que certas pessoas desejosas de se fazer notadas o empreguem... Se não podemos emendar o mundo...

Mas não são essas vozes que nos ferem os ouvidos com palavrões decorados ao serão; aqueles que eu estranho que se curvem reverentes perante um vocabulário de outrem, é... parte da mocidade académica.

Um dia pegando a êsmo em um número de *A Alma Académica*, lá vi uma curiosa notícia sôbre a *Délivrance* duma *Madame* e duma *mademoiselle* e mais algumas cousas dêste género.

Informamos que há na língua portuguesa as seguintes palavras: — parto —, — senhora —, — menina —, e mais sinónimos que poderá encontrar em qualquer dicionário, o corpo redactorial de *A Alma Académica* e doutros órgãos académicos que seguem no mesmo trilho.

Mais uma vez *O Profissional*, o mais ignorado dos periódicos, deixa nas suas colunas, o ardente protesto do uso da palavra estranha, certo que não terá quem o secunde, nem mesmo aqueles que tendo maior contacto com o exterior, tinham o dever sagrado de purificar a língua de Camões.

João Pires Antas
2.º ano geral

Grémio Pupilos do Exercito

Finalmente damos hoje a notícia da fundação do *Grémio Pupilos do Exército*, associação formada pelos ex-alunos dêste Instituto com o fim de se auxiliarem lá fora.

Já por várias vezes aqui se tem falado desta Associação, diversas reüniões se efectuaram, sem que resultado algum definitivo delas se tirasse. Mas lá diz o ditado:

A'gua mole em pedra dura... e actualmente os ex-alunos do Instituto unidos pelos mesmos interesses da luta pela vida, animados

por uma grande fôrça de vontade lembrando-se talvez da divisa da casa onde foram educados, conseguiram triunfar vencendo todos os obstáculos e organizaram a Associação a que deram o nome de *Grémio Pupilos do Exército*.

Limitamo-nos por hoje a transcrever a carta que a Direcção do Grémio enviou ao Ex.mo Director do Instituto comunicando-lhe a sua formação, prometendo num dos próximos números falar mais detalhadamente sôbre êle.

Ei-la:

«O *Grémio Pupilos do Exército* tem a honra de se dirigir a V. Ex.ª solicitando da sua muita gentileza, o especial favor de fazer sciente, nêsse modelar Instituto, entre o distinto Corpo Docente e Alunos, o conteúdo da presente, pelo que antecipadamente nos honramos em ficar muito gratos a V. Ex.ª.

Para os Ex.mos Sn.rs Professores, Oficiais e Alunos do Instituto dedicamos nós em primeiro lugar estas linhas, atendendo que aos primeiros devemos a satisfação moral dos seus ensinamentos, e aos segundos uma parcela da nossa camaradagem antiga, da nossa vontade colectiva, hoje felizmente transformada naquela aspiração útil, proveitosa, tão longamente sonhada por todos nós.

E por isso hoje temos a honra, e mesmo o próprio orgulho, de comunicar a V. Ex.as, que os ex alunos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, depois de algumas tentativas por várias razões frustadas, levamos a efeito, a criação da sua àssociação, designada *Grémio Pupilos do Exército*, oficialmente reconhecida desde 14 de Agosto do ano corrente.

Para a nossa Obra tomamos a liberdade, Ex.mos Sn.rs Professores e alunos, de solicitar, desde já o vosso importante auxilio, o estimulo de V. Ex.as e sempre que possamos ter essa honra, os seus proficuos ensinamentos; para os nossos ex-camaradas, aqueles que moralmente nos emprestam um pouco de estímulo, a êsses pedimos nós a sua cooperação franca, pois assim poderão ficar certos que trabalham para a Obra de todos nós.

Dignificá-la, dando-lhe tôda a nossa energia e competência, aí, como cá fora na vida prática, é honrar e dignificar ainda o modelar Instituto dos Pupilos, que, se a vós está instruindo e educando, a nós já nos deu instrução de que muito nos orgulhamos.

Segundo o preceituado no n.º 4.º do art.º V dos Estatutos *Grémio Pupilos do Exército*, todos os alunos são considerados *sócios cooperadores*.

Ao Ex.mos Srs. Professores e Oficiais pede o *Grémio Pupilos do Exército*, que lhe dê a sua valiosa protecção, que desde já agradece; e aos alunos do Instituto, dêsses solicita a sua confiança cheia de fé, que todos devem ter pelos destinos da nossa agremiação, que se propõe cimentar o verdadeiro espirito de camaradagem, auxilio mútuo, despertando assim, os sentimentos morais e artisticos dos seus associados.

— A todos tributa o seu agradecimento sincero e unânime, o *Grémio Pupilos do Exército*.

E a vós esclarecido Director do Instituto, saúda o Grémio reconhecido antecipadamente pelo enorme auxilio, que estamos certos V. Ex.ª prestará à nossa tarefa, e pela especial fineza do atender o pedido que tivemos a liberdade de lhe dirigir na presente.»

Escusado será dizer que esta ideia teve entre os alunos um explêndido acolhimento sendo já avultado o número dos que se tornaram sócios efectivos.

A Direcção

Nov/1923

Uma lagrima

Uma lágrima bendita
Nos teus olhos de cristal,
É como a negra desdita
Sôbre a lousa sepulcral...
Pode ser alegre ás vezes,
Podem passar muitos meses
Sem teres um pranto sequer...
Mas nunca me sinto bem
Se vejo a chorar alguém
E quanto mais a mulher!...
Dizem Poetas, é certo,
Que um doce orvalho encoberto
Numas pestanas veladas,
É como o clarão da aurora
Que vem por espaços em fora
Edificando alvoradas...
Mas não chores, que êsse pranto
No teu lindo olhar é tanto,
Que me parece encantado...
E pode afogar de chofre
Teu coração magoado!...

João Pires Antas
2.º Ano Geral

Curandeiros?

——

Numa conversa que tive últimamente com um grande oficial do nosso exército (reformado), achei tão interessante um caso que Sua Exª. me narrou, que não resisto a vo-lo contar: quando êste senhor esteve na India no desempenho dum alto cargo, motivado pela insalubridade do clima foi tomado por uma doença perigosíssima que lhe atacava ràpidamente o sangue; como era natural, recorreu à medicina; mas por um dêstes casos, infelizmente bastante vulgares, as melhoras não vieram e a doença progrediu. Por último recorreu a um afamado doutor britânico que ali residia e na companhia dum seu amigo oficial, consultou-o; o médico, que lhe levou pela consulta 10 libras (nêsse tempo!), depois de aconselhar a volta a Portugal, acrescentou na sua língua que êle julgava ser ignorada pelo doente:

—E já lá não chega.

O general, (ao tempo ainda não) como bom português e como filho estremecido que vê no retrato da mãe ausente o seu lindo sorriso acariciador, decidiu então morrer nêsse território em que lá tinham morrido tantos e tão gloriosos portugueses.

Tinha êle nêsse tempo um mouro muito afeiçoado ao seu serviço, que lhe comunicou, que no interior, um curandeiro fazia numerosas curas, mas não com rezas ou sugestões e sim com ervas e tratamentos naturais, mas de valia.

Foi ter com êle e não julgueis que o novo doutor o recebeu num gabinete com utensílios de prata rèfulgente, de bata alvejante, auscultando-o de relógio em punho, não; era mais simples o facultativo. Completamente nu, tinha por gabinete a frondosa floresta e por farmácia a pródiga Natura. Vacilante na frente dêsse homem uniformizado, de longas barbas, que se lhe afigurava em ente quási sobrenatural e terrível, sossegou logo que êste lhe falou com aquele ar bondoso que lhe é peculiar. A operação foi a seguinte: enquanto lhe dava a cheirar uma pequena esfera de activíssimo odor, com uma substância sólida que o general desconhece, fez-lhe uma profunda incisão na perna esquerda.

Depois sôbre a ferida, aplicou-lhe umas fibras vegetais que foram ligadas e apertadas por uma chapa de prata.

Esta foi a operação: os curativos limitaram-se a repetidas lavagens de límpida água fria. E o doente melhorou.

Quando já de boa saúde, tentava pagar ao seu engenhoso doutor, êste recusou-se completamente, pedindo apenas... 2 alqueires de arroz. Foi-lhe dada uma carrada. É interessante que todos os doutores que descriam na cura do general, ja não são vivos, enquanto o ex-doente em setembro faz 58 anos de militar e no mês seguinte 77 de idade; anda desempenado, não tem a mínima curvatura e faz o que eu com 16 anos não consigo: valsar com lindos ouricinhos que vos fariam, camaradas, concluir que o corpo reformado é preferível ao activo.

João Pires Antas

Alegrias do passado...

Descendo lenta e dôcemente a areenta encosta que dominava a pequena praia, íamos contemplando o bulício do labutar incessante da população piscatória que puxava às rêdes de arrasto. Há muito que as companhas não iam ao mar, em virtude de êste se conservar quási sempre, *impado*.

Continuámos caminhando afim de atingirmos o *terminus* da excursão que propuzémos realizar. Momentos depois, chegávamos à estacada, ou embocadura do poético rio Liz, que ali forma um largo e algo profundo estuário. A paisagem é linda, mimosa, é portuguesa! A' direita e ao fundo, ergue-se umbroso o histórico pinhal de D. Diniz que, semelhante a um dique, se impõe à marcha impetuosa das areias destruïdoras; atravessa-o o rio cristalino que mais abaixo se esparge, e finalmente entra para o oceano, por um estreito canal. Uma ponte de madeira, favorece a comunicação das duas margens.

Na margem fronteira há altas dunas coroadas de camarinheiras, que também servem de mansão às inúmeras víboras.

Lá em baixo, alguns barcos de remos, singram suavemente.

Algumas ondas vencendo a corrente do canal, subiam por êle, mas pouco a pouco se desvaneciam. O tempo proporcionava-se, pois estava uma tarde lindíssima. O ar, ali, estava impregnado de maresia, mas era balsâmico e vivificante. Ali havia expansão para a nossa alma envelhecida por um viver atribulado e vicioso das cidades. Na areia

humedecida pelo mar, lêm-se frases interessantes, algumas expressões de sentimento, ditadas pelo coração, e traçadas por mãos trémulas, vacilantes. Algumas jovens entretêm-se na construção dum forno gigantesco de areia que de vez em quando se desmorona em parte.

Alguns rapazes, impelidos pelo arrebatamento da mocidade irrequieta que os caracteriza, propõem-se atravessar o rio, a vau.

O Sol está agora no seu ocaso. O espectáculo que se presenceia, encanta e seduz.

O céu, ao longe está toldado de tírias núvens. Estas côres reflectem-se nas límpidas águas do Liz que lhe dão um aspecto surpreendente e mirificante.

Quedámo-nos, contemplando êstes caprichos da Natureza, que inebriam os corações, mesmo os mais ávidos de desejo e fiel admiração de tôdas as manifestações arcanas e sublimes com que Ela nos dotou.

Ali, haveria os mais sãos e variados motivos para inspirarem um Rafael. Tudo sentimento, amor, poesia!

Sôbre pedras, denegridas pela acção constante das intempéries, se desfaziam ondasinhas em borbotões cristalinos e aurifulgentes, sob os derradeiros raios dourados do sol que no horizonte longínquo, lentamente se extinguia. As águas soltavam murmúrios que nos deliciavam e sensibilizavam a consciência.

Na minha alma juvenil mas sensível, perpassou uma comoção que talvez se traduzisse em sentimentalismo.

O disco solar desaparecera já. Restava-nos agora, como complemento, a luz violeta, crepuscular, que também nos enlevava: o arrebol vespertino!

A neblina sôbre o mar, distinguia-se nitidamente.

Já a noite vinha descerrando o seu manto brumoso por sôbre prados, campinas, montes e vales, e já no firmamento tremeluzia a Vésper, quando abandonámos aquelas icásticas paragens, e nos dirigimos à Praia.

* * *

Sôbre os factos que acabam de ser narrados, já volveram alguns momentos; para distracção do nosso espírito ainda absorto no que observara formámos, sentados na areia, um enorme círculo.

Convidou-se em seguida o já popular *Batalha* para nos proporcionar uma das suas tão triviais cantilenas, ao que prontamente acedeu. Para aos leitores não tornar fastidiosa esta minha descolorida narração, dir-lhes hei apenas que o amigo *Batalha*, a cantar em *ré menólhi*, não obstante o verdadeiro Calino que era, pois que dizia coisas sem nexo e deturpava a pronúncia, dava-nos momentos de indizível alegria; as gargalhadas sucediam-se.

E contudo, tinha espírito de autêntico poeta repentista, fazendo produções curiosas, revestidas de originalidade.

Improvisava quadras, rudes, à *rubaria* de qualquer pessoa. «—*I... ó carta bái alugrári...* etc.: eis o comêço duma carta para a mãe.

Mas o que não deixa de ser interessante, é o facto de êle ter travado «combate» com uma outra pessoa, que pela assistência foi incitada a derrubar-lhe o título de repentista. E então, era vê-los dedicarem quadras um ao outro; o riso que há pouco era apenas intermitente, agora era constante e geral, isto, é claro, acompanhado por uma guitarra.

A par d'isto, também se ouviam lindas canções, entoadas a preceito por gentis meninas, que para isso, eram convenientemente escolhidas.

A uma hora convencional tudo debandou, conservando-se apenas três rapazes, alguns daqueles que n'um ímpeto de derramamento de ideas, o que é próprio dêles, fizeram e colaram sòlidamente ás casas, letreiros de papel designando nomes das ruas, nomes diabólicos e originais, imaginados por rapazes!...

Um, dedilhava conscientemente as cordas da guitarra que às vezes, gemia maviosamente, enquanto os outros cantavam, mas em ritmo, percorrendo assim numa serenata, as areentas «ruas». O Luar estava formosíssimo!...

Antônio de Carvalho
4.º Ano oficinal

Aos antigos assinantes que não desejem continuar a assinatura de *O Profissional* rogamos a fineza de nos devolverem o presente número, e bem assim a tôdas ss pessoas a quem o enviamos pela primeira vez.

A Direcção

Ecos

Como o curso completo do Instituto deixam-nos no presente ano todos os nossos camaradas que constituiam as diferentes especialidades, os quais se encontram já na vida prática evidenciando os conhecimentos aqui recebidos.

Foram êles: com o 2.º ano médio de comércio os nossos ex-camaradas: Agostinho, Quadros, Santos, Vilarigues, Domingos e Costa, os quais à excepção dêste último que é actualmente Aspirante da Escola Militar, foram todos cursar o Instituto Superior do Comércio de Lisboa.

Com o 2.º ano de máquinas, os nossos ex-camaradas Barata, Graça, Simões e Gonçalves, que também já concluiram o tirocinio a que estiveram sendo submetidos na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, onde prestaram brilhantes provas.

Com o 4.º ano do Curso Oficinal: Soares, Apolo, Monteiro, Coelho, Agostinho, Guinapo, Santos, Vieira, Trindade, Policarpo, Sousa, Martins, Dagoberto, Barreira, Pires e Tezinho.

Igualmente deixaram o Instituto, com o 1.º Ano Médio de Máquinas, mas já no presente ano lectivo, os nossos presados camaradas que constituiram aquele curso, Manuel Augusto da Silva, Virgilio Martins Abrantes e David Manuel dos Santos, os quais envergam já a farda de Aspirantes da Escola Naval.

Além dêstes ainda saíram os alunos Ribeiro Conde e Ferreira do Amaral, por não terem idade para concluirem o curso que freqüentavam.

A todos êles, o *Profissional* em nome de todos os alunos, envia as suas despedidas, fazendo votos pela sua prosperidade.

A constituïção dos grupos que êste ano representam o Instituto nos Campeonatos Escolares de Foot-ball, é a seguinte:

Grupo B (15 aos 18 anos).

Menezes

Figueiredo Maleitas (cap.)

R. Silva Pires R. Ló

Figueiredo Extremôz Antunes Dias Santos

Suplentes: Silva, Correia e Falcão

Grupo A (12 aos 15 anos).

Cruz

Simões Fernandes

Santos Alves (cap.) Borges

Marques Alegria Silva Baptista Brochado

Suplentes: Ginga e Nunes

Até agora os resultados são-nos muito lisongeiros, atendendo à constituïção dos nossos grupos onde entram muitos elementos novos.

Limitamo-nos a indicar hoje os resultados, que foram:

Grupo *B* — As nossas vitórias sôbre os grupos do Asilo Maria Pia e da Escola Académica, respectivamente por 3 bolas a 2 e 5 a 0.

Grupo *A* — A nossa vitória sôbre o grupo do Liceu Pedro Nunes por 2 bolas a 0 e um empate com a Escola Nacional por 1 a 1.

NECROLOGIA

Vitimado por uma tuberculose faleceu ainda há pouco o nosso querido ex-camarada Dâmaso Tomé Serra, irmão do também ex-aluno Alfredo Tomé Serra e do nosso presado camarada Armando Tomé Serra.

A sua morte foi sentida por todos quantos o conheciam com grande demonstração do profundo pesar que tal surpresa lhes causou, pois o extinto era geralmente estimado, pelas suas belas qualidades de carácter e de trabalho.

No funeral incorporou-se uma deputação de alunos que o acompanharam à última morada.

À família enlutada envia *O Profissional* a manifestação sincera do seu pesar.

A Direcção

Número avulso $40

MENSÁRIO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

ADMINISTRADOR
António Dias

CORPO DE REDACÇÃO
Fernando Caetano; Renato Brito, redactor principal
Carlos Alberto da Silva secretário

DIRECTOR
José C. da Fonseca

N.os 64-65 — 9.º ano — Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército — Dezembro e Janeiro 1924

O PROFISSIONAL ao entrar no 9.º ano da sua publicação saúda os seus assinantes, colaboradores e alunos, e deseja as suas prosperidades

O aniversário de "O Profissional"

Passando por sôbre *O Profissional* mais um ano de existência, não podíamos deixar passar êste facto sem lhe dedicarmos algumas palavras.

Foi em 1916 que o nosso jornal apareceu. Raiou finalmente a aurora e mais um jornal académico apareceu no meio de tantos outros que há nas academias e escolas de Portugal.

Sòmente à 3.ª tentativa se conseguiram reünir todos os esforços e boas vontades, alcançando-se então o triunfo por completo; os seus primeiros passos foram vacilantes e indecisos, como sucede a tudo o que se faz pela primeira vez, mas resistiu, não se desmoronou.

Assim tém caminhado, atravez dos 8 anos, sofrendo crises, abalos, levantando-se obstáculos a cada momento, e sem que o entusiasmo e interêsse dos alunos se tenha aínda acordado no sentido de lhe dar fôrça, vigor, de o tornar apresentável, de o elevar ao nível que a categoria da escola impõe.

Sem colaboração, por parte daqueles que tinham a obrigacão de lhe dedicar alguns dos seus pensamentos, uma parcela da sua inteligência e da sua actividade, as direcções transactas viram-se na dura necessidade de fazer do órgão duma escola técnica e que por isso mesmo devia ter o carácter técnico, um jornal de publicação de folhetins e versos como se fôra o mensário da Academia de Letras.

Oito anos são volvidos por entre dificuldades, e por entre crises de tôda a ordem, e só hoje começamos a ver um certo interêsse, uma certa vontade por

parte dos alunos, para mudar a sua feição romântica, tornando-o um órgão académico e técnico, porque não se compreende que numa escola onde se fazem guarda-livros e engenheiros auxiliares, êstes se entretenham fazendo versos à lua e descrições mitológicas, não as fazendo dos programas que lhes são ministrados.

Por nossa parte, envidaremos todos os nossos esforços para removermos obstáculos e destruir desinteligências, para conseguirmos ver consumados os nossos sonhos, e ver realizados os nossos desejos: *O Profissional* órgão dos alunos do Instituto dos Pupilos do Exército em todo o sentido da palavra, e permita-se-nos a pretensão, o melhor dos órgãos académicos.

A Direcção

O Homem e a Natureza

Vêde além... que bela e viçosa aquela sementeira.

Quantos carinhos e quantos sacrifícios alimentam aquelas débeis hastes; quantos enlêvos vão diluídos na seiva que pouco a pouco as fortificam... quantas vezes o seu cultivador se sentiu numa região etéria, completamente feliz, ao comtemplar num estási a sua obra, a sua vida, o seu pão, o seu amor.

Quantas vezes estremeceu quando acordando estremunhado sentia o quebrar dolente e manso da neve no beiral do seu telhado, ou se tolhia constrangido quando o uivo do vento açoutava inclemente a sua sementeira...

E um dia o rio galga o seu leito, a torrente torna-se impetuosa, e eis que o seu trabalho desaparece dum sôpro; a planície perde o seu aspecto verde e alegre, cobrindo-se de água umas vezes sanguínea, lembrando um campo de batalha, outras vezes negra e lúgubre como a morte.

E daquêle deserto fluido, vê-se sòmente de longe em longe como pedindo misericórdia, os braços nús das oliveiras erguidas numa prece dorida.

E assim se esvaem todos os esforços e todos os recursos dispendidos com a esperança na abundância, e no lucro; e a miséria, o luto, a desolação, cai pesadamente sôbre êles... os sacrificados.

Mas a êste ano, outro se sucede, e o homem, tenaz, fiel á sua missão na vida, lança religiosamente, como um dever sagrado, a semente á terra, e levanta muros para se defender da invasão das águas.

Mas eis que a estiagem cai com o seu silêncio estonteante e escarlate sôbre a verdura da sementeira; é a seca... a raiz procura na terra a frescura e a seiva que há-de alimentar a sua planta, e não as encontra, até que desesperada, morre de fome e sêde.

De nada serviram os muros, pois que o seu fim preventivo não era o de evitar a estiagem, mas sim as inundações.

Mas o homem descobre que com o arvoredo torna mais regulares e periódicas as chuvas; lança-se com fervor nêsse trabalho algo demorado, conseguindo-o por fim. Mas eis que um nevão devasta impiamente a sementeira... e o homem é vencido.

E assim o homem se robustece pela necessidade de se defender de tudo quanto é rude e diabòlicamente feroz na Natureza, e com a sua inteligência, trabalho e persistência no intuito de aumentar os seus recursos e o número das suas comodidades, caminha pela estrada do Progresso, descobrindo maiores espaços, desvendando mais mistérios, dilatando o âmbito dos seus conhecimentos, avançando sempre.

A frente segue essa legião a que chamamos os sábios, ostentando o estandarte da sciência, e atraz caminhamos nós, a Humanidade, deslumbrados, maravilhados com a luz cada vez mais forte e por isso mais estonteante, em grupos, as nações, porfiando-se, saltando, correndo e esmagando-se numa fúria constante para ocuparem o primeiro lugar no trilho que os sábios deixam atraz de si — a civilização.

Aqui cai um, ferido, ali desmai outro esfomeado. A humanidade é impelida na sua carreira cada vez mais impetuosa.

O Globo terrestre é grande, e nêle existem 3 grandes potências: a terra, a água e o ar, perante as quais o homem é infinitamente pequeno e raquítico.

Quando êstes elementos se sacodem, se convulsionam, alteram ou irrompem ferozes numa luta tremenda, luta de gigantes que se ferem medonhamente e se estorcem vomitando pragas horríveis, resulta inevitàvelmente o desaparecimento de muitos seres que pouco antes enchiam de beleza, encantos e abundância o torrão a que estava prêsa a sua existência.

Mas o homem não desanima; persiste, e descobre o vapor, atravessa os mares em cidades flutuantes, cruza regiões imensas ràpidamente, e é a vítima destas lutas hórridas, e do seu próprio engenho, muitas vezes, mas continua desenvolvendo o seu intelecto, e descortina equilibrando-se na atmosfera, o balão.

Quantas vítimas pereceram no desejo de vencer a natureza, baldadamente; e na sêde de desvendar, depara com uma ave de esqueleto metálico envolvida num manto de linho, deslocando-se com velocidades vertiginosas, cruzando os ares aventureiramente, gritando numa alegria doida, cantando a palpitar o seu hino de vitória, mostrando-se pomposamente aos elementos.

Mas os desastres dão-se, a morte varre às cegas, e a legião dos mortos da aviação cresce duma maneira pavorosa.

Eis que aparece uma esperança envolta numa auréola resplandecente, pejando de fé.

E' o sextante maravilhoso do sábio eminente e ilustre oficial da Marinha Portuguesa, Almirante Gago Coutinho, enchendo de deslumbramento o mundo scientífico. Há já uma mancira segura de trilhar uma determinada rota atravez do mar...

Depois da grande guerra, a ave sagaz, rápida e malévola que tantas vezes tomou parte nas operações da Flandres, despejando toneladas de metralha sôbre o teatro da luta, transformou-se num instrumento de comodidade mercantil e social, utilizando-se como meio de transporte.

E no intuito sempre de desenvolver e ampliar o número das relações, as carreiras de navegação aéria que punham em contacto sòmente pontos da Europa, ligam hoje pontos longínquos do Continente Africano e da Asia à Europa, comunicando com êles num limitado espaço de tempo.

Mas a Natureza na luta dos seus elementos, não respeita as obras que o homem consegue realizar com o seu trabalho, e com a sua inteligência, como há pouco destruiu numa revolta íntima, uma pérola de civilização resplandecente como é o Japão.

A nossa fantasia é incapaz de descrever como dum trago foram engulidos arquipélagos inteiros, com tôda a sua população, com tôda a vegetação e civilização, não deixando mais do que a memória duma enorme catástrofe que num momento inutilizou e reduziu a cinzas quási totalmente, meio século de trabalho incessante, à maneira dum vendaval que tivesse derrubado tôdas as flores duma árvore de frutos de ouro.

E o dirigível *Dixmude, o triunfo do homem sôbre a matéria,* representando um valor considerável, pereceu a um leve capricho da Natureza.

Uma tempestade desencadeada, o raio fero, iníqüo e cruel desprendendo-se faiscante duma nuvem negra e densa como a treva, caindo como um flagelo sôbre o dirigível, apenas deixou da sua memória uns insignificantes destroços, e enlutadas as famílias dos seus 50 passageiros.

A marcha fúnebre das vítimas da aviação é já muito longa, e nessa peregrinação ao mistério das regiões ciderais, alguns portugueses se encontram, como representantes do nosso sacrifício pelo pogresso, como malogrados impulsores de benefícios inefáveis que outros hão-de usufruir.

E êsses sacrificados, vítimas dum tão belo ideal, merecem homenagens tão meritórias, tão sinceras e tão dignas como as prestadas em memória dos grandes vultos da nossa Pátria, pois se uns se sacrificaram pelos seus irmãos filhos da mesma mãe, a Pátria, os outros sucumbiram pelo bem estar da Humanidade, e morrer pelo bem dos outros, é morrer com honra.

Renato Brito
2.º ano médio

O 1.º de Dezembro

Com a fé indomável que sempre anima os nossos corações nestas horas de quási desalento, nós prestámos aos herois a nossa homenagem, humilde, sem o fulgor das grandes cerimónias, mas franca, radiante e ingénua, própria das nossas almas adoradoras das acções e dos ideais justos.

Cumprindo um dever que se impõe a todos os portuguêses, mòrmente a nós, mocidade académica e como tal cheia de viço, de esperança e de fôrça, se nos afigura incontestàvelmente mais sagrado o dever de relembrarmos, sentindo, o facto de num ímpeto de revolta, a raça sacudir para sempre o jugo que nos oprimia e humilhava, fazendo raiar no imenso etéreo um novo sol, o sol genuïnamente português, o mesmo de Aljubarrota, o mesmo que nos guiou pelo caminho da glória até à Índia.

Umas poesias recitadas por vários alunos, as notas do Hino Nacional e o Hino da Restauração, feriram o ar que tão bela impressão causam no nosso espírito, fortificando-o, fazendo nascer nêle novas fôrças e novas es-

perenças, para conseguirmos ver realizadas as aspirações de todos nós: a Pátria prestigiada, elevada ao apogeu, a tôda a altura do seu esplendor, impondo-se com o direito de existência perante toda a Humanidade.

O aluno externo Figueiredo proferiu uma alocução modesta, mas sincera, alegórica à Restauração.

O aluno Loureiro proferiu um discurso no qual fez considerações sôbre o facto histórico que se comemorava, do qual transcrevemos alguns períodos que mais cativaram a nossa atenção.

«1 de Dezembro representa para nós, portuguêses, o sacudir do opressivo jugo que durante sessenta anos prendeu a nossa Pátria em feroz cativeiro.

Sessenta anos de opressão e miséria em que as almas portuguesas sequiosas de liberdade viveram manietadas.

Aparece êste período como uma mancha envolta em trevas na nossa brilhante e gloriosa história. Portugal não podia escapar á regra. Todos os grandes impérios, todos os grandes povos que contribuiram com o seu poderio para o desenvolvimento da sociedade desapareceram como num sonho. E' regra as grandes civilizações afundarem-se num mar de trevas, apagando para sempre o seu refulgente brilho.

Mas, e é isso que nos honra, Portugal desaparecendo uma vez quando a desolação e a descrença invadim os corações dos seus fortes filhos, não desapareceu para sempre. Os sentimentos patrióticos que se diziam desaparecidos dos corações portugueses, foram-se pouco a pouco comprimindo nos recantos das almas, e, irrompendo de súbito os diques que o sustinha, obrou fontes de prodígio. Conseguiram avivar o fogo latente de amor pátrio que durante sessenta anos se condensava pouco a pouco nos seus corações cançados de sofrer e em instantes conseguiram extinguir a obra maquiavélica de Olivares que queria Portugal como província espanhola.

.....

Que era feito dessa raça de heróis que tinha vencido em Aljubarrota e que dera mundos novos ao mundo? Dêsses que desviaram do pélago tôdas as lendas e fantasmas onde a imaginação popular rude e ignorante as tinha colocado? Tinha morrido? Tinha degenerado? Não! Sòmente estavam atrofiados pela fatalidade que pesava sobre ela.

.....

A Espanha dominava completamente dirigindo e manobrando a seu belo prazer a nossa Pátria. E essa raça de heróis que desde tempos imemoriais vinha marcando o seu caminho por entre os louros de vitórias, jazia aniquilada. Já não seguiam as pisadas de D. Afonso Henriques conquistando palmo a palmo o rincão nacional. Tinham-se esquecido das riquezas que as conquistas e descobrimentos tinham canalizado para a sua Pátria. Sòmente viam na sua frente os terríveis fantasmas da fome e perseguição. E a multidão ignara sofrendo em silêncio contínuos vexames, sentia-se impotente para proclamar bem alto a sua suprema ambição a liberdade.

.....

Soares, traidor infame, junto da côrte, inventava sem cessar novos meios de rebaixar a sua Pátria. Vasconcelos, dedicando-se de corpo e alma ao tirano, seguia em Portugal integralmente os seus desígnios, empenhando-se com o seu comparsa no desmantelar rápido da sua Pátria.

Persuadiu Olivares de formar com todos os portugueses que fossem mais para recear, uma legião que comandada pelo duque de Bragança iria combater para a Catalunha afastando dêste modo para sempre o perigo de Portugal independente. Esta medida, que executada daria margem a que Olivares intentasse de vez o seu diabólico plano, causou a mais profunda consternação em Portugal.

O sentimento de revolta foi único. O grito de liberdade vibrando em uníssono saiu bem forte de todos os peitos portugueses.

Os nobres sentindo o aguilhão a espicaçá-los, sentindo directamente o enxovalho e vexame que Castela lhe dirigia, aliaram-se ao povo e decidiram trabalhar com a sua colaboração. Era necessária uma acção enérgica para livrar a Pátria do opressor. Tudo sentia a necessidade de proceder.

A revolta não era contida. Já em 1367 o povo, amotinado, não podendo conter por mais tempo a indignação, esboçou em Evora uma tentativa de restauração, que foi fàcilmente aniquilada porque a nobreza não se encontrava nessa altura a seu lado.

Não tinham os nobres ainda sentido a pata esmagadora dos usurpadores e enquanto viviam bem, esqueciam o povo, sempre disposto a combater pelas causas belas. Mas, quando Olivares deu a iníqua ordem que vinha ferir também os interêsses da nobreza, esta olhando-a, viu-a cançada de ultrages e crueldades, decidindo-se então aproveitá-la.

.....

Passou-se a noite de 30 de Novembro em preparativos para o grande acontecimento do dia seguinte. Tudo fazia prever que alguma coisa de grave se ia passar. Enquanto os restauradores preparavam as suas armas para a lide do dia seguinte, muitas mulheres, mães e irmãs dos conjurados entravam também na conspiração.

A mulher dispõe em si tesouros infinitos de sentimentos. Em tôdas as ocasiões difíceis, em todos os momentos de incerteza, a mulher aparece como anjo salvador. Quando se trata de actos heróicos, de honra, de salvação comum, nunca falta êste sexo tão fraco na aparência. E assim D. Filipa de Vilhena e D. Maria de Lencastre armando seus filhos por suas próprias mãos, incutindo-lhes na alma a persuação da necessidade que tinham de vencer ou morrer, dizendo-lhes para pensarem bem na salvação da Pátria, fizeram registar na nossa história, as scenas heróicas da antiga Lacedemónia em que as mães e as esposas entregando o escudo a seus filhos e maridos, diziam para regressar ao lar com êle ou sôbre êle.

As mulheres são tão felizes em mostrarem dedicação por uma nobre causa. Nestas circunstâncias a sua coragem foi superior a tôda a fraqueza: foi tranqüila, grave e heróica. O acto de sacrificar o amor de mãe pela Pátria, é sublime.

.....

1 de Dezembro deve ser por nós celebrado como um dos maiores feitos que a nossa história aponta. É necessário analizarmos bem o estado de alma dêsse povo que, embora descendentes dos bravos que conseguiram assimilar metade do mundo, parecia degenerado. Mas não. O esfôrço e patriotismo não podia desaparecer em tão pouco tempo. Cinco séculos de história, não se extinguem em sessenta anos. O sôpro da fatalidade que circulou durante êste tempo, não podia de forma alguma expulsar dos domínios da Pátria o sangue daqueles que elevando-a ao apogeu transmitiram às gerações futuras o imperioso dever de serem dignos dos seus esforços; não podia fazer esquecer a intrepidez dos heróis que singrando entre procelas desviaram uma a uma as estátuas encantadas do Mar Tenebroso; daqueles que abrindo a porta luminosa do Oceano Oriental canalizaram para a nossa Pátria riquezas fabulosas e a fizeram senhora de metade do mundo.

.....

E nós, portugueses, ao atentarmos nêste facto, devemos medi-lo bem. Não se apresenta hoje a nossa Pátria prêsa do estrangeiro; não são necessários esforços bélicos para a sua redenção.

Ela muito diferentemente apresenta-se atravessando uma situação angustiosa. E por isso, para a redimirmos de erros passados, para evitar talvez a repetição do obscuro período que a data 1 de Dezembro ofuscou, é necessário o mesmo patriotismo, a mesma fé que guiou os restauradores.

Possuindo nós uma história incomparável, uma bíblia repleta de actos heróicos, é cobardia desmerecermos dela, ou melhor, viver à sombra dela. Temos faculdades para triunfar e, triunfando, orgulhamo-nos de nós mesmos.

E' para uma nova restauração da sua Pátria que os portugueses devem pôr a sua atenção. E, não com o misticismo heróico dos guerreiros, mas com as suas faculdades de trabalho, que a Pátria há-de florescer.

Conjuguemos, pois, todos os nossos esforços para conseguirmos um Portugal maior, para elevarmos a nossa Pátria um pouco decadente ao nível que a história reclama e dêste modo conseguiremos não só o prestígio do nosso país, como também o bem estar de nós todos.

E' necessário que a fé guie todos os nossos passos, que o amor patriótico não esmoreça antes se fortifique cada vez mais e, que convictos trabalhemos para o ressurgimento da Pátria.

.....

E assim cumprimos nós o nosso dever, e a nossa consciência dorme tranqüila por termos prestado o devido preito àqueles que se sacrificaram pela Pátria.

Renato Brito
2.º ano médio

FORÇAS MOTRIZES

A fôrça motriz tem sido desde os tempos mais antigos uma das maiores preocupações da humanidade, preocupação esta que se justifica pela elevada influência que exerce na actividade humana.

As fôrças motrizes são auxiliares essenciais da produção.

A historiação do seu pogresso é bastante interessante e mostra bem qual o desenvolvimento das fôrças motrizes no momento actual.

O homem começando por empregar a sua própria força, reconheceu-a insuficiente e lançou mão das que o rodeavam. Primeiramente explorou a fôrça do seu semelhante mais fraco, exercendo o que se chama a escravidão. Mas como êste processo era muito dispendioso e de pouco rendimento, e além disso ia sendo cada vez mais condenável a sua prática, pela Civilização, o homem

domesticou animais que dispunham já duma fôrça mais compatível com as indústrias humanas.

Só mais tarde, obrigado pelas exigências da Civilização, se aproveitou das fôrças mecânicas, recorrendo primeiro ao vento e depois às correntes de água.

Porém, necessitava de empregar a fôrça quando e onde quizesse, vantagens que as fôrças fornecidas por êstes dois agentes naturais não ofereciam: a primeira por ser intermitente e a segunda localisada.

E nêste estado se manteve o homem até ao século passado, em que, com o desenvolvimento do estudo da expansibilidade dos gases lhe surgiu a ideia do vapor.

Esta importante descoberta abriu aos homens de sciência o caminho para grandes invenções.

Dotados duma impecável persistência, êles continuaram nas suas investigações scientíficas, conseguindo a maior descoberta do século XIX- a electricidade.

Todavia a fôrça motriz mais recente é a das correntes, que se desenvolvem com o aparecimento das turbinas e dos dinamos.

A corrente de água toma as denominações de hulha branca, verde ou azul, conforme provém das grandes correntes, pequenas correntes, ou marés. Esta forma de energia é muito económica.

Pode dizer-se que o século XIX foi o século do vapor e o século XX o da hulha branca.

Outra fôrça de grande alcance é a energia do rádio. É tão importante esta energia, que um célebre scientista chegou a afirmar que a energia latente nas moléculas dum cêntimo de rádio seria suficiente para um comboio dar quatro voltas à Terra e que a máquina a vapor era um instrumento destinado a figurar nos museus arqueológicos ao lado dos machados de silex da pré-história.

*

* *

A eletricidade tem despertado em todo o mundo o interêsse dos grandes inventores, os quais após aturados trabalhos têm levado a efeito maravilhosas descobertas, que causariam excepcional admiração entre os nossos antepassados.

As maiores aplicações da eletricidade são: a iluminação elétrica; a telefonia devida a Bell; a telegrafia inventada por Morse e a telegrafia sem fios, fundada no principio das ondas Hertzeanas e à qual Marconi tem dado grande impulso, pela introdução de importantíssimos aperfeiçoamentos.

A T. S. F., bem como tôdas as aplicações da energia elétrica, tem grande influência na vida económica dos povos, pois permite que as comunicações se intensifiquem, contribuindo dum modo extraordinário para o desenvolvimento do comércio mundial.

Mas o emprêgo da eletricidade vai mais além e para se fazer uma ideia mais completa da sua vastidão, leia-se o trecho que se segue traduzido da revista franceza *Je sais tout* de 15 de dezembro de 1923, àcêrca de duas notáveis invenções.

«A exposição de Física que acaba de se abrir no Grand Palais, em Paris, têm sido para a quási totalidade dos visitantes ocasião de tomar conhecimento de inesperados e curiosos trabalhos. Assim os numerosos amadores da T. S. F. constaram com surpreza e satisfação que, graças ao engenho dos inventores e construtores franceses, se tinha realizado um dos seus sonhos mais caros, resolvendo-se o problema há tanto debatido: o *redressement* da corrente alternativa.

A êste respeito o *redresseur* exposto no *Stand* dos Estabelecimentos de L. Rosengart parece realizar o máximo de qualidades que é permitido exigir dum aparelho desta natureza. Este aparelho não oferece sòmente o seu precioso préstimo aos tecefistas, mas a todos aqueles que fazem uso da corrente elétrica, como os profissionais de eletricidade, automobilistas, preparadores de laboratório, especialistas de galvanoplastia, médicos, etc. etc.

O *redresseur* de corrente deve obter grande sucesso, devido à afamada reputação que gosam os Estabelecimentos de L. Rosengart, fundados em 1903, em Paris, e aos quais se deve a criação do alternaciclo e de engenhosos dispositivos para iluminação de bicicletas.

Estes construtores passam por grandes mestres no estudo, na construção e na vulgarisação dos aparelhos elétricos.

Desde a sua aparição, o *redresseur* tem-se assinalado como sendo o único verdadeiramunte prático, simples, perfeito e económico, oferecendo também a máxima segurança, graças ao seu conjuntor-disjuntor.

Este aparelho não é apenas um vibrador de contactos tão fàcilmente dirigido, nem dum *redresseur* para lâmpadas de mercúrio, sempre frágil e dum rendimento aleatório.

O aparelho Rosengart é um *redresseur* para colector movido por motor síncrono, scientificamente construido e cujo funcionamento é tão simples como perfeito, não obstante o seu preço módico. O seu rendimento para mais de 80% não fará o *redresseur* o mais económico que existe no momento actual?

Sem dúvida alguma, êle pode ser empregado para um conjunto de casas, sobretudo nas grandes cidades, pois que sôbre as redes parisienses, por exemplo, carrega as baterias da T. S. F. por menos de 25 cêntimos de energia elétrica!

Não é maravilhoso?

Mas o *Stand* de L. Rosengart reservou aos visitantes ainda uma outra surpreza: continuando os seus estudos relativos ao Alternaciclo, êstes contrutores acabam de apresentar pela primeira vez o Altérfono As características principais dêste aparelho, são rialmente maravilhosas. O Altérfono é um pequeno e interessante aparelho, movido a uma velocidade rigorosamente constante, destinado ao funcionamento dos discos do fonógrafo.

Este aparelho suprime os movimentos mecânicos, os reguladores e os seus aborrecimentos, e sobretudo a remontagem. Ele adapta-se a qualquer corrente alternativa e permite obter tôda a escala de velocidade para mover todos os discos.

Sòlidamente construído, é ao mesmo tempo robusto e duma regulação perfeita.

A sua marcha, simples e garantida, facilita o seu funcionamento e põe assim o fonógrafo prático ao alcance de todos, com um consumo de 0,10 Frs. por cinco horas de música. Se se ajuntar a isto que o seu preço de compra é dos mais módicos, concordardar-se há que tudo como o *redresseur* de corrente esta outra invenção de L. Rosengart, constitui uma das mais interessantes revelações da Exposição do Grand Palais de Paris

Além disso, êste motor, com uma velocidade constante, muito leve e de consumo de corrente diminuto, poderá servir certamente noutros usos, mais a mais dada a circunstância da electricidade penetrar duma forma progressiva nos usos domésticos, tornando se cada vez mais prática e familiar.

Estas e outras invenções mostram bem o incremento que vai tomando o emprêgo da electricidade.

É nesta importante fonte de energia que os *futuristas* depositam as suas esperanças para se tornarem realizáveis verdadeiras maravilhas.

Está nêste caso a *televisão* que consiste em se obter num alvo a imagem da pessoa com a quem se fala pela T. S. F., para a realização da qual trabalham com afan muitos especialistas.

Ernesto Praça
2.º ano de comércio

O estandarte de D. João 1.º?

Quando últimamente a missão de arqueólogos e jornalistas, visitou o norte de Africa subordinado à Espanha, o sr. Rocha Júnior publicou no *Diário de Notícias* as interessantíssimas crónicas dessa jornada.

A nós mocidade, entusiasma-nos sempre as Páginas da História que nos falam ao coração. Não é pois caso estranho que também vós, meus camaradas, vos entusiasmásseis ao lerdes, como eu, aquele bocadinho que se referia ao respeito que todos votam em Ceuta pela bandeira de D. João.

Essa bandeira guardada por archeiros perfilados que um portugues beijou em nome duma Pátria inteira, ser tida como relíquia numa praça em que já foi Senhora, é decrescer, è certo, mas é ser lembrada.

Mas paremos as nossas fantasias e vejamos: talvez êste alvoroço seja vão

Se consultarmos a *História e Genealogia* do sr. Afonso de Ornelas, vemos que o mesmo senhor transcreve na pag. 107 do vol. V o seguinte trecho da *História de Ceuta* por D. José. A. Marquez do Prado:

Na casa do Ayuntamiento de Ceuta conserva-se um estandarte de damasco encarnado, o qual se encontra bastante deteriorado, sem dúvida alguma, pela sua antigüidade. E' a insígnia que o Alferes-mor, ou o governador da praça levam aos actos públicos da municipalidade.

Todos os habitantes naturais da cidade conservam por tradição a crença de que o dito estandarte, o tomou nas suas mãos ao saltar em terra, el-Rei D. João 1.º de Portugal. Tive ocasião de examinar minuciosamente êste estandarte monumental e desde logo me atrevi a manifestar, que considero equívoco o conceito da procedência; fundo-me em que o estandarte em questão, se bem que tenha na face esquerda as armas de Portugal, na direita apresenta as de Castela e Lião, de onde deduzo, que esta insígnia não é outra coisa do que o pendão real com que se proclamou em Ceuta a soberania de Espanha quando Portugal passou a ser um dos seus domínios —.

Quem acertará? A tradição popular, ou as afirmações do sr. Marquezdo Prado?

Seria conveniente nós saber-mo-lo para que no caso de ser o sr. D. José A. que acerte, não mais português algum beijar de novo — e em nome da Pátria — um pavilhão que tão tristes recordações nos traz.

João Pires Antas
2.º ano geral

A natação

Entre os inúmeros desportos que actualmente se praticam, a natação ocupa sem dúvida um dos lugares mais importantes pelas suas enormes vantagens sob o ponto de vista da educação física.

Examinando êste ramo de desporto, vemos que êle é preferível a qualquer outro.

Consideremo-lo primeiramente sob o ponto de vista da respiração.

Sendo um exercício que não permite a respiração em qualquer ocasião mas sòmente em intervalos regularmente espaçados, fàcilmente veremos as vantagens que dêle advêm para o aparelho respiratório, tanto mais sabendo nós que êle é por assim dizer a chave de todos os desportos.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento muscular, êste desporto é um dos mais convenientes, pois exije grande dispêndio de energia, movimentos certos e combinados de membros, e especialmente por êles serem executados num meio tão favorável como é a água fria.

Do que fica dito fàcilmente se depreende que êste desporto é preferível a qualquer outro, pois que se no foot-ball se robustecem especialmente as pernas e nos lançamentos os braços, neste tôdas as partes do corpo se desenvolvem igualmente.

Vejamos quais os estilos que mais fieqüentemente são empregados.

BRUÇOS — E por êste que geralmente se começa a aprender, devido em parte à grande estabilidade e ao cansaço insignificante que nos dá esta posição.

OVER-ARM e UNDER-ARM — Estes métodos diferem em que no primeiro o braço sai da água para tornar a entrar, e no segundo os braços fazem os movimentos debaixo de água.

Qualquer dêles pode aínda dividir-se em direito e esquerdo, conforme são praticados inclinando o corpo respectivamente para a esquerda ou para a direita.

O over e o *under* esquerdos, são os preferíveis e menos incómodos devido à menor pressão efectuada sôbre o coração.

TRUDGEON — E' o estilo dos nadadores de grande fundo, pois que fazendo-se a respiração muitas vezes de 5 em 5 braçadas e até mais, isso só é possível a indivíduos resistentes.

CRAWL — E' o estilo que se emprega nas corridas de velocidade até uma milha, porque sendo em parte uma modalidade do

Trudjeon, ainda fatiga mais, devido à grande soma de energia que é preciso dispender.

Para se praticar com proficuïdade êste belo desporto num lugar afastado do mar como é o Instituto, torna-se necessária uma piscina.

Felizmente já alguém alvitrou a sua construção para aprendizagem dos alunos, identicamente ao que se faz na Casa Pia de Lisboa.

Oxalá que essa idea tenha realização, pois numa escola como a nossa seria de um grande alcance educativo.

A. J. Pires
2.º ano geral

FOOT-BALL

O Instituto triunfa do Asilo Maria Pia por 3 bolas a 2.

Foi êste o nosso primeiro desafio da época 1923-1924.

O nosso grupo bastante diferente do do ano passado, tém a dura tarefa de manter ao mesmo nivel o nome do Instituto no resultado final de tôdas as provas.

O JOGO — Depois da escolha do campo, alinharam-se os grupos, o árbitro deu comêço ao jôgo, saindo o Asilo com uma esplêndida avançada, conseguindo invadir o nosso campo até junto da linha de defeza; porém esta está atenta, desarma e devolve o esférico para o campo adversário onde se mantém por algum tempo.

O Asilo com a sua linha avançada a trabalhar com eficácia, conseguiu por vezes pôr em perigo as nossas rêdes e marcar a sua primeira bola. Depois desta bola marcada, tivemos um leve domínio durante o resto da primeira parte, terminando esta por uma bola a zero, a favor do Asilo Maria Pia.

2.º meio tempo. Pouco depois do seu comêço, conseguimos o empate, que, em breve se transformou novamente numa vitória a favor do Asilo, resultado que se manteve quási até final.

É nos últimos minutos de jôgo que os nossos elementos, com uma energia que é caracteristica dos Pupilos, conseguem igualar o número de bolas, dominando o adversário com absoluta nitidez, obrigando-o a manter uma defensiva tenaz, procurando não alterar o resultado até aqui obtido. Mas um dos seus defesas comete na grande área uma infracção que é punida com uma grande penalidade, sendo esta imediatamente transformada numa terceira e última bola a nosso favor.

Nêste encontro notou-se muito pouca coesão na nossa linha de ataque, sendo essa falta suprida pela grande energia posta em jôgo. A linha de médios trabalhou com acêrto no fim do segundo meio tempo. Da defeza há a notar o bom trabalho do defeza esquerdo, que foi incançável durante todo o desafio.

Mário

Curiosidades Scientíficas

Ao iniciarmos no *Profissional* esta nova secção que alia as qualidades de útil, agradável e interessante, seja-nos permitido dizer que essas curiosidades, como sejam pequenas invenções e descobertas de alcance prático, não são evidentemente da nossa autoria.

Temos de ir procurá-las a revistas especializadas que sempre encerram pequenas coisas agradáveis de ler, e de muita utilidade prática, buscando em especial as revistas francesas de que mais fácilmente podemos servir-nos.

Um construtor americano, cujo nome ignoramos, acaba de construír um relógio duma enorme utilidade prática, podendo servir-nos dêle como se fôsse um despertador, mas ainda mais vantajoso.

Consta do aparelho vulgar de relojoaria, tendo em tôda a roda do mostrador um anel onde se acham várias fendas de intervalos muito pequenos, equidistantes entre si. Nessas fendas podem ser introduzidas umas fichas de cartão que têm a propriedade de armar no relógio um mecanismo especial que o faz soar no momento preciso que nós desejamos.

Suponhamos por exemplo, que para as 15 horas desejamos ir visitar um qualquer amigo A.

Tomamos uma ficha em branco que se encontra ao lado do corpo do relógio, escrevemos nela uma qualquer anotação alusiva, como *Visitar o Snr. A*, e introduzimo-la depois na fenda correspondente às 15 horas.

Na ocasião em que os ponteiros do relógio chegam às 15 horas em ponto, o relógio soará como se fôsse um despertador, chamando-nos a nossa atenção.

Podemos lá introduzir tantas fichas quantas quizermos, correspondendo cada uma às diferentes ocupações do dia. Desta maneira o relógio não soará uma só vez, mas sim tantas quantas as fichas cuja inserção lá fizemos.

José Coelho da Fonseca
2.º ano médio

1924

Os que julgam que o futuro é uma charada indecifrável, estão enganados; o futuro é um enigma mais ou menos pitoresco que só capacidades privilegiadas como nós conseguem decifrar.

Certos de que êste assunto despertará nos nossos leitores ilimitado interêsse, que se converterá no grande número de cartas com palavrinhas doces que contamos receber, resolvemos dizer algumas coisas acêrca do ano de 1924.

O ano de 1924 terá 12 mezes e 366 dias.

Analizando bem êste esclarecimento, e, não esquecendo que 3 vezes 9 são 27, chegamos à conclusão de que êste ano será bissexto. Aos que não conhecem o significado desta palavra, explicaremos que é formada por duas partes principais *bi* e *sexto* que nos indicam a reünião de dois algarismos 6; o *s* que falta é uma abreviatura do algarismo 3, pois, segundo um tratado de Mecânica Irracional que temos presente, qualquer algarismo pode ser abreviado pela sua última letra Enfim, resumindo o discurso, *bissexto* representa 366.

Pôsto isto, julgará o leitor que vamos encher de sombras negras e maus preságios S. Ex.ª o ano que principia. Tal porém não afirmaremos nem sucederá; pelo contrário, o ano de 1924 será um verdadeiro mar de rosas em que a nossa vida correrá ligeira como uma gôndola deslizando pelos canais de Veneza ou um carro de bois subindo uma ladeira.

Não haverá nêste ano crise de trabalho; pelo contrário o excesso de trabalho é que dará lugar a uma crise de super-abundância de tal ordem, que os nabos, nabiças, cenouras e outros palmípedes da mesma espécie andarão aos pontapés pelas ruas.

Em virtude dêste trabalho, a libra subirá nas escadas do câmbio com a velocidade de um pupilo que chega tarde ao Instituto, descendo portanto o seu valor em escudos como desce as escadas do Instituto um pupilo que vai para Férias.

No ano de 1924 não haverá também revoluções; nascerão cogumelos nos canos das espingardas, as peças de artilharia abrirão aborrecidamente a boca, as metralhadoras jogarão a bisca para matarem o tempo e os soldados dormirão parados nas paradas dos quarteis.

Não podíamos deixar de dizer alguma coisa a respeito da vida no Instituto. Aqui, será êste ano mais aborrecido do que qualquer dos seus antecessores. As aulas parecer-nos hão séculos e os domingos horas, o banho cada vez mais frio e os professores mais irritantes. O estuque das paredes das aulas far-nos há mal à vista pelo seu brilho e a caliça do tecto cair-nos há pouco a pouco em cima da cabeça.

Apesar disto, porém, a Terra continuará a girar em volta do eixo, o musgo a cobrir as paredes do Instituto e os generais reformados a dançarem com os ouriços, na opinião do nosso amigo Antas.

E eis o que podemos dizer aos nossos leitores acêrca do ano de 1924. Lamentamos só não poder dizer quais os números das sortes grandes das lotarias dêste ano; a pedido de várias famílias abriremos, porém, uma excepção e diremos que a *grande* do Natal sairá no número 4291.

Sociedade Anónima

Maldita!

Por ti hostilizei o mundo inteiro,
Por ti quebrei na luta a minha espada,
Por ti deixei a armas de guerreiro.
Por ti jaz a minha alma encarcerada;

Por ti renego os cantos da alvorada
E choro sôbre o catre dum mosteiro!
Por ti adoro as fúrias da nortada
E tenho ódio profundo ao justiceiro!

Mas que na porta desta cela escura,
Por Deus! Que ninguem tenha a vã loucura
De murmurar o teu nome vilão,

Que de novo tomando a minha lança,
Beijaria teu rosto de criança,
Para escarrar depois no meu Brazão!

Anémica

Tosses tanto! És tão magrinha!
Tens os lábios descorados...
Recordas uma andorinha
Pipilando nos telhados...

As tuas mãos já sem côr
São tão bem feitas, pequena!
São como as fôlhas da flor
Mas tristes, como a açucena...

Olhos vítreos de chorar!
Porque choras? Dize cá;
Olha que as águas do mar
Curam doenças; vai lá...

Vai lá, que o mar a quem sofre
É um pai, vela-lhe o sono!
...Antes que o vento de chofre,
Te leve... Fôlha do Outono!..

João Pires Antas
2.º ano geral

Será desta?!...

A fundação da Associação Escolar e a reorganização de «O Profissional»

Realizada de vez uma aspiração que data de muito tempo, dos ex-alunos desta casa — a fundação de uma associação — cumpre-nos agora, a nós alunos, que demos realização imediata a uma mais antiga aspiração dos alunos do Instituto: a fundação da Associação Escolar.

Grandes foram as dificuldades vencidas para se conseguir a fundação do Grémio Pupilos do Exército, maiores têm sido as dificuldades para a fundação da Associação Escolar.

Quais as dificuldades que impedem a realização da nossa aspiração?

Evidentemente que os únicos obstáculos que podem surgir são: o individualismo e o indiferentismo, que dum modo geral são a caracteristica de todo o ser humano, que impedem todos os projectos por melhores que sejam. Não nos admiremos, pois, que êsse mal tivesse chegado até nós; admiremos-nos antes de ainda termos reagido. E, como conseqüência directa do indiferentismo, nota-se a diminuïção do espirito de iniciativa, que se acentua à medida que aquele se vai manifestando. Por vezes chega-se até a censurar aqueles que por qualquer forma tentam reagir contra êsse letargo crescente.

Mas, desde que se tenha formado uma idea, que seja a expressão legitima duma aspiracão, ela mais tarde ou mais cêdo ha-de vingar.

Em qualquer sitio, ela ha de romper a camada envolvente, que impede o seu desenvolvimento, surgindo à luz do dia e mostrando-nos a clara realidade.

E' exactamente o que sucederá connosco: pensámos há muito tempo na fundação da Associação Escolar; êsse pensamento tem estado envolvido por uma camada, que parece indicar um ponto de rutura, e de aí então surgirá a tão falada Associação Escolar.

Essa rutura que nos parece já próxima e que dará lugar à realização da nossa aspiração é o desaparecimento do indiferentismo e do invidualismo entre nós.

Portanto vê-se que as dificuldades que existem são as criadas por nós próprios; logo fácil nos será extinguí-las desde que tomemos essa resolução.

Não há razão para que alguns cheguem a descrer do conhecido lema:

QUERER É PODER

Na realidade querer é poder só quando se pode querer; mas como nem sempre se pode querer...

Ora tudo isto vem a propósito de há tanto tempo se falar na fundação da Associação Escolar, e ainda se não ter conseguido reünir as energias precisas para levar a cabo essa legitima aspiração, como muito bem diz o nosso presado camarada Renato Brito, no seu artigo sôbre Excursões.

Com efeito, em tôdas as escolas superiores, médias, secundárias e até primárias, existem associações escolares; só no Instituto, uma escola média, onde a sua simples categoria no-la impõe, ela não existe.

Uma vez fundada, ela fomentará um maior desenvolvimento dos desportos, (mas não só do foot-ball em que muitos simbolizam esta palavra), organizará festas, excursões, e outros divertimentos para os alunos.

A fundar-se a Associação, como julgo possível, ela deve assentar em bases que ofereçam a estabilidade necessária para a sua manutenção. E' preciso que não suceda o mesmo do que com *O Profissional*, à volta do qual se tem feito um vácuo que certamente a continuar acabará por asfixiá-lo.

Como bases essenciais que julgo para a vida da Associacão, apontarei as seguintes:

1.ª) Deverá ser dirigida e administrada pelos alunos, tendo uma autonomia própria.

2.ª) Os dirigentes devem oferecer a garantia do trabalho que se propõem realizar.

Uma vez que a Associação assente nestas bases, teremos a garantia segura da sua longa vida.

No que diz respeito a fundos parece-me que não será difícil adquiri-los desde que estejamos cercados de boas vontades.

Erro foi que os alunos que organizaram a excursão no ano passado, pôsto que não existisse ainda a Caixa de Excursões, quando entregaram o saldo à Mutualidade, o não tivessem feito com a condição de que fundada a Associação Escolar, a Mutualidade lhe entregasse, não digo tudo, mas uma parte da importância recebida. Contudo é possível que a Mutualidade não negue um capital inicial, desde que isso lhe seja solicitado.

A organização de festas, a excursão a realizar e ainda o produto da venda de *O Profissional* hão-de trazer certamente fundos para a Associação.

* * *

A par da fundação da Associação Escolar, de outra questão capital temos de tratar: a reorganização de *O Profissional*.

Seja-nos permitido confessar que *O Profissional* tanto no seu aspecto como na natureza dos seus artigos e até no seu próprio nome, não corresponde ao que deveria ser, um órgão de alunos duma escola média.

Basta o nome do jornal, para dar imediatamente a impressão de se tratar de um órgão de uma escola de artes e oficios, escola elementar de indústria, enfim, de qualquer escola onde predomina o ensino profissional sôbre todos os outros; mas o que nunca indica, é que se trata de uma escola de ensino médio de comércio e indústria.

Na realidade o nome corresponde à categoria do jornal, mas êste é que não corresponde de modo algum à categoria da escola.

A designação — Mensário dos Pupilos do Exército — também a acho incompleta, e por vezes pode dar lugar a interpretação diversa da que deve ter.

Julgo eu que seria mais natural, mais expressivo, mesmo mais próprio, dar-lhe o nome:

Pupilos do Exército

Órgão dos alunos do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

Evidentemente que com esta designação não haveriam mais dúvidas sôbre a colectividade ou escola a que pertence o jornal.

Além disso é incomparàvelmente mais conhecido o nome de Pupilos do Exército do que o de *Profissional*; portanto teria assim maiores probabilidades de se expandir e pôr ainda mais em evidência o nome do nosso Instituto.Impõe-se portanto, a mudança do nome do nosso jornal.

Mas a simples mudança não basta! E' preciso que ao mesmo tempo uma remodelação completa se faça; que se lhe dê um outro aspecto; que a natureza dos seus artigos seja de forma a interessar os leitores; que se dê um maior desenvolvimento à secção desportiva; que se criem tôdas as secções próprias de um jornal académico.

O Profissional, que da última gerência herdou um saldo devedor de 51$60, a continuar a mesma orientação acabará infalivelmente por dar o último suspiro. E será preferivel extingui-lo de vez do que continuar a existir nas condições actuais?

Quais as causas a que atribuir o seu estado actual?

Como causas a que se deve atribuir o actual regime citarei:

1.ª) Incúria das últimas Direcções;

2.ª) Diminuição de compradores;

3.ª) Entrega dos fundos obtidos á Mutualidade;

4.ª) Despesas sem haver receitas para as fazer;

5.ª Existência de grandes reservas;

6.ª) Inteira liberdade de acção das Direcções.

Foram estas as causas que mais directamente contribuiram para o estado actual de *O Profissional*.

Mas felizmente já se conseguiu pôr um dique para que êsse estado não se agrave, e agora a obra reconstrutiva vai começar, e convencido estou de que ela se ha-de realizar, apesar de alguns que não tendo conseguido ver realizadas as suas aspirações, cruzarem os braços como protesto.

Mas descancem êssses, que o facto de cruzarem os braços retirando-lhe o apoio até agora dispensado, não contribuirá para que a queda de *O Profissional* seja acelerada. E até, se as coisas seguirem o rumo que vêm tomando, creio bem que terão ainda bastante que esperar; e quando êle baquear, talvez sejam êsses que tenham de suportar-lhe o embate ...

Felizmente em compensação uma outra corrente se vém acentuando, disposta a reagir contra tôda a espécie de obstrucionismo e colocar-nos de vez à altura em que devemos estar.

A Associação Escolar e a reorganização de *O Profissional* encontram-se já no capitulo das Realizações Imediatas, e em breve serão factos consumados.

E' caso para preguntar: será desta? Parece ser realmente desta.

Já se está trabalhando na organização do regulamento de *O Profissional*, trabalho êste que por todo o mês de Janeiro há-de ficar concluido e apresentado à Assembleia geral, sendo também nessa altura apresentada a proposta da fundação da Associação Escolar.

Para levar a bom termo a sua realização é preciso, caros camaradas que se ponham de parte tôdas as más vontades e que todos se disponham a trabalhar pelo ideal comum.

Trabalhemos e confiemos.

V. M.

O patife tem sôbre o homem honrado a vantagem de que, sendo preciso, pode fazer coisas honestas sem deixar de ser patife, ao passo que o outro não pode fazer uma coisa má sem deixar de ser homem honrado.

Valtour

Ecos

'A semelhança do que se fez no passado ano lectivo, está-se projectando para as próximas férias da Páscoa uma excursão à nossa provincia do Alentejo.

Já para êsse efeito os S.rs Capitão Viegas e Tenente Pontares foram a E'vora como delegados da Comissão Organizadora, afim de colherem os elementos indispensáveis.

Segundo os planos da Comissão, visitar-se-há 'Evora, onde a permanência será de 4 dias, Extremoz, Vila Viçosa e no regresso Setúbal e Serra da Arrábida.

Em 'Evora, que é por assim dizer a base da excursão, realizar-se hão dois encontros de foot-ball e dois espectáculos, de cujos programas fará parte a representação da peça *Auto do Heróis*, e um número de esgrima de florete.

Pensa-se tamoém em que um dos encontros de foot-ball, se efectuará durante uma festa desportiva onde apresentaremos uma escola de esgrima de baioneta.

O producto da excursão não será êste ano ùnicamente destinado à Mutualidade, mas também a uma futura Caixa de Excursões.

No próximo número diremos mais alguma coisa sôbre o assunto.

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar neste número o artigo sôbre o *Grémio Pupilos do Exército*, conforme prometemos no número passado, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Está-se pensando em fundar no Instituto uma *Associação Escolar*, destinada a dar ainda um maior impulso ao nosso desenvolvimento desportivo.

Oxalá ela desta vez vá àvante, porque disso só temos lucros a tirar.

No passado dia 27 de Dezembro, realizou-se no Teatro de S. Carlos um grandioso sarau a favor do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na qual tomaram parte os alunos do Instituto representando a peça em 1 acto do Ten. Coronel sr. Alberto Cardoso dos Santos, *Auto dos Herois*, que já em Julho passado obtivera grande êxito no Teatro Nacional, a quando da nossa festa final a favor da Mútualidade.

'E-nos grato transcrever a carta em que a Comissão do Sarau agradeceu ao Ex.mo Director do Institito a comparência dos alunos:

«A Comissão Nacional do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, promotora do sarau realizado no teatro S. Carlos na passada noite de 27 do mês findo, para cujo brilhantismo galhardamente concorreram os alunos do I. P. P. E. que V. Ex.ª tão digna e proficientemente dirige, vem apresentar a V. Ex.ª os seus fervorosos agradecimentos pelo valioso concurso prestado no referido espectáculo pelos intérpretes do *Auto dos Herois*, solicitando-lhe se digne transmitil-os a todos os educandos que na sua representação evidenciaram o grau de cultura intelectual e artistico a que V. Ex.ª, e os oficiais que à obra do Instituto dedicam o melhor do seu dedicado esfôrço, tem elevado a educação nesse modelar estabelecimento».

Encontra-se de novo com baixa ao Hospital Militar da Estrêla, o S.r Capitão Narchial Franco, professor da 1.ª Secção do Instituto.

O Profissional em nome de todos os alunos faz votos pelas suas melhoras, desejando-lhe um pronto restabelecimento.

A classificação dos grupos que concorrem ao Campeonato Escolar de Foot-ball na 1.ª Divisão do Grupo B, ao terminar a 1.ª volta era a seguinte:

Quadro dos pontos referentes às diferentes escolas na 1.ª volta do Campeonato Escolar

Grupos	Jogos	Vitórias	Empates	Derrotas	Bolas Pró	Bolas contra	Pontos
Pupilos	3	3	—	—	14	2	6
E. Académica	2	1	—	1	2	5	2
C. Militar	2	1	—	1	1	6	2
Asilo M. Pia	3	—	—	3	2	6	—
Casa Pia	—	—	—	—	—	—	—

O Grupo da Casa Pia desistiu do Campeonato.

'A data que escrevemos faltava ainda realizar o desafio Académica-C. Militar.